



*Tradução de José Manuel Lopes*





## UM

### I

TITUS TEM sete anos e está confinado ao castelo de Gormenghast. Amentado pelas sombras. Desmamado, se assim se pode dizer, pelas teias do ritual: para os seus ouvidos, ecos; para os seus olhos, um labirinto de pedra; e contudo, dentro do seu corpo, algo diferente, estranho a esse legado umbroso. Pois primeiramente, e acima de tudo, ele é uma *criança*.

Um ritual mais envolvente, do que alguém jamais concebeu, tenta lutar contra essa escuridão ancorada. Um ritual do sangue; do sangue latejante. Esses âmagos do sentir nada devem aos seus antepassados, mas a esses anfitriões sem mácula, com uma profundidade de triliões, instalados no globo da infância.

O dote do sangue vivo. Do sangue que ri quando os dogmas dizem «Chora». Do sangue que se enche de luto quando as leis endurecidas coaxam «Alegra-te!» Oh, que pequena revolução em grandes sombras!...

Titus, o septuagésimo sétimo. Herdeiro de alturas esboroadas num mar de urtigas, de um império de ferrugem fulva, de pegadas rituais enterradas na pedra até aos tornozelos.

Gormenghast.

Distante e arruinado, esse castelo medita na penumbra: a imemorial cantaria: as torres, as extensões de terreno. Estará completamente corroído? Não. Através de uma avenida de pináculos flutua um zéfiro, um pássaro assobia, uma inundação parece irromper de um rio asfixiado. Bem dentro de um punho de pedra meneia-se uma mão de boneca, quente e rebelde sobre a palma gelada. Uma sombra muda o seu alcance. Uma aranha agita-se...

*E a escuridão toma alento entre as personagens.*

## II

Quem são as personagens? E que veio ele a saber delas e da sua residência desde esse dia distante em que nasceu da Condessa de Groan, num quarto repleto de pássaros?

Titus aprendeu um alfabeto de arcos e corredores: uma linguagem de sombrios degraus e de vigas cobertas de borboletas nocturnas. Os salões são os seus obscuros recintos de recreio: os campos são para ele praças e as suas árvores pilares.

E aprendeu que existem sempre olhos. Olhos vigilantes. Pés que o seguem e mãos que o seguram quando se debate, que o levantam quando cai. Olha para os seus próprios pés sem sorrir. Figuras altas fazem-lhe vénias. Algumas cobertas de jóias; outras de andrajos.

As personagens...

As animadas e as mortas. As formas, as vozes como uma multidão na sua mente, pois dias existem em que os vivos não têm qualquer substância e os mortos se tornam activos.

Quem são estes mortos? Estas vítimas da violência; que já não influenciam o calmo curso da vida em Gormenghast, excepto através de uma imortal repercussão? Pois as ondas concêntricas ainda continuam a abrir anéis escuros e um movimento corre sobre as águas arrepiadas, embora as pedras afogadas permaneçam imóveis. Essas personagens que para Titus são apenas um nome... embora uma delas seja seu pai e todas vivessem ainda quando ele nasceu... Quem são afinal? Pois a criança terá novidades suas.

## III

Deixai-as aparecer por um breve instante etéreo, como fantasmas, separadas, dissimilares e completas. Ei-las que se animam agora, como antes da morte, nos seus próprios espaços. Os frios rolos de pergaminho do Tempo dobram-se sobre si mesmos até que os anos mortos falem ou será na pulsação de *agora* que os espectros acordam e vagueiam através das muralhas?

Existia uma biblioteca que é já cinzas. Que o seu longo comprimento se volte a materializar. Mais do que as paredes de pedra, os seus muros de papel são mais espessos; armados de conhecimentos, de filosofia, de poesia que flui e dança, ainda que fixa na suas trevas. Escudado em estopa, em

calfe, num peso frio de tinta, medita ainda o espectro de Sepulchrave, o melancólico conde, septuagésimo sexto lorde da meia-luz.

Recuamos cinco anos. Inconsciente de em breve vir a ser morto pelas corujas, ele parece encher de luto cada um dos seus gestos lânguidos, cada uma das suas finas feições, como se o seu corpo fosse vítreo e, bem no centro, o coração invertido de lágrima.

Cada respiração sua é um refluxo que o deixa mais distante de si mesmo. Flutua, em vez de navegar para a ilha dos loucos, para além de todas as rotas comerciais, num mar estagnado, com as suas altas escarpas a arder.

Titus não faz a mínima ideia de como ele morreu. Pois essa criança ainda nunca viu, muito menos falou, com o esguio Homem dos Bosques. Flay era o escudeiro de seu pai e a única testemunha da morte de Sepulchrave quando, ao subir enlouquecido à Torre das Pedreiras, o Conde se entregou à fome das corujas.

Flay, o cadavérico e taciturno, com o estalar das suas articulações dos joelhos a revelarem a sua passagem a cada passo de aranha, apenas ele entre todos estes fantasmas perfilados, vive ainda, embora tivesse sido banido do castelo. Porém, tão inextricavelmente se encontra Flay tecido na confusão da vida interna desse recinto que, se alguma vez um homem estivesse condenado a preencher a lacuna da sua própria ausência com o seu espírito, decerto seria ele.

Pois a excomunhão é uma espécie de morte, e é um homem bem diferente do criado do Conde de há sete anos quem se move agora pelos bosques. Então, simultaneamente esfarrapado e barbudo, dispõe armadilhas para os coelhos numa ravina de fetos, enquanto o seu fantasma se encontra ainda sentado num alto corredor, glabro e há já muito tempo, à porta do seu amo. Como poderá ele saber que não irá demorar até que, pela sua mão, adicione um outro nome ao rol dos assassinados? Tudo o que ele sabe é que a sua vida corre um perigo iminente: que anseia com cada nervo do seu esguio e tenso corpo sem jeito pelo fim dessa insuportável rivalidade, ódio e apreensão. E ele sabe que só poderá vir a acontecer quando ele ou esse gordo e oscilante horror for destruído.

E assim aconteceu. Esse oscilante horror, o chefe de cozinha de Gormenghast, flutuando como um leão-marinho banhado pela lua, com uma longa espada espetada no peito, semelhante a um longo mastro, fora mortalmente atingido uma hora antes do conde. E aqui vem ele outra vez, numa região que ele fez peculiarmente sua de um modo mole e cruel. De todos os

volumes impositivos e decerto o mais ilusório, se de facto não existe peso nem substância num fantasma, é Abiatha Swelter, que avança com dificuldade numa pastosa enfermidade de gordura, através dos fumos e do chão molhado da Grande Cozinha. De entre vagas provisões e grandes tachos de carne quase a flutuar, de tigelas semelhantes a banheiras, ergue-se e rola, como uma maré miasmática, o odor palpável das refeições do dia. Navegando com todas as velas enfunadas, o fantasma de Swelter torna-se mais esfumado devido aos vapores. Como se ele se tivesse transformado no fantasma de um fantasma, apenas com a sua cabeça de pele de camurça retendo uma certa solidez, com a arrogância dessa sua obesa cabeça exsudando um mesmo suor amaldiçoado.

Vaidoso e vil como é, esse pesado fantasma recua um passo, para dar passagem ao espectro de Sourdust na sua ronda. Mestre de Rituais, talvez a figura mais indispensável de todas, pedra-angular e guardião da lei de Groman, as suas mãos nodosas e fracas percorrem os nós da sua barba hirsuta. Ao surgir cambaleante, os farrapos vermelhos do seu traje oficial caem-lhe em torno do corpo sombrio como festões. Ele está verdadeiramente mal de saúde, mesmo para um fantasma, tossindo incessantemente de um modo seco e horrível, com as madeixas grisalhas da sua barba a abanarem. Teoricamente, está imensamente feliz por ver em Titus um herdeiro para essa Casa, mas as suas responsabilidades tornaram-se demasiado pesadas para que o seu coração possa descansar, mesmo se ele pudesse atrair a esse órgão gaguejante uma sensação tão trivial como essa. Arrastando os pés, de cerimónia em cerimónia, com a cabeça crestada elevando-se contra o desejo de tombar sobre o peito, coberta de tantas crateras e fissuras como um queijo rachado, ele personifica a antiguidade das suas altas funções.

Estava destinado que o seu corpo morresse nessa mesma fatal biblioteca, que presentemente, sob uma forma espectral, alberga a aparição de Sepulchrave. Enquanto o velho Mestre de Rituais se afasta e se esbate no ar febril da cozinha de Swelter, ele não poderá prever nem lembrar-se (pois quem poderá afirmar em que direcção se move a mente dos fantasmas?) que irá morrer com a boca repleta de acre fumo; ou que já morreu, sufocado pelo fogo, com grandes chamas a lamberem-lhe a pele enrugada, com línguas de ouro e escarlate.

Ele não poderá saber que foi Steerpike quem o queimou: que as irmãs de Sua Senhoria, Cora e Clarice, atiçaram a mexa, e que, desde essa hora, o seu suserano, o sacrossanto conde, encontrará o caminho da loucura tão claramente delineado diante de si.

...

Por fim, Keda, a ama-de-leite de Titus, caminhando em silêncio ao longo de um corredor salpicado de luz e de sombras cinzento-pérola. Que ela seja um fantasma poderá parecer natural, pois mesmo enquanto viva havia nela algo intangível, distante ou oculto. Ter morrido ao saltar para um grande poço de ar ao pôr-do-sol, já de si é suficientemente triste, porém, menos horrível do que os últimos momentos do conde, o chefe de cozinha ou do decrépito Mestre de Rituais; todavia, um fim mais breve para os vexames da vida do que a expulsão do esguio homem dos bosques. Tal como nesses dias, antes de ter fugido do castelo para morrer, cuida de Titus como se todas as mães que alguma vez viveram a tivessem aconselhado intimamente. Morena, quase cintilante como um topázio, é nova ainda, e a única coisa que a poderia ter desfigurado fora o facto de ter sido banida pelos Residentes Exteriores, e a prematura erosão de uma beleza excepcional — uma deterioração que progredia nela com uma velocidade impiedosa após uma adolescência quase espectral. Apenas Keda, entre todas essas figuras golpeadas pelo destino, pertence ao reino intolerável e pobre dos banidos, cujo lúgubre acantonamento, como uma formação de lama e de lapas, se agarra à muralha exterior de Gormenghast.

Os raios do sol incendeiam uma nuvem que brilha com uma cintilação desimpedida sobre as vidraças das cem janelas das muralhas sul. Trata-se de uma luz demasiado intensa para os fantasmas e Keda, Sourdust, Flay, Swelter e Sepulchre dissolvem-se nos seus raios.

São estas, resumidamente, as Personagens Perdidas. As poucas figuras iniciais que, ao morrerem, abandonaram o cerne da vida desse castelo antes de Titus ter feito três anos. O futuro dependia das suas actividades. O próprio Titus não faz muito sentido sem essas personagens, dado que na infância se alimentou dos seus passos, das sombras que projectavam contra os tectos altos, dos seus vagos contornos, dos seus movimentos lentos e rápidos, dos vários odores e vozes que tinham.

Não há nada que se mova que não tenha repercussões, e talvez um Titus já adulto possa ouvir os ecos do que em tempos aí se murmurou. Pois ele não surgiu no meio de uma assembleia estática de personalidades, num mero padrão, e sim num arabesco em movimento cujos pensamentos eram acções (ou, se assim não tiver sido), cujas ideias pendiam como morcegos da viga mestra de um sótão ou rodavam entre torres com asas semelhantes a folhas.

## DOIS

E QUE dizer dos vivos?

A mãe dele, meia adormecida e semiconsciente, tem ainda a noção da ira e o desprendimento do transe. Ela viu-o apenas sete vezes em sete anos. Depois esqueceu-se das salas onde ele vivia. Mas agora vigia-o, desde janelas secretas. O amor que ela sente por ele é tão pesado e tão sem forma como a argila. Uma longa procissão de gatos brancos segue-a para toda a parte. Um pisco fez um ninho no seu cabelo ruivo. Ela é a Condessa Gertrude feita de barro compacto.

Menos impositiva, contudo tão carrancuda e imprevisível quanto a mãe, é a irmã de Titus. Sensível como o pai, mas sem o seu intelecto, Fuchsia atira para trás de si a longa cabeleira negra, morde o lábio inferior da sua infância, franze o sobrolho, ri e medita. Pode ser terna, imoderada, desconfiada e crédula num só dia. O seu vestido carmesim acende os longos corredores, ou, brilhando sob um raio de sol que conseguisse atravessar os ramos mais altos, faz das sombras profundamente verdes um verde ainda mais escuro, e a escuridão mais verde.

Quem resta então da linha directa de ascendência? Apenas as tias, Cora e Clarice, as gémeas verdadeiras, irmãs de Sepulchrave. Tinham o cérebro tão debilitado que, para elas, conceber uma ideia seria correr o risco de uma hemorragia; e corpos tão defeituosos que os seus vestidos roxos parecem não lhes cobrirem nervos e tendões, mas estarem suspensos em cabides.

Dos outros? Dos que não pertenciam a uma linhagem tão importante? Em ordem de precedência social, talvez os Prunesquallor viessem em primeiro lugar, ou seja, o médico e a irmã de cabelo penteado para trás e ossos salientes. O médico com as suas gargalhadas de hiena, com o corpo bizarro e elegante, e o rosto de celulóide.

Os seus defeitos principais? A insuportável voz fina, o riso louco e os gestos afectados. A sua principal virtude? Um cérebro intacto.

A sua irmã Irma... Vaidosa como uma criança, magra como as pernas de uma cegonha e, com os seus óculos escuros, tão cega como um mocho à luz do dia... Tem saudades de escalar a hierarquia social, pelo menos três vezes por semana, para poder começar a subi-la novamente, agitando a pél-



vis. Cruza as mãos brancas e mortas por baixo do queixo, na esperança de poder disfarçar a sua ausência de seios.

E quem mais? Socialmente, já não há mais ninguém. Isto é, ninguém que, durante os primeiros anos da vida de Titus, tenha desempenhado qualquer papel que se prenda com o futuro dessa criança: a não ser o Poeta, uma figura incómoda e de cabeça como uma cunha, pouco conhecida dos hierofantes de Gormenghast, embora tivesse a reputação de ser o único homem capaz de atrair a atenção do Conde durante uma conversa. Uma figura praticamente esquecida, no seu quarto por cima do precipício de pedra. Ninguém lê já os seus poemas, mas ele mantém ainda um remoto estatuto — o de cavalheiro, segundo consta.

Todavia, à parte do sangue azul, um cardume de nomes surge na memória. O filho indispensável do falecido Sourdust, de nome Barquentine, Mestre de Rituais, é um indivíduo atarracado e pedante com setenta anos, que seguiu os passos do pai (ou, para ser mais exacto o seu *passo*, pois Barquentine tem uma só perna que se arrasta por corredores mal iluminados, auxiliada por uma ecoante muleta).

Flay, que já apareceu como o seu próprio fantasma, está bem vivo nas florestas de Gormenghast. Taciturno e cadavérico, não deixa de ser um tradicionalista da velha escola, tal como Barquentine. Porém, ao contrário deste, a sua ira quando a lei é transgredida, converte-se em acessos de uma acesa lealdade que o cega e domina, e não na intolerância pétrea e impiedosa desse aleijado.

Falar por fim na Sr.<sup>a</sup> Slagg parece-nos injusto. O facto de Titus, herdeiro de Gormenghast ter estado a seu cargo, tal como a sua irmã Fuchsia durante *a sua* infância, é certamente algo que deverá ser colocado à cabeça dos registos. Mas ela é tão pequena, tão medrosa, tão velha, tão quezilhenta, que não poderia nem iria querer ir à frente de qualquer procissão, mesmo no papel. A sua triste lamentação ouviu-se: «Oh, minha linda! Como foram capazes?...», e apressa-se na direcção de Fuchsia, para dar um leve estalo na cara da rapariga distraída, para ficar aliviada, ou para afogar o seu rosto seco como uma ameixa no ombro da rapariga. Mais uma vez, sozinha no seu quatinho, estende-se na cama e mordisca os pequenos nós dos dedos.

Steerpike não tem nada de assustador nem de rezingão. Se alguma vez tivesse tido uma consciência no seu peito estreito e forte, por essa altura já a teria arrancado e atirado fora, atirado para tão longe que, se alguma vez voltasse a necessitar dela, decerto não a encontraria.

O dia em que Titus nascera vira o começo da sua escalada pelos telhados de Gormenghast e o fim da sua servidão na cozinha de Swelter, essa região de vapores quentes que era a um tempo demasiado pequena e desagradável para permitir a expansão dos seus flexíveis talentos e da sua ambição cada vez maior.

Com os ombros muito elevados, a ponto de sugerirem uma malformação congênita, magro e desenvolto de membros e de estatura, com os olhos muito juntos e da cor do sangue seco, ainda trepa, já não pelos costados de Gormenghast, mas antes pela escada em espiral da sua alma, com destino a algum pináculo da sua inquieta fantasia, qualquer coisa ótima, rara e invulnerável, que só ele conheceria e onde pudesse olhar para o mundo estendido a seus pés, para abanar entusiasmadamente as suas asas dormentes.

Rotcodd dorme profundamente na sua rede ao fundo da Sala das Esculturas Garridas, essa longa divisão no sótão onde se guardam os melhores exemplos da arte dos Residentes dos Tugúrios de Lama. Já se passaram sete anos desde que ele observou de uma janela desse sótão a procissão que, muito abaixo dele, se dirigia serpenteando para o Lago de Gormenghast, onde Titus fora sagrado conde. Nada mais lhe aconteceu durante esses anos, para além da chegada dos novos trabalhos que se iriam juntar às esculturas coloridas de madeira nessa longa divisão.

Tem a pequena cabeça, em forma de bala de canhão, adormecida e pousada no braço. A rede em que se estende vai oscilando suavemente ao som dos zumbidos das moscas do vinagre.

## TRÊS

EM TORNO das margens desiguais da vida do castelo — margens tão irregulares quanto a costa de uma ilha devassada pelas tempestades — havia personagens que se erguiam e moviam gradualmente para a barafunda central. Estavam a evitar a custo as marés de uma negação sem limites, as águas opacas e imemoriais. Mas, quem são estes que se aventuram na fria praia? Decerto, uma extensão tão ominosa deveria pelo menos desfazer-se de deuses, de reis cobertos de escamas, de criaturas cujas asas abertas pudessem escurecer dois horizontes, ou de um Satã pintalgado com a sua frente de cobre.

Mas não. Não havia aí nem escamas nem asas.

Estaria demasiado escuro para se poder ver o local por onde erravam, embora uma mancha de sombra, demasiado grande para uma única figura, augurasse a aproximação desse encanecido bando de professores, nas mãos dos quais Titus teria que estrebuchar durante uns tempos.

Mas não havia qualquer véu de meia-luz por cima do jovem de ombros muito levantados, a entrar numa pequena divisão muito semelhante a uma cela, ao fundo de um corredor feito de blocos de uma pedra tão cinzenta, áspera e seca como a pele de um elefante. Ao voltar-se junto à porta para observar esse corredor, a luz fria brilhou sobre a superfície alta e convexa da sua testa.

Assim que entrou, fechou a porta e correu o ferrolho. Rodeado pela brancura das paredes, parecia, ao mover-se por essa divisão, estranhamente desprendido desse pequeno mundo que o rodeava. Era mais como a sombra de um jovem, uma sombra com os ombros muito elevados a deslizar através da brancura, do que um verdadeiro corpo a mover-se no espaço.

No meio desse local havia uma mesa de pedra. Em cima dela e agrupados a esmo no seu centro havia um decantador de vinho com o gargalo em espiral, umas quantas folhas de papel, uma pena, alguns livros, uma borboleta presa com um alfinete a uma rolha de cortiça e meia maçã.

Ao passar pela mesa ele pegou na maçã, deu-lhe uma dentada e voltou a pousá-la, sem abrandar o passo. Então, de súbito era verdadeiramente como se as suas pernas começassem a mirrar a partir do chão, pois este era curiosamente inclinado e ele estava a embrenhar-se numa reentrância do mesmo que se afundava até a uma abertura na parede tapada com uma cortina.

Atravessou-a num instante e a escuridão que se instalara parecia ter abafado os contornos do seu corpo ágil.

Ele entrara numa antiga lareira já sem uso, a nível térreo. Estava aí muito escuro e essa penumbra não era mitigada, mas antes se tornava mais intensa, devido a uma série de espelinhos brilhantes que captavam os reflexos terminais do que se passava nessas salas, as quais, umas por cima das outras, se encostavam a à chaminé alta como um funil e que começava no local onde o jovem se encontrava no escuro, para terminar acima dos telhados fustigados pelo tempo que, ásperos e gretados como pão duro, coravam horrivelmente sob os inquisitivos raios do crepúsculo.

Ao longo do último ano, ele conseguira ter acesso a essas divisões e salas específicas, umas por cima das outras, com a chaminé ao meio, para abrir pequenos buracos através da pedra, da madeira e do estuque

— uma tarefa nada fácil quando os joelhos e as costas se têm que apoiar contra uma afunilada parede oposta na escuridão — de modo a que a luz chegasse até ele no meio dessa penumbra de aberturas que não seriam maiores do que moedas. Essas operações tinham, é claro, que ocorrer em ocasiões cuidadosamente planeadas, para não levantar quaisquer suspeitas. Para mais, esses buracos tinham de ser escavados em pontos escolhidos para coincidir com quaisquer perspectivas vantajosas que as divisões pudessem ter.

Não só seleccionara ele cuidadosamente essas salas, que achava que mereciam a pena ser observadas de vez em quando para seu próprio divertimento ou por simples coscuvilhice, mas com a intenção de melhor poder levar a cabo os seus próprios desígnios.

O seu método para disfarçar esses buracos, que poderiam ter sido facilmente descobertos se mal posicionados, eram variados e engenhosos como, por exemplo, no quarto do velho Barquentine, Mestre de Rituais. Essa divisão, suja como a toca de uma raposa, tinha na parede da direita um retrato a óleo, já cheio de bolhas, de um cavaleiro num cavalo pigarço. Ora, o jovem Steerpike não só fizera uma série de buracos nessa tela, mesmo por baixo da parte de cima do caixilho, onde se projectava uma sombra semelhante a uma longa régua negra, mas cortara também os botões da roupa do cavaleiro, as pupilas dos seus olhos e também as do cavalo. Essas aberturas circulares, a várias alturas e latitudes, forneciam-lhe diversas perspectivas desse recinto, de acordo com o local onde Barquentine decidiu mover o seu corpo miserável com a maldita muleta que usava sempre. Os olhos do cavalo, aberturas usadas mais frequentemente, davam-lhe uma visão desimpedida sobre um colchão por terra, no qual Barquentine passava grande parte dos seus momentos livres, dando nós ou desfazendo-os da barba, ou levantando nuvens de pó sempre que erguia e pousava a sua única perna, que por sinal era mirrada, em acessos de irritação. Por dentro da chaminé, e mesmo por detrás dos buracos, uma complicada rede de arames e de espelhos reflectiam os ocupantes dessas divisões sem privacidade, reenviando as suas imagens até ao fundo desse funil negro, espelho espelhando espelho, e transportando neles os segredos de cada acção apanhada na sua órbita fatal — passando-as de um lado para o outro, até que já na base, uma constelação de espelhos fornecesse a esse jovem uma fonte constante de entretém e de informação.

Na escuridão, voltaria os olhos, por exemplo, para Craggmire, o acrobata, que, ao atravessar o seu apartamento de pernas para o ar, apoiado nas mãos, poderia ser visto frequentemente, atirando da sola de um pé para a do outro, um leitão vestido com uma camisa de dormir verde. Depois, desviava os olhos dessa diversão para o próximo espelho que talvez revelasse

o Poeta, roendo um bocado de pão com a sua boca pequena, com a cabeça em forma de cunha inclinada para um lado e corada pelo esforço, pois não podia usar ambas as mãos, dado que uma delas estava a escrever; enquanto que os seus olhos (tão completamente desfocados que parecia que nunca mais se iriam centrar no que quer que fosse) eram mais coisas do espírito do que corpóreos.

Mas, do ponto de vista desse jovem, havia gente mais importante do que essa — estes seriam, à excepção de Barquentine, menos habitantes de Gormenghast — para os quais ele voltava, de um modo vingativo e com mais interesse, espelhos que lhe traziam reflexos da própria filha dos Gro-an, da estranha Fuchsia, com o cabelo negro como um corvo; e da mãe, a Condessa, com os ombros recamados de pássaros.

## QUATRO

### I

NUMA MANHÃ de Verão de ar brando, o enorme e corroído coração de Gormenghast, semelhante a um sino, estava meio adormecido, e parecia não se ouvir qualquer som da sua respiração abafada. Num salão de paredes estucadas, o silêncio bocejava.

Pregado por cima de uma porta que conduzia a essa sala, um capacete ou elmo vermelho de ferrugem, quebrou essa imobilidade com um som de areia arrastada e, pouco depois, o bico de uma gralha penetrou e saiu de um dos buracos reservados para os olhos. As paredes estucadas elevavam-se de todos os lados até à penumbra enevoada e aparentemente sem tecto, e eram iluminadas apenas por uma esguia janela solitária. A luz quente, que conseguia penetrar o vidro coberto de teias de aranha dessa janela, insinuava galerias muito mais acima, sem qualquer sugestão de portas, nem qualquer indicação acerca de como chegar até elas. Dessa janela esguia, uns quantos raios de Sol, como fios de cobre, pairavam em diagonal através do salão, cada um deles terminando pelo sobrado no seu empoeirado charco cor de âmbar. Uma aranha começou a descer, palmo a palmo, por uma perigosa extensão de fio, para ficar de súbito transfixa sob um raio de luz. Por instantes, transformou-se numa jóia de ouro radiante.

Não havia qualquer som, mas depois, como se fosse tempo de quebrar essa tensão, essa esguia janela abriu-se de par em par e os raios de Sol

apagaram-se, pois por essa abertura entrou uma mão e um sino começou a tocar. Quase ao mesmo tempo, ouviu-se um ruído de passos e, momentos depois, dezenas de portas abriam-se e fechavam-se, e a sala enchia-se com um movimento oblíquo de figuras.

O sino parou de soar. A mão recolheu-se e as figuras desapareceram. Não havia qualquer sinal de que algum ser vivo se tivesse movido ou respirado entre essas paredes estucadas, ou de que as várias portas alguma vez se tivessem aberto, excepto uma flor esbranquiçada caída no pó sob o elmo enferrujado e uma porta que oscilava suavemente, para cá e para lá.

## II

Enquanto ia oscilando, revelava vislumbres de um corredor caiado que se encurvava tão vaga e lentamente que, no momento em que a parede à direita desaparecia da vista, o tecto dessa passagem parecia não ter mais do que a altura que vai do chão ao tornozelo.

Essa longa e estreita perspectiva branco-cinza, curvando-se com a facilidade de uma gaiivota a voar, foi de súbito um cenário de acção. Pois algo que mal se distinguiu como sendo um cavalo e um cavaleiro, até ter contornado um terço dessa longa curva até ao salão deserto, se aproximava rapidamente. O barulho distinto de cascos estava de súbito por detrás da porta que oscilava, que acabou por ser empurrada pelo focinho de um pequeno pónei cinzento.

Titus vinha montado nele.

Estava vestido com a roupa larga e grosseira que era usada pelas crianças do castelo. Durante os primeiros nove anos da sua vida, o herdeiro do Condado fora encorajado a misturar-se e a familiarizar-se com os hábitos das classes sociais mais desfavorecidas. Logo que fizesse quinze anos, as amizades que tivesse feito teriam que terminar. O seu comportamento teria que sofrer uma mudança e uma relação mais austera com o pessoal do castelo começaria então a tomar forma. Mas era uma tradição que, nos seus primeiros anos, o filho da Família devesse, pelo menos durante um certo número de horas e diariamente, estar com as crianças menos estimadas, comer na companhia das mesmas, pernoitar nos mesmos dormitórios, frequentar com elas as aulas dos professores e juntar-se às mesmas nos velhos jogos tradicionais e cerimónias, como qualquer outro menor. No entanto, apesar de tudo isso, Titus tinha a consciência

de ser constantemente vigiado, de uma discrepância na atitude do pessoal administrativo e, por vezes, dos outros rapazes. Era demasiado novo para poder perceber o que seu estatuto implicava, mas já tinha idade para se dar conta de que era especial.

Uma vez por semana, antes das aulas da manhã, tinha autorização para montar no seu cavalo cinzento durante uma hora, junto às muralhas da parte sul, onde o sol nascente projectaria as suas sombras fantásticas percorrendo as altas pedras a seu lado. E, quando agitasse o braço, a sua própria sombra sobre esse cavalo de sombra também se agitaria, à medida que galopavam juntos.

Porém, nesse dia, em vez de trotar para a sua adorada muralha sul, ele tinha, num acesso de indisciplina, desviado a cavalo por um arco coberto de escuro musgo para dentro do castelo. Nesse silêncio parado, o coração pulsava-lhe acelerado, enquanto ele ia percorrendo corredores que nunca antes vira.

Sabia que não valeria a pena despedir-se à francesa das aulas da manhã, pois fora fechado num quarto mais do que uma vez, durante os longos fins de tarde de Verão, por semelhantes actos de desobediência. Contudo, saboreava os doces frutos de ter tomado as rédeas que o tinham libertado do moço de estrebaria. Titus só esteve sozinho durante alguns minutos, mas, quando parou nesse salão de paredes estucadas, com o roçar do elmo por cima da sua cabeça, e, muito acima do mesmo, as varandas sombrias e misteriosas, já dominara o seu desejo de rebeldia.

Ainda que parecesse pequeno, montado no cavalo, havia algo altivo no ar confiante como se sentava na sela, algo de impressionante na sua estatura infantil, como se houvesse em tudo isso um certo peso, uma certa força — uma combinação de espírito e matéria, qualquer coisa de sólido subjacente aos caprichos, terrores, lágrimas, risos e vitalidade dos seus sete anos.

Apesar de não ser muito bem-parecido, tinha todavia uma certa presença. Tal como no caso da sua mãe, detinha uma determinada *escala*, como se a sua altura e largura não tivessem qualquer relação com a lógica dos palmos e dos centímetros.

O moço de estrebaria entrou na sala, devagar, arrastando os pés, assobiando baixinho, um constante hábito seu, quer quando estava a escovar um cavalo ou não, e o pónei cinzento foi logo desviado para a direcção das salas de aula a oeste

Titus olhou para a nuca desse moço enquanto este o conduzia, mas não disse nada. Era como se o que ocorrera fosse alguma coisa que eles tivessem ensaiado muitas vezes, logo dispensando quaisquer comentários. A criança conhecia esse homem pelo seu modo de assobiar, que era tão

inseparável dele como o mar bravo do som que produz. De facto, há cerca de um ano, o cavalo fora-lhe oferecido durante uma cerimónia conhecida por «A Oferta do Pónei», um ritual que tinha lugar, necessariamente, na terceira sexta-feira após o sexto aniversário de qualquer filho na linha de sucessão, que fosse também, devido à morte do pai, um Conde menor de idade. Mas, durante todo esse tempo — e quinze meses seria uma considerável quantidade de tempo para uma criança que só se lembrava bem dos seus últimos quatro anos —, o moço da estrebaria e Titus não trocaram mais do que uma dezena de frases. Não era pelo facto de não gostarem um do outro. O moço preferia dar ao rapaz pedaços de bolo de sementes roubado, em vez de conversar, mas Titus estava satisfeito apenas com esse arranjo, pois o moço de estrebaria era para ele uma simples personagem que arrastava os pés e tomava conta do seu pónei, e já lhe bastava conhecer os seus maneirismos, a forma como andava, a cicatriz branca que tinha por cima de um olho e ouvi-lo assobiar.

No espaço de uma hora, as aulas da manhã tinham começado. Sentado numa carteira manchada de tinta, com o queixo apoiado nas mãos, Titus contemplava, como se num sonho, os traços de giz no quadro. Representavam apenas uma conta de somar, mas poderiam muito bem ser alguma mensagem hieroglífica de um profeta louco à sua tribo perdida, há já mil anos. O seu pensamento e o dos seus jovens companheiros, nessa sala de aula com paredes forradas de couro, estava muito longe, não num mundo de profetas, mas de berlindes para a troca, de ovos de pássaros, de espadas de madeira, segredos e físgas, festas à meia-noite, heróis, rivalidades mortais e amizades desesperadas.

## CINCO

FUCHSIA DEBRUÇAVA-SE no parapeito da janela contemplado a paisagem para lá dos telhados irregulares por baixo dela. O seu vestido carmesim parecia ter o fogo de um vermelho peculiar, mais frequentemente encontrado em pinturas do que na Natureza. O caixilho da janela rodeava-a e a impalpável escuridão por detrás dela, delimitava uma obra-prima. A sua imobilidade acentuava o efeito alucinatório, mas, mesmo que ela se tivesse mexido, iria antes parecer que uma imagem se animara e não que um movimento se desenrolara no mundo real. Mas o padrão não se alterou. A negrura do seu cabelo cor de tinta-da-china, caía imóvel, emprestando uma infinita subtilidade ao poroso espaço de sombras à sua frente, mostrando-se tal como



era, não tanto como uma escuridão em si, mas como algo sedento de raios de luz. O seu rosto, pescoço e braços eram mornos e trigueiros, contudo pareciam pálidos em contraste com o seu vestido vermelho. Ela olhava fixamente, fora dessa imagem, para o mundo sob si: para os claustros a norte, para Barquentine, arrastando o seu miserável corpo mesquinho com o auxílio da muleta, amaldiçoando as moscas que o seguiam quando ele atravessou um intervalo entre dois telhados e desapareceu de vista.

Depois, Fuchsia voltou-se subitamente ao ouvir um som atrás de si e viu a Sr.<sup>a</sup> Slagg a olhar para ela. Nas suas mãos, essa mulher anã segurava uma bandeja com um dedal de leite e um cacho de uvas.

Estava zangada e facilmente irritável, pois passara a última hora à procura de Titus, que já se fartara dos caprichos do seu carinho. «Onde estará ele... Oh, onde *estará* ele?» choramingava ela, com o rosto repleto de angústia e com as pernas fracas como galhos estaladiços, a doerem-lhe de andar sempre de um lado para o outro no cumprimento das suas obrigações. «Onde estará esse malandro, esse meu Conde que se porta tão mal? Que Deus ajude o meu pobre coração cansado! Onde estará ele?»

A sua voz irritada levantou ecos finos muito acima dela, como se, sala após sala, ela tivesse acordado ninhos de passarinhos novos do seu sono.

«Ah, és tu» disse Fuchsia, atirando para trás do rosto uma madeixa de cabelo, com um movimento rápido da mão. «Não sabia quem era.»

«Claro que sou eu! Quem mais poderia ser, sua *estupidazinha*? Quem é que vem ainda ao seu quarto? Já deveria saber disso, não é verdade? Já deveria estar cansada de o saber!»

«Mas eu não te vi» disse Fuchsia.

«Mas eu via-a... pendurada da janela como uma mostronça, sem nunca me ouvir, ainda que eu não tivesse parado de lhe pedir para abrir a porta. Oh, minha linda, é sempre a mesma coisa! Farto-me de chamar mas ninguém me responde! Por que razão me dou eu ainda ao trabalho de viver?» Olhou fixamente para Fuchsia. «Porque hei-de viver por *sua* causa? Talvez morra esta noite...» acrescentou ela, maliciosamente e a pestanejar, voltada para a rapariga. «E porque não bebe o seu leite?»

«Põe-o em cima da cadeira» disse Fuchsia. «Bebê-lo-ei mais tarde... e as uvas. Muito obrigada. Adeus.»

Perante o facto da rapariga a estar a mandar embora — o que ela não fizera de um modo rude, ainda que o mesmo tivesse soado um pouco abrupto —, os olhos da Sr.<sup>a</sup> Slagg encheram-se de lágrimas. Mas idosa, pequena e magoada como estava, a sua ira voltou a surgir como uma tempestade em miniatura e, em vez do «Oh, minha linda, como é que *pôde*?»,

pegou na mão de Fuchsia, tentando encurvar para trás os dedos da rapariga. Como não o conseguiu fazer, estava quase a morder o braço de Sua Senhoria, quando reparou que a estavam a levar para a cama. Uma vez que lhe negavam essa pequena vingança, fechou os olhos durante alguns instantes, com o seu peito de ave a arfar com uma fantástica rapidez. Ao abrir os olhos, a primeira coisa que ela viu foi a mão estendida de Fuchsia diante dela e, erguendo-se apoiada em um cotovelo, pegou-lhe nessa mão e bateu com ela na madeira até se cansar, antes de mergulhar a sua cara enrugada no peito da rapariga.

«Desculpa» disse-lhe ela. «Não quis dizer-te adeus dessa forma. Só pretendia insinuar que desejava que me deixassem sozinha.»

«Mas porquê?» (a voz da Sr.<sup>a</sup> Slagg mal se ouvia, dado que tinha o rosto enterrado no vestido de Fuchsia). «Porquê? Porquê? Porquê?... Qualquer pessoa poderia pensar que estava sempre a meter-me na sua vida. As pessoas iriam julgar que não a conheço muito bem. Não fui eu quem lhe ensinou tudo desde bebé? Não a embalei para a adormecer, sua malvada? Não foi isso o que fiz?» Ergueu o seu velho rosto cheio de lágrimas e olhou para Fuchsia. «Não foi isso o que eu fiz?»

«Pois foi» disse Fuchsia.

«Bem, sendo assim...» disse a Ama Slagg. «Bem, sendo assim...» e rolou na cama para tentar descer até ao chão.

«Saia-me já dessa colcha, sua *coisa*, e não olhe tanto para mim! Talvez a venha ver esta noite. Talvez, não sei... Ou talvez não me apeteça» observou a ama. Em seguida foi até à porta, rodou o puxador e, dentro de alguns minutos, estava de novo só no seu quartinho, onde com os olhos avermelhados muito abertos, se estendeu em cima da cama como uma boneca que alguém deitara fora.

Fuchsia, com o quarto só para si, sentou-se diante do espelho que, no centro, parecia ter sido atacado pela varíola, de modo que, para se ver melhor, era forçada a procurar um canto intacto. O pente, já sem bastantes dentes, encontrava-se geralmente numa gaveta por baixo do espelho e logo que ela ia começar a pentear-se — um hábito que apenas adquirira ultimamente —, o quarto escureceu, pois metade da luz que lhe entrava pela janela foi de súbito coarctada pela aparição miraculosa do rapaz com os ombros altos.

Antes que Fuchsia tivesse um momento para pensar como poderia um ser humano aparecer no seu parapeito, a cerca de trinta metros do chão, muito menos reconhecer qual a janela do seu quarto, pegou numa escova que estava em cima do toucador e brandiu-a atrás as costas, pronta não sabia bem para quê. No instante em que outras pessoas teriam gritado ou recuado, ela demonstrara apenas medo perante o que, nesse momento surpreenden-

te, poderia ter sido, tanto quanto se dera conta, um monstro com asas de morcego. Porém, quando já lhe ia atirar a escova, reconheceu Steerpike.

Este bateu com o nó do dedo no lintel da janela.

«Boas tardes, minha senhora» disse ele. «Poderei apresentar-lhe o meu cartão de visita?» E estendeu a Fuchsia um pedaço de papel com as seguintes palavras:

«Sua Esperteza Infernal, o Arqui-sortudo Steerpike»

Contudo, antes mesmo de o ter lido, Fuchsia começou a rir-se, tal como era seu costume, com pequenas gargalhadas ofegantes, perante esse solene «Boas tardes, minha senhora», dado que ele o dissera tão concentradamente.

Mas até ela o autorizar a descer para o chão do quarto (e a moça não teria outra alternativa), ele não se movera um centímetro nessa direcção, limitando-se a ficar de pé, com os dedos entrelaçados e a cabeça inclinada para um lado. Perante o gesto dela, voltou a mover-se, como se alguém tivesse puxado um gatilho e, num ápice, desatara uma corda do cinto e atirara a ponta pela janela, de onde ficou pendurada. Fuchsia, debruçando-se na janela, olhou para cima e viu o resto da corda elevar-se por mais sete andares até um velho telhado, onde, possivelmente, estaria amarrada a um pináculo ou a uma chaminé.

«Está tudo pronto para a minha saída» disse Steerpike. «Não há nada como uma corda, minha senhora. É bem melhor do que um cavalo. É capaz de descer por uma parede, sempre que lhe pedimos, e nunca precisa de comida.»

«Podes deixar de me tratar por “minha senhora”» disse Fuchsia elevando a voz mais do que era habitual e, para surpresa do rapaz, acrescentou: «Sabes muito bem o meu nome.»

Steerpike, engolindo em seco, tentando digerir e dominar a sua irritação — pois nunca perdia tempo a reflectir sobre os seus insucessos —, escarranchou-se contra as costas de uma cadeira, colocando o queixo sobre o espaldar da mesma.

«Nunca me hei-de esquecer» disse ele, «de a tratar pelo seu primeiro nome, e num tom de voz conveniente, *Lady* Fuchsia...»

Esta sorriu vagamente, mas estava a pensar em outra coisa.

«Decerto, tens muita habilidade para trepar» observou por fim. «Trepaste até ao meu sótão. Ainda te lembras?»

Steerpike acenou afirmativamente.

«E trepaste pela parede da biblioteca quando esta estava a arder. Parece que já foi tudo há tanto tempo.»

«E a vez, *Lady Fuchsia*, em que eu tive que trepar a uns rochedos, por baixo de uma trovada, convosco nos meus braços?»

Era como se todo o ar tivesse abandonado essa divisão, de tal modo o silêncio se instalou e a atmosfera se tornou rarefeita. Steerpike pensou ainda ver um resto de cor nas maçãs do rosto de Fuchsia.

Por fim, ele disse: «Um dia, *Lady Fuchsia*, desejaria explorar comigo os telhados desta sua enorme casa? Gostaria de lhe mostrar o que descobri, no lado sul, minha senhora, onde as cúpulas de granito estão cobertas de mais de um palmo de musgo.»

«Sim» respondeu ela. «Sim...» A sua cara muito pálida não lhe agradava, mas atraía-a a vitalidade e o ar de segredo de Steerpike.

Estava quase a pedir-lhe que se fosse embora, mas ele já estava levantado, antes mesmo que ela pudesse falar e saltara pela janela sem sequer tocar no caixilho, balançando-se para cá e para lá antes de começar a trepar até ao velho telhado mais acima.

Quando Fuchsia se voltou diante da janela, deu-se conta de que, no seu toucador, havia um botão de rosa.

À medida que ia trepando, Steerpike lembrava-se de como, no dia em que Titus nascera, há já sete anos, ele começara a escalar até aos telhados de Gormenghast, no fim dos seus dias de servidão na cozinha de Swelter. O esforço muscular acentuara mais os seus ombros levantados. Mas ele era fantásticamente ágil e a sua tenacidade física era tão forte quanto a sua força e arrojo mental. Os olhos, muito juntos e penetrantes, estavam fixos no ponto em que a corda estava atada, como se isso fosse o zénite da sua fantasia.

O céu tinha escurecido e, com o levantar de um vento intenso viera a chuva, sibilando e golpeando a alvenaria. Encontrara cem condutas por onde escorrer. Saguões, canos de chaminé e respiradouros, onde tossiam ecos e longas caleiras murmuravam. Formavam-se lagos entre os telhados, que reflectiam o céu e pareciam aí ter estado sempre, como a água nas montanhas.

Com a corda muito bem enrolada à cintura, Steerpike movia-se como uma sombra, através de uma enorme superfície inclinada de placas de ardósia. Virara para cima a gola do casaco e o seu rosto muito branco parecia barbado de chuva.

Muralhas altas e sinistras, como as de pontões de portos ou as de masmorras para os condenados, pareciam levantar-se nesse ar aquoso, ou serem varridas através de arcos prodigiosos de pedra indomada. Perdidos

nas nuvens voadoras, os topos irregulares de Gormenghast enchiam-se de fios esticados: a vegetação selvagem que crescera sobre a pedra. Barbacãs e afloramentos de uma alvenaria desconhecida surgiam sobre a cabeça de Steerpike como carcaças de navios apodrecidos, ou monstros naufragados cujas sobranceiras e bocas torrenciais fossem o trabalho sardónico de mil tempestades. Telhado após telhado, como rampa após rampa, surgia ou escorregava diante dos seus olhos: terraço após terraço adquiria um brilho morto por baixo dele e, através da chuva, as suas lajes, há muito esquecidas, sibilavam e pareciam dançar sob a forte chuvada.

Um mundo de formas passou por ele, pois Steerpike era tão célere como um gato, correndo sem se cansar por aqui e por ali, apenas abrاندando o passo sempre que uma passagem demasiado estreita o exigia. De vez em quando, enquanto corria, dava saltos pelo ar, como se devido a um excesso de vitalidade. De súbito, ao contornar o cilindro de uma chaminé, negro de hera molhada, começou a andar e depois, baixando a cabeça para atravessar um arco, pôs-se de joelhos e abriu, com um gemer de dobradiças há muito esquecidas, o vidro de uma clarabóia. Entrou por aí num instante saltando para o sobrado de uma divisão pequena e vazia, a uma distância de cerca de três metros e meio mais abaixo. Estava muito escuro. Steerpike desembaraçou-se da corda que trazia à cintura e enrolou-a por cima de um prego que estava na parede. Em seguida, deu uma vista de olhos a essa divisão no escuro. As paredes estavam cobertas de vitrinas, preenchidas por toda a espécie de borboletas. Longos alfinetes finos empalavam esses insectos ao fundo de cortiça de cada caixa, mas apesar do coleccionador poder ter sido muito cuidadoso com a montagem desses delicados insectos, o tempo fizera os seus estragos e não havia um caixa sem uma borboleta danificada, o que deixava o fundo de algumas das pequenas caixas coberto de asas caídas.

Steerpike voltou-se para a porta, pôs-se à escuta durante alguns momentos e depois abriu-a. Diante dele, via-se um patamar empoeirado e, mesmo à sua esquerda, umas escadas que conduziam a mais uma divisão vazia, tão esquecida como aquela que ele deixara. Nada mais aí existia senão uma pirâmide de livros roídos, com os seus interstícios cheios de ninhos de ratos. Não havia qualquer porta nesse local, mas um pedaço de serapilheira pendurada ocultava uma fissura na parede, suficientemente larga para que Steerpike pudesse passar de lado por ela. Mais uma vez havia aí escadas que davam para outro compartimento, nesse caso longo, como uma espécie de galeria. Ao fundo, via-se um veado embalsamado, com o lombo branco de pó.

Ao atravessar esse recinto, ele viu, pelo canto do olho, e enquadrado por uma janela sem vidraças, o recorte sinistro da montanha de Gormenghast, com as suas altas escarpas a brilharem contra um céu etéreo. A chu-

va escorria por essa janela, caindo sobre as tábuas de madeira do chão, de modo que pequenas pérolas de pó por aí corriam como glóbulos de mercúrio.

Ao chegar junto da porta dupla, passou as mãos pelo cabelo que lhe escorria e voltou a baixar a gola do casaco. Em seguida, atravessando-a e voltando à esquerda, seguiu ainda algum tempo por um corredor, até chegar ao cimo de umas escadas.

Assim que olhou por cima do corrimão, desviou-se de repente para trás, pois a Condessa de Groan estava a passar pela sala iluminada em baixo. Parecia vaguear através de uma espuma branca e as divisões vazias por detrás de Steerpike reverberaram com uma vaga pulsação, um som de multidões, o eco de um verdadeiro uivo que ele não conseguia ouvir, o ronronar de gatos. Estes passaram pela sala em baixo como o subir de uma maré branca através da boca de uma gruta. No centro, um rochedo que se movia com eles estava coroadado de algas vermelhas.

Esse eco cessou. O silêncio era como um lençol esticado. Steerpike apressou-se a descer até essa sala e dirigiu-se à parte leste.

A Condessa andava cabisbaixa e os braços caídos. Tinha o sobrolho franzido. Não estava satisfeita com o facto de o imemorial sentido de dever e cumprimento ser visto como universalmente sacrossanto para a rede de relações estabelecidas nesse castelo. Apesar de ela ser pesada e distraída, era rápida como uma cobra na detecção do perigo e, embora não conseguisse identificar exactamente essa precisa área de dúvida, estava, apesar de tudo, desconfiada, preocupada e irritada com não sabia bem o quê.

Estava a tentar rever na sua mente todos os fragmentos de informação que se pudessem relacionar com o misterioso fogo na biblioteca do seu falecido marido, o seu desaparecimento e o igual desaparecimento do seu chefe de cozinha. Estava a usar, quase pela primeira vez, um cérebro naturalmente bem dotado — um cérebro que estivera durante muito tempo adormecido pelo ronronar dos gatos brancos e que lhe fora a princípio difícil de despertar.

Estava a dirigir-se para a casa do médico. Há já vários anos que não o visitava e, mesmo nessa ocasião, fora apenas para que ele pudesse curar a asa partida de um cisne selvagem. Ele sempre a irritara, mas, mesmo a contragosto, sempre tivera uma certa confiança nele.

Ao descer uma longa escadaria de pedra, a maré ondulante a seus pés transformara-se numa lenta cascata. Parou então ao fundo das escadas.

«Mantenham-se... juntos... mantenham-se... juntos...» disse ela, em voz alta, usando as palavras como pedras que permitissem atravessar um

rio, com um óbvio intervalo entre cada uma, que, apesar da aspereza da sua voz grave, tinha em si algo de infantil.

Os gatos tinham desaparecido. Estava mais uma vez em terreno sólido. A chuva tamborilava sobre uma janela de vidro chumbado. Ela caminhou então devagar até uma porta que dava para um claustro. Através dos arcos, viu a casa do médico no lado mais distante de um pátio quadrado. Continuando a caminhar à chuva, como se esta não existisse, movia-se sob essa tempestade com uma pose monumental e sem pressa, e com a sua enorme cabeça levantada.

## SEIS

PRUNESQUALOR ESTAVA no seu gabinete. Pelo menos era assim que lhe chamava. Para a sua irmã Irma era uma sala onde o irmão se barricava, sempre que ela queria falar com ele acerca de qualquer coisa importante. Uma vez lá dentro, com a porta fechada à chave, a pequena corrente corrida e as janelas bem fechadas, pouco mais podia fazer para além de bater à porta.

Nessa noite, Irma tinha sido mais teimosa do que nunca. Que existiria de facto, perguntara-se ela vezes sem conta, que a impedia de encontrar alguém que a pudesse apreciar e admirar? Ela não pretendia que esse hipotético admirador lhe dedicasse *toda* a sua vida, pois um homem deve ter sempre as suas ocupações (desde que as mesmas não demorem muito tempo), não é verdade? Mas se fosse rico e *desejasse* dedicar-lhe toda a sua vida... Bem, ela não fazia promessas, mas iria pensar seriamente em tal proposta. Irma tinha um pescoço suave e longo. O seu peito era como uma tábua de engomar, sem dúvida um pouco como os seus pés chatos, mas, apesar do que se pudesse dizer, uma mulher não poderia ter tudo. «*Tenho* uma linda maneira de andar, não tenho, Alfred?» gritara ela, muito emocionada. «Estava a dizer que *tenho* uma linda maneira de andar.»

O irmão dela, cujo longo rosto rosado estivera apoiado numa esguia mão branca, levantou os olhos da toalha de mesa, na qual estivera a desenhar o esqueleto de uma avestruz. A boca abriu-se-lhe automaticamente, sugerindo algo que era mais parecido com um bocejo do que com um sorriso, no entanto viram-se muitos dentes. O seu maxilar suave fechou-se de novo e, ao olhar para a irmã, voltou a meditar pela milésima vez por que motivo ele teria de viver com uma irmã daquelas. Como se tratava da milésima vez, ele já tinha bastante prática e essa meditação não durou mais

do que breves segundos. Porém, nesses mesmos segundos, voltou a dar-se conta da óbvia idiotia da boca de Irma quase sem lábios, no modo como a pele por baixo dos seus olhos por vezes tremia, nessa repressão ululante que lhe surgia como um balido na voz; na testa suave e ampla (da qual as ásperas e luxuriantes massas de cabelo cinzento-metálico estavam repuxadas sobre o crânio, para se encontrarem no emaranhado de um carrapito tão rijo e compacto como uma pedra), nessa testa que era como a fachada de uma casa finamente estucada, abandonada, excepto pelo fantasma de uma ave inquilina que saltitava no pó e catava as penas diante de espelhos gastos.

«Meu Deus, meus Deus» pensava ele. «Por que motivo de entre todas as criaturas deveria eu, que nunca matei ninguém, ser punido desta forma?»

Voltou a sorrir forçadamente. Dessa vez não havia nada de bocejo no processo. Os maxilares abriram-se-lhe como os de um crocodilo. Como poderia uma cabeça humana conter dentes tão enormes e terríveis? Eram como lápides ao alto, num cemitério novo. Mas oh, como tudo era anónimo, pois não se viam aí escritos quaisquer epitáfios. Teriam todos morrido numa batalha, esses mortos dentais sem nomes nem datas, cujos monumentos de homenagem, quando os maxilares se abriam, brilhavam ao sol e quando se voltavam a fechar, roçavam pela noite, ficando mais íntimos entre si com o passar do tempo? Prunesquallor sorria. Sentia alívio na noção de que haveria coisas bem mais tremendas do que ter que aguentar a irmã, metaforicamente, sendo uma delas carregar a irmã, literalmente. A sua imaginação vislumbrara subitamente a sua irmã às suas cavalitas, com os pés chatos nos estribos, os calcanhares a espicaçarem-lhe os flancos, à medida que ele ia correndo de gatas em volta da mesa, com um freio na boca, sentindo no lombo a força do chicote de Irma e desperdiçando a vida num galope.

«Quando te faço uma pergunta, Alfred... Quero dizer, quando te faço uma pergunta, Alfred, gostaria de pensar que consegues ter mais delicadeza, mesmo *apesar de seres* meu irmão, para me responderes, em vez de te pores com sorrisinhos tolos.»

Ora, se havia uma coisa que o médico nunca conseguia fazer era sorrir de um modo tolo. O seu rosto não tinha formas adequadas para isso. Os músculos moviam-se-lhe de um modo totalmente diferente.

«Minha irmã» disse ele, «dado que o sois, perdoai, se puderdes, o vosso irmão... Ele espera sem fôlego pela tua resposta à pergunta que te fez. É isso mesmo, minha rolazinha mansa. *Que lhe disseste?* Pois ele esqueceu-se tão completamente de tal, que, mesmo que a sua vida dependesse disso, ele seria forçado a viver... contigo... o seu rebuçado, só contigo»



Irma nunca ouvia mais do que as primeiras cinco palavras das longas frases complicadas do irmão, de modo que não se dava conta do número de insultos que ele lhe dirigia. Estes, que bem no fundo nada tinham de agressivos, proporcionavam ao médico a possibilidade de poder embarcar num certo jogo verbal, sem o qual acabaria por ficar todo o tempo fechado no gabinete. De qualquer modo, não se tratava verdadeiramente de um estúdio, pois, embora as suas paredes estivessem forradas com livros, nada mais aí havia senão uma cadeira de braços, confortável, e uma bela carpete. Não tinha mesa, papel nem tinta, nem sequer um cesto para o papel.

«Que me perguntaste tu, carne da minha carne? Acredita que irei fazer tudo por ti.»

«Tenho estado a dizer, Alfred, que não sou uma mulher totalmente desprovida de atractivos. Não totalmente sem graça e inteligência... Por que razão, nesse caso, nunca sou cortejada? Por que motivo ninguém me tenta seduzir?»

«Estarás a falar de um ponto de vista financeiro?» perguntou o médico.

«Estou a falar de um ponto de vista espiritual, Alfred, e tu sabe-lo bem. Que têm as outras que eu não tenha?»

«Ou por outro lado» observou Prunesquallor, «o que não têm elas que tu já possuas?»

«Não te estou a perceber, Alfred. Disse que não te estava a perceber.»

«É isso precisamente o que fazes» comentou o irmão estendendo os braços e mexendo os dedos. «Quem me dera que parasses.»

«Mas o meu porte, Alfred, será que nunca te deste conta? Que existe de errado com o sexo a que pertences, será que não vêem *que tenho* uma bela maneira de andar?»

«Talvez sejas demasiado espiritual» disse o Dr. Prunesquallor.

«Mas o meu porte, Alfred, o meu porte!»

«Muito impositivo, minha perinha doce, muito impositivo... Percorres de um lado ao outro a estrada triste da vida com essas tuas ancas a rodarem à medida que caminhas. Oh, não, minha querida, o teu porte assusta-os, é isso mesmo o que acontecesse. Tu aterroriza-los, Irma!»

Isso era de mais para ela.

«Nunca *acreditaste* em mim!» exclamou Irma a chorar, levantando-se da mesa com a pele horrivelmente corada. «Mas poderei dizer-te...» (a voz dela subiu então até uma espécie de guincho arrastado) «... *que sou uma senhora!* Que pensas tu que me atraí *nos homens*, nesses animais? Odeio-os a todos! São coisas cegas, estúpidas, desajeitadas, horríveis, pesadas e ordinárias... E tu és um deles!» gritou ela, apontando para o

irmão que, com as sobrancelhas ligeiramente soerguidas, tentava completar o seu desenho da avestruz. «E tu és um deles! Estás a ouvir-me, Alfred? Um deles...»

A sua voz aguda já atraíra um criado até à porta. Insensatamente este abriu-a para perguntar ostensivamente se ela o mandara chamar, mas, na realidade, apenas para verificar o que estaria a acontecer.

A garganta de Irma tremia como o arco de um violino.

«Que poderá uma senhora esperar de um homem?» gritou ela. Depois, dando-se conta do rosto do criado que ficara à porta, pegou numa faca que estava em cima da mesa e atirou-lha à cara. A sua pontaria, porém, não era muito boa, talvez porque estivesse muito preocupada em comportar-se como uma senhora, e a faca ficou espetada no tecto, mesmo por cima da cabeça dela, onde acabou por fornecer uma perfeita imitação da sua garganta trémula.

O médico, desenhando com todo o cuidado a última vértebra da cauda do esqueleto da avestruz, voltou-se primeiro para a porta, onde o criado embasbacado ainda estava a observar, como se hipnotizado, os movimentos da faca.

«Teria a bondade de remover a sua carcaça da porta desta sala, meu rapaz?» disse ele com uma voz fininha e distraída, «e de a manter na cozinha, onde deverá fazer o seu trabalho entre as panelas, segundo me parece... Não se importa? Ninguém o chamou. A voz da sua patroa, embora fina, em nada se assemelha ao toque de uma sineta... mesmo nada.»

O criado retirou-se.

«E para mais...» continuou ela, com uma voz desesperada, ainda por baixo da faca, «ele já nunca me vem visitar! Nunca! Nunca! Nunca!»

O médico levantou-se da mesa. Sabia que ela se estava a referir a Steerpike, por quem Irma nunca deveria ter sentido essa paixão que reprimia e que despertara nela desde que esse jovem disparara as suas adulatórias setas ao seu coração demasiado sensível.

O irmão limpou a boca a um guardanapo, sacudiu uma migalha das calças e endireitou as costas estreitas.

«Vou cantar-te uma canção» disse ele, «compu-la no banho ontem à noite, ah! Ah! Ah! Ah!... Algo como uma cançoneta, mas com muito espírito, disse para mim mesmo, apenas uma cantiguinha com muito espírito.»

Começou então a andar em volta da mesa e a esfregar as mãos muito brancas uma na outra. «Era assim, acho eu...» porém, ao pensar que ela talvez não ouvisse o que ele fosse recitar, retirou o copo que estava junto do prato dela e disse: «Um bocadinho de vinho é tudo o que precisas, querida Irma, antes de te ires deitar, pois é isso que irás fazer, não é verdade, minha

coisinha exaltada, ires direitinha à Terra dos Sonhos, não é... ah, ah, ah... onde poderás ser uma senhora durante toda a noite.»

Com a rapidez de um feiticeiro profissional, retirou uma pequena embalagem do bolso e, retirando dela um comprimido, pô-lo no copo de Irma. Em seguida pôs um pouco de vinho nesse mesmo copo e estendeu-lho, com a exagerada graciosidade que que raramente perdia. «E eu também beberei um pouco» acrescentou. «Iremos brindar à saúde um do outro...»

Irma caíra exausta num cadeirão, com o seu longo rosto marmóreo enterrado nas mãos. Os óculos escuros, que ela usava para proteger os olhos da luz, estavam-lhe atravessados oblíqua e libertinamente no rosto.

«Ora, já me estava a esquecer da minha promessa!» gritou o médico diante dela, muito elegante, alto e composto, com a cabeça de celulóide que lhe era característica, toda sensibilidade e bom senso, um pouco inclinada como a de um pássaro.

«Primeiro um golinho deste vinho, extraído de videiras no sopé de uma colina sombria. Estou a vê-la tão bem! E tu, oh Irma, será que também a poderás ver? Os camponeses a trabalharem e a suarem ao sol, e porquê? Porque não têm outras opções, Irma. São terrivelmente pobres e têm os pescoços cansados de tanto esforço. E os cultivadores, tal como qualquer bom marido, cuidam do que amam, acariciando as vinhas com as mãos rudes, murmurando coisas só para elas, encorajando-as. “Oh, uvinhas” murmurava ele, “dêem-me o vosso vinho que a Irma está à espera”. E aqui está, aqui está, ah, ah, ah, ah! Delicioso, fresco e branco, num belo copo de cristal... Esquece as preocupações e bebe, minha irritada rainha!»

Irma ergueu-se um pouco. Não ouvira o que quer que fosse. Estivera no seu universo privado de humilhação. Os olhos voltaram-se-lhe para a faca espetada no tecto. A boca finíssima tremeu-lhe, mas aceitou o copo da mão estendida do irmão.

Este fez um brinde tocando com o seu no copo dela. Duplicando o movimento do braço dele, ela levantou o seu e começou a beber.

«E agora, vamos a essa cantiguinha que descartei com o meu ar desinteressado. Como era? Como era?...»

Prunesquallor sabia que, ao chegar ao terceiro verso, esse soporífero forte que a nada sabia e que ele dissolvera no vinho que Irma iria beber, começaria a fazer efeito. Sentou-se então no chão, contra os joelhos da irmã e, dominando uma sensação de asco, acariciou-lhe a mão.

«Abelha-mestra» disse ele, «olha para mim se puderes, através dos teus óculos escuros. Não irá ser nada de assustador, para quem gosta de horrores. Ouve agora...» Os olhos de Irma já se começavam a fechar.

«É assim, penso eu. Chamei-lhe “O Ósseo Cavalar”.

Vem abanar o cúbito, como um saltimbanco  
E sacode para mim essa tibia!  
Oh, ósseo cavalariço, o futuro canto  
Como xarope pelo mar...

Não mais campos e malmequeres  
Te delicias, não, não...  
A tónica tempestade traz-te o que quiseres  
Para a tua branca pélvis, tão, tão, tão...

«Estás a gostar, Irma?» Ela acenou adormecidamente com a cabeça.

Vem, como castanholas usa as omoplatas  
E o pagode pálido da espinha,  
Longe de freiras oblatas  
Quem necessitaria de uma rainha?

Esse ósseo cavalariço logo se sentou  
Chocalhando as costelas, com orgulho bíblico.  
Olhei de lado e ele acusou  
Uma espécie de estranho orgulho mítico...

Mesmo sem couro... apenas...

Nesse momento, o médico, tendo esquecido o que viria a seguir, voltou-se mais uma vez para a sua irmã Irma, que estava a dormir profundamente. Tocou então a sineta.

«Tragam-me a criada da senhora, uma maca e dois homens para a transportarem.» (Um rosto aparecera à porta). «Rápido!» E esse mesmo rosto desapareceu logo.

Quando puseram Irma na cama, baixaram a luz do candeeiro e o silêncio voltou a invadir a casa, o médico abriu a porta do gabinete, entrou e enterrou-se na sua cadeira de braços. Tinha os dedos juntos, como num molho e nesse molho apoiava o maxilar desapontado. Após alguns momentos, tirou os óculos e pousou-os na cadeira. Em seguida, com os dedos mais uma vez muito juntos sob o queixo, fechou os olhos e suspirou calmamente.

## SETE

MAS NÃO teria mais do que poucos momentos de calma, pois em breve se ouviram passos do lado de fora da janela. Apenas dois, de facto, mas algo no peso e na deliberação desse modo de andar lhe lembraram um exército que se deslocava em perfeita harmonia. Um som terrível e compassado. A chuva abrandara e o ruído de cada pé ao tocar no chão era alarmantemente nítido.

Para Prunesquallor esse portentoso modo de andar era inconfundível. Contudo, no silêncio da noite, a sua mente pensou nesse exército fantasma que o seu cérebro saltitão concebera. Que poderia haver no passo regular de uma visita muito direita, capaz de lhe contrair a maçã-de-adão e de lhe trazer, como uma fatia de limão acabada de cortar, um gosto forte e adstringente à garganta e aos maxilares? Por que razão se lhe começariam a embargar os olhos e a cabeça a doer-lhe?

Não tinha tempo agora para pensar acerca do assunto, de modo que, nesse momento, afastou da testa uma madeixa de cabelo cinzento e tentou esquecer-se desse exército-em-marcha.

Aproximando-se da entrada, antes que a sineta tocasse e os criados viessem a correr, ele abriu-a, ficando diante da enorme figura que já levantara o braço para bater à porta.

«Que Vossa Senhoria seja bem-vinda» disse ele, com o corpo um pouco inclinado das ancas para cima e os dentes a brilharem, enquanto pensava, em nome de tudo o que era heterodoxo, no que pretendia a Condessa, ao vir visitar o seu médico a essa hora da noite. Mesmo durante o dia, ela nunca visitava ninguém. Era uma das suas características mais conhecidas. No entanto, aí estava ela.

«Calma, calma...» A sua voz era pesada, mas não muito alta.

Uma das sobranceiras do Dr. Prunesquallor subiu-lhe até ao alto da testa. Era uma maneira estranha de ser cumprimentado. Talvez ela tivesse pensado que ele a ia beijar, se bem que só de pensar em tal ele se sentisse chocado.

Mas quando ela disse: «Agora já pode entrar», não só ergueu automaticamente a outra sobranceira, como deixou a primeira a tremer devido à velocidade da reacção.

Ser-lhe dito que «agora podia entrar», quando ele já estava dentro de casa, era já por si só assaz estranho; mas a ideia de uma visita lhe dar licença para entrar na sua própria residência era grotesca.

A autoridade lenta, pesada e silenciosa que ela revelava na voz tornava a situação ainda mais embaraçante. Ela entrara já no vestíbulo. «Desejo

vê-lo» disse então, mas os seus olhos estavam postos na porta que Prunesquallor estava a fechar. Quando já só faltavam cerca de doze centímetros para que a noite ficasse lá fora e o trinco fechado, ela disse-lhe num tom muito profundo: «Segure-a... segure-a com força!» E então com os lábios contraídos como os de uma criança, deu um assobio particularmente suave. Tratava-se de uma nota terna e solitária que acabara de sair de um ser tão impositivo.

O médico, ao voltar-se para *Lady Groan*, era a verdadeira imagem da perplexidade, embora os seus dentes ainda brilhassem alegremente. Porém, ao voltar-se, viu pelo canto do olho algo que lhe chamou a atenção, uma massa branca que se movia.

Entre o espaço deixado pela porta quase fechada, e muito junto ao chão, o Dr. Prunesquallor viu um rosto tão redondo como uma lua cheia e com a maciez do pêlo. E isso não era de admirar, pois era um rosto peludo, particularmente branco, nessa meia-luz do vestíbulo. O médico mal tinha acabado de reagir a essa visão quando outra a substituiu e, logo a seguir, silenciosa como a morte, viu-se uma terceira, uma quarta e uma quinta... Em fila indiana os gatos entraram no vestíbulo, tão junto das caudas uns dos outros que poderiam formar uma única entidade, o bando de gatos brancos de Sua Senhoria.

Prunesquallor, sentindo-se um pouco tonto, viu essa corrente ondulante passar-lhe junto aos pés, enquanto ainda mantinha a maçaneta da porta na mão. Será que aquilo não iria ter fim? Já há dois minutos que os via entrar.

Voltou-se então para a Condessa. Esta erguia-se nessa brancura de espuma como um farol. Sob a luz mortiça do candeeiro do vestíbulo, o seu cabelo ruivo adquiria uma luminosidade baça.

Prunesquallor estava outra vez muito contente. Pois o que o incomodara não fora os gatos, mas as ordens obscuras da Condessa, dado que o sentido das mesmas não lhe era de todo evidente. E, no entanto, que curioso era pedir-lhe para ter calma diante de um enorme bando de gatos!...

Esse pensamento voltou a tomar conta das suas sobranceiras, que tinham baixado relutantemente enquanto ele aguardava a oportunidade de fechar a porta. Depois, voltou a erguer o sobrolho, como se alguém tivesse disparado uma pistola e houvesse um prémio para as sobranceiras mais rápidas.

«Estamos... todos... aqui» disse a Condessa. Prunesquallor voltou-se para a porta e viu que, de facto, essa torrente secara. Pôde então fechá-la.

«Ora bem, ora bem, ora bem, ora bem!» disse ele, com a sua voz fininha, de pé e mexendo muito os dedos como se estivesse prestes a levitar no ar, como uma fada. «Que *bom!* Que *óptimo* que Vossa Senhoria me tenha

vindo visitar! Deus abençoe a minha alma ascética, se não acordou o eremita da sua introspecção... Ah, ah, ah, ah, ah! E aqui, como acabou de dizer, aqui estão todos. Não há qualquer dúvida, pois não? Que bela festa iremos fazer! Haverá jogo de cadeiras e tudo! Ah, ah, ah, ah, ah, ah...»

O tom agudo quase insuportável das suas risadinhas criava uma absoluta imobilidade nesse vestibulo. Os gatos, todos muito bem sentados, tinham os olhos fixos nele.

«Mas tenho estado a fazê-la esperar!» gritou ele. «A esperar num vestibulo! Será que Vossa Senhoria é uma mera hipocondríaca ou alguma mendicante cujo filho enfeitiçado eu possa fazer voltar à forma humana? É claro que não é, é evidente, então porque razão terá que estar neste frio... nesta humidade... neste infernal e horrível vestibulo, com a chuva a cair a cântaros... Assim... assim se me permitir que a conduza...» acenou com um fino braço delicado, com uma mão branquíssima na ponta, que tremia como uma bandeira de seda. «... Irei abrir-lhe algumas portas, acender um candeeiro ou dois, arranjar algumas migalhas para estarmos prontos para... Que vinho quer que eu escolha?»

Começou então a andar até à sala de estar, movendo os pés de um modo curioso.

A Condessa seguia-o. Os criados já tinham levantado a mesa após o jantar e havia tal compostura nessa sala que seria difícil acreditar que ainda há pouco Irma aí perdera a cabeça.

Prunesquallor abriu de par em par a porta da sala, para que a Condessa aí pudesse ter acesso. Abriu-a com um desapego espectacular: parecia quase querer dizer que, se a porta se partisse ou se as dobradiças saltassem dos caixilhos, ou se algum quadro caísse da parede, nada disso teria importância. Tratava-se da casa dele e ele poderia fazer com ela tudo o que muito bem entendesse. Se escolhesse estragar as suas coisas isso era com ele. Tratava-se de uma ocasião em que considerações como essas apenas ocorreriam a pessoas de baixa condição.

A Condessa avançou até meio da sala e parou. Olhou desprendidamente em volta, vendo a longa cortina de uma amarelo limão, os entalhes da mobília, a tapete verde-escura, a prata, as cerâmicas e a palidez das riscas cinzentas e brancas do papel de parede. Talvez a sua mente regressasse até ao caos do seu quarto cheio de velas derretidas, de pássaros e de penumbras, contudo, não se lhe via qualquer expressão no rosto.

«Será que... todas... as vossas... divisões... são... como... esta?» murmurou. Acabara de se sentar num cadeirão.

«Ora bem, vejamos» disse Prunesquallor. «Não, senhora Condessa... Não *exactamente* como esta...»

«Deduzo... que... estejam... todas... impecavelmente... limpas... não é... verdade?»

«Deduzo também que sim. Sim, efectivamente, creio que estão. Não que as veja mais do que cinco ou seis vezes ao longo do ano, mas com os criados sempre numa roda-viva de espanador e vassouras na mão, arrastando baldes e lavando coisas... com a minha irmã Irma sempre atrás deles para se certificar de que está tudo em ordem, não duvido de que estejamos esterilizados até à extinção. Não vejo sarro nos corrimãos nem um microbio que aqui possa viver em paz.

«Estou a ver» disse a Condessa. Era extraordinária a ironia dessas palavras. «Mas eu vim falar-lhe...»

Por momentos, olhou em volta compenetradamente. Os gatos, de bigodes imóveis, estavam por todo o lado nessa sala. A própria prateleira da lareira estava pejada dessa brancura heráldica. A mesa era um sólido bloco imaculado. O sofá parecia feito de neve e carpete estava eivada de olhos.

A cabeça de Sua Senhoria, que sempre parecera muito maior do que qualquer cabeça humana deveria ser, não estava voltada para o médico e encontrava-se um pouco inclinada para trás, o que fazia com que a sua poderosa garganta parecesse esticada. O seu perfil estava escondido pela face. O cabelo fora, na sua maior parte, penteado para cima com uma série de caracóis semelhantes a ninhos de pássaros de cor vermelha, o resto caía-lhe em canudos pelos ombros, como serpentes a que só faltasse sibilar.

O médico girou sobre os seus pés estreitos e abriu, com um grande floreado, a porta de uma garrafeira de madeira de calabura, levantando as suas longas mãos brancas até ao queixo, e depois desviando da testa uma madeixa de cabelo. Exibiu os dentes brilhantes diante da Condessa (que lhe apresentava apenas um ombro e cerca de um oitavo de rosto), e que tinha as sobrancelhas levantadas...

«Senhora Condessa» disse ele. «É já uma honra o facto de ter decido vir visitar-me e discutir certos assuntos comigo. Mas, antes de tudo, que prefere beber?»

O médico, ao abrir a porta dessa garrafeira, revelara a selecção dos vinhos mais raros e cuidadosamente escolhidos que ele alguma vez seleccionara na cave.

A Condessa moveu a sua enorme cabeça.

«Um jarro de leite de cabra, Prunesquallor, se não se importa» disse ela.

Tudo o que o médico tinha de amor à beleza, à selectividade, à delicadeza e à excelência (e havia muitas coisas nele que se coadunavam com estas noções abstractas) se tolheu como os pauzinhos de um caracol e pra-



ticamente se extinguiu. Mas a sua mão, que ainda estava estendida e já a caminho da engarrafada luz do sol de uma vinha perdida e distante, começou a flutuar para cá e para lá, como se ele estivesse a reger uma orquestra de gnomos, enquanto ia rodando o corpo, aparentemente com pleno controlo de si mesmo. Fez uma vénia e voltou a mostrar os dentes. Depois tocou a sineta e, quando um rosto apareceu à porta, perguntou:

«Temos alguma cabra?... Vamos lá, meu rapaz. Sim ou não? Temos ou não temos uma cabra?»

O homem tinha a certeza de que não tinham nada disso.

«Então, se não se importa, vá à procura de uma. Creio que não irá demorar muito tempo. Queremos uma urgentemente... é tudo.»

A Condessa sentara-se melhor. Tinha os pés muitos desviados um do outro e os braços cheios de sardas estavam pousados nos braços almofadados do cadeirão. No silêncio que se seguiu, nem mesmo Prunesquallor conseguia pensar em qualquer coisa para dizer. Esse silêncio acabou por ser quebrado pela voz da Condessa.

«Por que razão tem facas espetadas no tecto?»

O médico voltou a cruzar as pernas e seguiu o olhar impávido da Condessa em direcção à longa faca do pão que, de súbito, parecia maior do que a sala. Uma faca junto à grade de uma lareira, em cima de uma almofada ou por baixo de uma cadeira era uma coisa, mas uma faca, rodeada por um deserto branco que era o tecto, nunca se poderia ocultar, estava tão exposta e óbvia como um porco numa catedral.

Não obstante, o médico podia discursar sobre qualquer assunto. Era apenas uma falta do mesmo, algo bem raro nele, que ele achava detestável.

«Aquele faca, senhora Condessa» começou ele a dizer, dando ao objecto uma reverente vista de olhos, «embora seja uma faca de cortar pão, tem uma história. Uma história, minha senhora. Creia que a tem de facto.»

Voltou os olhos para a sua visita que o mirava impassível.

«Ainda que pareça humilde, desproporcionada e pouco romântica, tem um grande significado para mim. É mesmo isso, senhora Condessa, e eu não sou um homem sentimental. E porquê? Talvez se esteja neste momento a perguntar. Porquê? Permita-me que lhe explique a razão.»

Entrelaçou os dedos e levantou mais os ombros estreitos e elegantes.

«Foi com essa faca, minha senhora, que eu fiz a minha primeira operação bem sucedida. Estava nas montanhas. Grandes montes cobertos de vegetação, cheios de carácter, mas sem qualquer atractivo. Eu estava sozinho com a minha fiel mula. Estávamos perdidos. Um meteoro caíra mesmo à nossa frente. Em que nos poderia isso valer? Em nada. Apenas nos irritou, mostrando um rasto de fogo por entre os fetos febris. Era obviamente o meteoro errado. Ter-nos-ia levado de volta a um atoleiro, do

qual tínhamos passado meio dia para nos libertarmos. Mas que frase! Que frase mais mal construída, senhora Condessa, ah, ah, ah, ah, ah!... Onde ia eu? Ah, sim, mergulhado na escuridão a milhas de qualquer povoado. E que aconteceu em seguida? Uma coisa estranhíssima. Encorajando a minha mula a seguir em frente, com o auxílio de um pingalim (estava nessa altura em cima do animal), reparei que esta começara a gemer de súbito, como uma criança, e a vacilar por baixo de mim. Ora, ao fazê-lo, voltou a sua enorme cabeça peluda e, na pouca luz que ainda havia, vi que os seus olhos me imploravam para que a libertasse de uma qualquer agonia. Ora, sabemos que a agonia é uma coisa agonizante para qualquer um, minha senhora, porém, conseguir descobrir a origem dessa agonia numa mula e às escuras numa montanha durante uma noite febril... bem... não era fácil (acabo de criar um litote) ah, ah, ah!... Ora, eu tinha de *fazer* qualquer coisa. O enorme animal já se tinha deitado de lado, por dentro da escuridão. Eu saíra com um salto de cima do seu dorso infirme e logo as minhas faculdade se puseram a trabalhar. Os olhos da mula fixos nos meus eram como lanternas prestes a ficar sem petróleo. De modo que fiz duas perguntas a mim mesmo (pertinentes, segundo me pareceu na altura, e creia que ainda me parecem). A primeira era: *Será que a agonia é espiritual ou física?* Ora, se fosse espiritual, a escuridão não teria qualquer importância, mas o tratamento seria complicado. Se fosse física, a escuridão seria um inferno. Contudo eu sabia que poderia lidar com esse problema. Decidi-me por esta última hipótese, ou simplesmente por sorte ou devido a um sexto sentido que sempre temos, quando estamos na companhia de uma mula entre montanhas cobertas de vegetação. Quase me dei conta na altura de que fizera uma escolha feliz, pois assim que decidi trabalhar no lado carnal, peguei na cabeça da mula, levantei-a e pu-la depois num determinado ângulo que, dado o brilho que ela tinha nos olhos, me permitia iluminar-lhe (ainda que com uma luz muito vaga) o resto do corpo. Senti-me logo recompensado. Tratava-se do caso de um “corpo estranho”. Enroscada na pata detrás do animal, não vos poderia dizer quantas vezes, estava uma cobra pitão! Mesmo nesse momento horrendo e crítico, poderia dar-me conta da sua beleza. Era, de facto, muito mais bonita do que essa mula teimosa. Mas pensa que me entrou na cabeça que deveria transferir a minha fidelidade para esse réptil? Não, apesar de tudo existe uma coisa chamada lealdade, tal como existe a beleza. Para mais, detesto caminhar e a pitão teria exigido que eu fosse atrás dela, minha senhora. Apanhá-la, teria suposto voltar a selar a mula, algo que me teria esgotado a paciência. Para além disso...»

O médico olhou para a sua visita e logo desejou não o ter feito. Retirando o lenço de seda que tinha no bolso, limpou a testa. Depois voltou a

mostrar-lhe os dentes muito brilhantes e, com menos entusiasmo na voz, acrescentou: «Foi então que pensei na minha faca do pão...»

Fez-se silêncio durante momentos. Ora foi quando o médico já tinha enchido os pulmões e estava prestes a continuar, que a Condessa lhe perguntou:

«Quantos anos tem?» Mas antes que o Dr. Prunesquallor se pudesse sequer voltar para ela, alguém bateu à porta, e um criado entrou com uma cabra.

«Não vê que é do sexo errado, seu idiota!?» Exclamou a Condessa, levantando-se do cadeirão, aproximando-se do animal e acariciando-lhe a cabeça com as suas mãos enormes. O bode encostou-se a Sua Senhoria, forçando um pouco a trela, e começou a lambar-lhe o braço.

«Mal posso acreditar...» disse o médico ao criado. «Já não me espanta que cozinhe tão mal. Fora daqui, homem. Fora! Vá procurar outro animal e não se engane no género, pelo amor dos mamíferos! Por vezes dá que pensar em que mundo vivemos nós, por tudo o que é fundamental, é que dá mesmo.»

O criado desapareceu.

«Prunesquallor» disse a Condessa que tinha ido até à janela e estava agora a olhar para o pátio.

«Minha senhora?» perguntou o médico.

«Há coisas no meu coração que me perturbam, Prunesquallor...»

«No seu coração, senhora Condessa?...»

«No meu coração e na minha cabeça.»

Voltou a sentar-se na cadeira, apoiando nos braços na mesma, como dantes.

«E porquê, senhora Condessa?» A voz de Prunesquallor perdera a sua irónica insipidez.

«Há maldade neste castelo» respondeu ela. «Não sei bem onde, mas há coisas cheias de maldade.» observou, olhando o médico nos olhos.

«Maldade?» disse ele por fim. «Está a referir-se a alguma má influência, não é verdade, minha senhora?»

«Não sei bem ao certo, mas algo mudou. É uma impressão minha. Sinto-o lá no fundo. Há alguém...»

«Alguém?»

«Um inimigo. Se é apenas uma pessoa ou um fantasma, não sei bem; mas um inimigo, está a perceber?»

«Percebo sim» disse o médico. Qualquer vestígio de jocosidade se lhe desvanecera da voz. Debruçou-se um pouco mais. «Não é um fantasma» disse ele. «Esses não se interessam por rebeliões.»

«Rebeliões!» disse a Condessa em voz alta. «Mas incitadas por quem?»

«Não sei, mas que mais poderá a senhora Condessa sentir, tal como me relatou, lá no fundo?...»

«Quem *se atreveria* a revoltar-se?» Murmurou ela, como se estivesse a falar consigo mesma. «Quem se atreveria?...» e depois, após uma breve pausa: «Quais *as suas* suspeitas?»

«Não tenho provas, mas irei manter-me atento. Pois, pelos anjos sagrados, se Vossa Senhoria acredita que assim é, é porque, sem dúvida, alguma maldade se deverá ocultar neste local, não há dúvida.»

«Pior ainda» respondeu ela. «Bem pior do que isso... Trata-se de perfídia.»

Respirou fundo e, em seguida, muito lentamente, observou: «... e eu hei-de destruir tudo isso. Hei-de dar cabo de toda essa intriga. Não apenas por Titus e pela memória do seu falecido pai, mas, sobretudo, por Gormenghast.»

«Estará a falar do seu malogrado marido, minha senhora, o mui estimado Lorde Sepulchrave. Mas onde se encontram os seus restos mortais? Será que morreu realmente?»

«E mais do que isso, bem mais do que isso!... E que dizer do fogo que destruiu o seu cérebro brilhante? E que dizer desse incêndio no qual apenas o jovem Steerpike...» Entregou-se em seguida a um profundo silêncio.

«E que dizer do suicídio das suas irmãs e do desaparecimento do chefe de cozinha na mesma noite em que Lorde Sepulchrave, o vosso marido... E tudo no espaço de um ano ou pouco mais: e desde então mil irregularidades e acontecimentos estranhos... Que se esconderá por detrás de tudo isso? Por tudo o que é visionário, minha senhora, o vosso coração tem razões para se encher de dúvidas.»

«E há Titus» disse a Condessa.

«Há Titus» repetiu o médico com a rapidez de um eco.

«Que idade tem ele agora?»

«Tem quase oito» Prunesquallor elevou as sobrancelhas. «Não o tem visto?»

«Apenas da minha janela» disse a Condessa. «Quando ele passa a cavalo em direcção à Muralha Sul.»

«Mas deveria estar com ele, minha senhora, pelo menos uma vez por outra...» comentou o médico. «Por tudo o que é maternal, deveria ver o seu filho mais vezes.»

A Condessa olhou intensamente para o médico, mas o que ela pudesse estar prestes a dizer foi silenciado para sempre, quando bateram à porta e o criado voltou a aparecer finalmente como uma cabra.

«Solte-a» disse *Lady Groan*.

A pequena cabra branca correu logo para ela como se a Condessa fosse um íman. Em seguida, Sua Senhoria voltou-se para Prunesquallor. «Tem um jarro?»

O médico voltou-se para a porta.

«Vá buscar um jarro» disse ele, para esse rosto que desaparecia.

«Prunesquallor» disse ela, enquanto se ajoelhava como um volume prodigioso sob a luz do candeeiro, acariciando as orelhas do animal. «Não lhe irei perguntar sob quem cairão as suas suspeitas. Não. Por enquanto ainda não. Mas espero que permaneça atento, Prunesquallor, tal como eu. Terá que estar sempre alerta, a cada momento do dia. Espero que me informe sobre qualquer heterodoxia, não importa onde esta possa surgir. Creio que tenho uma certa fé em si, meu rapaz... uma certa fé em si. Não sei bem porquê...» acrescentou ela.

«Minha senhora» disse-lhe Prunesquallor. «Irei estar em bicos de pés.»

O criado entrou com o jarro e retirou-se.

As cortinas elegantes oscilaram um pouco no ar da noite. A luz do candeeiro enchia de reflexos de ouro essa sala, brilhando nas taças de porcelana, nas jarras largas e baixas de cristal, nos objectos em *cloisonné*, nas lombadas de carneira dos livros e nos desenhos encaixilhados que estavam pendurados nas paredes. Porém, a luz reflectia-se mais vivamente no sem número de focinhos brancos dos gatos imóveis. Essa alvura clareava a sala e gelava a luz suave. Era uma cena da qual Prunesquallor nunca se iria esquecer. A Condessa de joelhos junto às brasas e a cabra muito quieta, enquanto ela a mungia, com uma autoridade no movimento desembaraçado das mãos, que o impressionou de uma forma estranha. Será que aquela era a mesma Condessa, brusca, pesada e desprezada, cujos instintos maternos pareciam chocantemente ausentes? A mesma que não falara com Titus durante um ano, que era reverenciada e temida pela população, que era mais uma lenda do que uma mulher? Será que essa pessoa era mesmo *ela*, com esse vago e extraordinário sorriso de ternura nos lábios muito rasgados?

E, uma vez mais, lembrou-se da sua voz, quando ela murmurara: «Quem se atreveria a revoltar-se? Quem se *atreveria*?» E depois a sua voz ressoando como um órgão de igreja: «E eu hei-de destruir tudo isso. Hei-de dar cabo de toda essa intriga! Não apenas por Titus...»

## OITO

CORA E CLARICE, embora não o soubessem, estavam prisioneiras nos seus aposentos. Steerpike pusera pregos e aferrolhara por fora todas as passagens por onde elas se pudessem evadir. Estavam encarceradas há já dois anos, deram com a língua nos dentes acerca do que Steerpike fizera. Apesar deste ser esperto e bastante paciente, não poderia ter encontrado uma maneira mais eficaz de se assegurar do silêncio permanente por parte delas, no que se prendia com o incêndio da biblioteca. Não haveria outra saída excepto uma. Elas acreditavam ser os únicos habitantes do palácio que não estavam contaminados com uma hideonda doença que Steerpike inventara e a que se referira como a «Peste das Doninhas».

As gémeas eram como água. Ele poderia abrir-lhes ou fechar-lhes a torneira do medo. Estavam-lhe pateticamente agradecidas, visto a sabedoria dele lhes ter permitido permanecerem, até certo ponto, de boa saúde. Se é que recusarem-se a morrer, devido a cem motivos diferentes, se poderia chamar saúde. Estavam obcecadas pelo pavor de entrarem em contacto com as pessoas infectadas. E ele trazia-lhes notícias, diariamente, acerca dos mortos e dos moribundos.

Os aposentos de ambas já não eram esses espaçosos apartamentos onde Steerpike as visitara pela primeira vez, há já sete anos. Agora não lhes passaria pela cabeça terem uma Sala das Raízes e uma grande árvore inclinada sobre um precipício, a mais de cem metros da terra. Estavam presentemente num piso térreo num recinto obscuro do castelo, num beco, num promontório de pedra húmida, bem longe das áreas mais frequentadas. Não só não se acedia a nenhum lado através desse espaço, como este fora condenado devido a uma malévola reputação. Insalubre devido à sua terrível humidade, o próprio respirar nesse espaço era equivalente a uma pneumonia dupla.

Por ironia, era precisamente num lugar desse género que as tias se regojizavam, na crença errada de que poderiam escapar à virulenta e tremenda doença que, nas suas imaginações, estava a dizimar Gormenghast. Estavam por essa altura tão centradas nos conselhos de Steerpike que ansiavam já pelo dia em que, como únicas sobreviventes, lhes fosse permitido avançar (dadas todas as precauções) e serem por fim, ao fim de tantos anos de frustração, as candidatas únicas à coroa de Groan, esse enorme e imponente símbolo de soberania, com a sua safira central do tamanho de um ovo de galinha.

Era um dos seus tópicos mais acalorados: se a coroa deveria ser partida ao meio, tal como a safira, para que pudessem sempre usar pelo menos

uma parte da mesma; ou se deveria ser deixada intacta para que elas as pudessem envergar em dias alternados.

Se bem que esse assunto fosse animado e polémico, não despertava um entusiasmo visível. Nem sequer os lábios delas se moviam, pois ambas tinham adquirido o hábito de os manterem ligeiramente entreabertos e projectarem as suas vozes inexpressivas sem que as bocas lhes tremessem. Na maior parte do tempo, os seus dias solitários eram passados em silêncio. As visitas ocasionais de Steerpike — que se tinham tornado cada vez menos frequentes — eram, para além da louca e estranha crença que tinham num futuro de tronos e coroas, a única fonte de entusiasmo de que dispunham.

Mas como poderiam Suas Senhorias Cora e Clarice permanecer escondidas dessa maneira sem que se desencadeasse um possível inquérito?

Não havia de facto necessidade de inquirir o que quer que fosse, pois há já três anos que se pensava em Gormenghast que elas estavam enterradas com toda uma riqueza de simbolismo, no sarcófago dos Groan, tendo Steerpike construído dois modelos em cera para essa penosa ocasião. Uma semana antes das efígies serem postas nos túmulos, uma carta de ambas, mas na verdade forjada pelo jovem, fora descoberta nos aposentos das gémeas. Divulgava a terrível informação de que as irmãs do septuagésimo sexto conde, que desaparecera do castelo sem deixar rasto, tinham saído uma noite do castelo, determinadas a matar-se, ou seja, para se atirarem de umas ravinas da montanha de Gormenghast.

Grupos organizados por Steerpike nunca encontraram vestígios delas.

Na noite antes da descoberta dessa mesma carta, Steerpike levava as Gémeas para os aposentos que ocupavam agora, sob pretexto de irem inspeccionar dois ceptros que ele encontrara e voltara a folhear a ouro.

Tudo isso parecia já ter ocorrido há muito tempo. Titus ainda era bebé. Flay fora expulso recentemente. Sepulchrave e Swelter tinham-se evaporado. Como dentes arrancados ao maxilar de Gormenghast, o desaparecimento das Gémeas, a que se juntavam os outros, descaracterizou durante algum tempo o castelo e tornou-o pesaroso. Porém, até certo ponto as feridas tinham sido saradas e a mudança fora aceite. Titus, apesar de tudo, encontrava-se bem de saúde, assegurando assim a continuidade da família.

As Gémeas estavam sentadas nos seus aposentos, após um dia de habitual silêncio. Um candeeiro, sobre uma mesa de ferro forjado (aceso durante todo o dia), dava-lhes luz suficiente para que pudessem bordar. Todavia, durante longos momentos, nenhuma delas se aplicara a essa tarefa.

«Como a vida demora tanto tempo...» disse Clarice por fim. «Por vezes creio que não vale a pena prolongar-se tanto.»

«Nada sei acerca de *prolongamentos*» respondeu Cora, «mas, já que falaste, poderei dizer-te que te esqueceste de uma coisa, como é teu costume.»

«E de que me esqueci eu?»

«Esqueceste-te de que eu o fiz ontem e de que hoje é a tua vez. Desse modo...»

«A minha vez de fazer o quê?»

«De me confortares» disse Cora, olhando intensamente para uma perna dessa mesa de ferro forjado. «Poderás fazê-lo até às sete e meia da tarde, depois será a tua vez de estares deprimida.»

«Pois bem» observou Clarice, e começou logo a acariciar o braço da irmã.

«Não, não, não!...» exclamou Cora. «Não sejas tão óbvia. Faz as coisas sem as mencionares, como, por exemplo, quando vais buscar chá, antes de o colocares em silêncio diante de mim.»

«Pois bem» respondeu-lhe Clarice, um pouco carrancuda. «Mas agora já estragaste tudo, não foi? Dizendo-me o que deveria fazer. Talvez não fosse tão delicado da minha parte, mas em vez disso, poderia ir buscar café.»

«Não te preocupes com isso» respondeu Cora. «Falas muito e não quero dar-me conta de súbito de que é a tua vez...»

«De quê? De ter *a minha* depressão?»

«Sim, sim» disse a irmã, muito irritada, coçando a nuca.

«Não que eu creia que mereças uma.»

A conversa delas foi interrompida, pois uma cortina abriu-se por detrás delas e Steerpike aproximou-se com uma bengala dentro da qual se ocultava um estilete.

As Gémeas levantaram-se e olharam para ele, com os ombros muito juntos.

«Como estão os meus belos passarinhos?» perguntou Steerpike. Levantou essa fina bengala e, como a férula metálica, tocou nas costelas de Suas Senhorias. Nenhuma expressão lhes surgiu nos rostos, mas começaram lentamente a moverem-se, cheias de cócegas, e a dar às ancas como dançarinas orientais. O relógio que estava sobre a prateleira da lareira deu as horas e quando estas pararam de soar, o monótono som da chuva redobrou de volume. Tudo estava coberto de penumbra.

«Há já muito tempo que não vem até aqui» observou Cora.

«Pois não» disse Steerpike.

«Será que se esqueceu de nós?»

«Nem por sombras» disse ele. «Nem por sombras...»

«Então que lhe aconteceu?» perguntou Clarice.



«Sentem-se» disse Steerpike, de um modo brusco, «e ouçam o que tenho para vos dizer.» Olhou-as então nos olhos até elas baixarem a cabeça, desconcertadas, e começaram a olhar para as suas próprias clavículas. «Acham que é fácil para mim manter a doença bem longe da vossa porta e estar sempre atento às vossas chamadas? Acham que sim?»

Elas abanaram a cabeça lentamente, como pêndulos.

«Então tenham a bondade de não me interrogarem!» gritou ele, fingindo-se muito zangado. «Como se atrevem a cuspir no prato onde comem? Como se atrevem?!»

As Gémeas, agindo em simultâneo, levantaram-se dos cadeirões e começaram a andar pela sala. Pararam por momentos e olharam para Steerpike para se certificarem de que estavam a fazer o que se esperava delas. Sim. O dedo esticado do jovem apontava para um tapete pesado e húmido que cobria todo o chão da sala.

Ao rapaz dava-lhe imenso prazer, mais do que qualquer outra coisa, observar essas lamentáveis e imbecis criaturas, vestidas com os seus melhores vestidos roxos, a esconderem-se por baixo do tapete. Lentamente, ele conseguira apoderar-se da vontade das tias, através de truques fáceis de esperteza, de humilhação em humilhação, até ao distorcido contentamento, que ele assim sentia, se ter tornado para ele uma necessidade. Efectivamente, se não fosse esse prazer grotesco que o assaltava ao exercer o seu poder sobre elas, poder-se-ia duvidar se ele se teria dado ao trabalho de as manter vivas.

Ao olhar para os volumes gémeos por baixo do tapete, não se deu conta de que algo muito peculiar e fora do normal estava a acontecer. Cora, nessa prisão semelhante a uma gaiola de coelhos, ajoelhada nessa escuridão insultuosa, tivera uma ideia. De onde esta viera, nem sequer se dera ao trabalho de perguntar; nem porque a teria tido, pois Steerpike, o benfeitor de ambas, era para ela uma espécie de deus, tal como para Clarice. Mas essa ideia desabrochou no seu cérebro sem ter sido solicitada. Era que ela gostaria imenso de o matar. Assim que concebeu tal pensamento sentiu-se assustada. E o seu medo não se desvaneceu nessa escuridão, ao ouvir uma voz sem tom, que lhe dizia com uma vaga deliberação: «Eu também... Poderíamos fazê-lo juntas, não achas? Poderíamos fazê-lo juntas.»

## NOVE

HAVIA UM patamar completamente esquecido na alta escadaria da ala sul, um patamar que, há várias décadas fora tomado por sucessivas gerações de pequenos ratos cinzento-pérola, pouco maiores do que a articulação de um dedo e indígenas dessa ala sul, pois em mais nenhum lado eram vistos.

Em tempos passados, esse pedaço de sobrado pouco usado, protegido num dos lados por altas balaustradas, deveria ter sido um local de interesse para uma ou mais pessoas, pois embora as cores tivessem debotado bastante, via-se que as tábuas do chão deveriam ter tido um tom brilhante e avermelhado, e que as três paredes teriam sido de um amarelo vivo. As traves das balaustradas alternavam entre um verde e um azul claros, sendo os caixilhos das portas já inexistentes desta mesma cor. Nos corredores que daí partiam, numa perspectiva que os ia tornando cada vez menores, mantinha-se o vermelho do sobrado e o amarelo das paredes, porém, numa tonalidade mais escura.

Os balaústres da varanda ficavam no lado sul e, aberta no tecto inclinado por cima delas, uma janela deixava passar alguma luz e, por vezes, o próprio sol, cujos raios faziam desse silencioso e abandonado patamar um cosmos, um firmamento de luminosas partículas de pó, uma província simultaneamente astral e solar; pois o sol penetrava aí com os seus longos raios e estes dançariam com as estrelas. Onde essa luz se derramava, a madeira parecia abrir-se como uma rosa e uma parede adquirir a tonalidade de um branco lírio selvagem. Os balaústres chamejavam então como anéis de serpentes coloridas.

Mas mesmo nos mais ensolarados dias de Verão, com a luz a entrar a jorros, as cores apesar de brilhantes adquiriam uma pigmentação de ruína. Era um vermelho, que perdera já a sua chama, o que se desprendia das tábuas do chão.

E através desse chão de circo de cores deslavadas, moviam-se as famílias de ratos cinzentos.

Quando Titus se aproximou pela primeira vez da balaustrada colorida das escadarias, estava dois andares mais abaixo da varanda amarela. Ele estivera a explorar esse espaço térreo e, como julgara que se perdera, assustara-se, pois em sala após sala percorria um espaço cavernoso de sombras, ou vazio e a flutuar na luz do sol que realçava o pó acumulado nos largos sobrados. Talvez estes fossem mais assustadores para a criança, na sua dourada ruína, do que as sombras mais profundas. Se ele não tivesse fechado muito os punhos teria gritado, pois a ausência de fantasmas nos salões e quartos vazios já por si só era enervante. De facto, havia aí uma

impressão de que qualquer coisa abandonara cada sala ou cada corredor, no preciso instante em que ele aí entrara, ou então que um cenário estaria pronto e preparado para que ele aparecesse.

Foi com a imaginação sobreexcitada e o coração a bater desordenadamente que Titus, de súbito, dobrando uma esquina, descobriu uma parte da escadaria, dois andares mais abaixo do patamar dos ratinhos cinzentos.

Assim que Titus viu essa escadaria, correu logo para ela, como se cada balaústre fosse um amigo. Mesmo aliviado, quando o eco surdo dos seus passos lhe soava ao ouvido, os seus olhos abriram-se para reparar nas travessas verdes e azuis claras, como se cada uma fosse um alto plinto que o desafiasse. Apenas o corrimão, que essas travessas brilhantes suportavam, pareciam não ter cor, excepto a suave e polida tonalidade do marfim. Titus agarrou-se às balaustradas e depois olhou para baixo através delas. Parecia haver muito pouca vida no espaço profundo por baixo dele. Um pássaro voou lentamente sobre um patamar distante: um pedaço de estuque caiu de uma parede sombria, três andares mais abaixo do pássaro, mas foi apenas isso.

Titus olhou para cima e reparou como estava perto do topo da escada. Embora estivesse ansioso por se ver livre da atmosfera desses lugares mais elevados, não pôde resistir e subiu essas escadas, onde ele podia ver as cores a flamejar. Os ratinhos cinzentos guinchavam, corriam por entre as frinchas ou escondiam-se em buracos. Alguns deles ficaram muito encostados à parede a olhar para Titus, durante alguns momentos, antes de regressarem ao seu sono e às suas actividades roedoras.

Essa atmosfera era para esse menino indescritivelmente dourada e amiga: tão amistosa que a sua aproximação à sala de tecto aberto por baixo dele mal perturbou o encanto que sentia. Sentou-se, com as costas encostadas a uma parede amarela e observou os grãos brilhantes de pó a redemoinharem por dentro dos raios de sol.

«Isto é *meu! Meu!*» exclamou ele em voz alta. «Fui eu quem o descobriu...»

## DEZ

ATRAVÉS DA abjecta luz subterrânea que enchia a Sala Comum dos professores, três figuras pareciam flutuar, à medida que uma ondulação castanha se movia. O fumo do tabaco fizera desse lugar uma espécie de túmulo cor de umbra. Esses três eram a vanguarda das reuniões diárias, uma sala tão

sacrossanta e inevitável como o lugar no topo do ulmeiro onde as gralhas se juntavam em Março, porém, muito menos saudável! Os docentes estavam aí reunidos porque eram onze da manhã e o recreio já começara.

Os seus alunos — os pardais, digamos assim — andavam a correr pelo vasto pátio de grés vermelha de Gormenghast, um recinto rodeado por todos os lados de paredes da mesma pedra, cobertas de hera. Inúmeros cortes de faca tinham sido inscritos na sua superfície, pois deveria haver mil iniciais aracniformes talhadas na pedra! Cem discursos de despedida, dolorosamente gravados e informação cujo significado há muito perdera a sua actualidade. Entalhes mais profundos na pedra vermelha tinham desenhado padrões relacionados com um ou outro jogo de invenção local. Muitos rapazes tinham soluçado contra essas paredes, muitos nós de dedos se tinham aí esfolado, quando a cabeça se desviava para o lado para evitar o golpe. Muitas crianças tinham aberto caminho até esse pátio ao ar livre como a boca ensanguentada e mil pirâmides, feitas de rapazes encavalitados uns nos outros, tinham tremido e soçobrado, quando o que estava mais acima se tentava em vão agarrar à hera.

O acesso a esse pátio fazia-se através de um túnel que começava mesmo por baixo da longa sala de ala sul, onde havia uma série de degraus descendentes a partir de um alçapão. Esse túnel velho e cheio de fetos nas paredes, estava nesse momento a ecoar barbaramente devido aos assobios dos rapazes, enquanto estes corriam aos encontrões a caminho do pátio de grés vermelha, o seu recreio imemorial.

Mas, na Sala Comum dos Professores, os três cavalheiros descontraíam-se por meio de um certo abatimento, em vez de por um aumento de energia.

Quem viesse do corredor dos professores e entrasse nessa sala dar-se-ia conta de uma súbita mudança de atmosfera, tão brusca como um nadador de águas límpidas que estivesse de repente a tentar manter-se à tona numa baía de sopa. Não apenas estava o ar fosco e com uma mistura de cheiros a tabaco, giz, madeira podre, tinta, álcool e, sobretudo, couro mal curtido, mas a própria cor dessa sala era uma transcrição desses mesmos cheiros, pois as paredes eram forradas com pele de cavalo de um castanho tristíssimo, apenas aliviado pelo brilho baço de uma série de cabeças de pioneses, usados para prender os desenhos às pranchas.

À direita da porta estavam penduradas, já em vários estados de decomposição, as becas dos docentes.

Dos três professores, o primeiro a chegar a essa sala nessa manhã, para se poder instalar confortavelmente no único cadeirão (era seu hábito deixar a aula que estava a dar, ou que pretendia ensinar, pelo menos vinte minutos antes do fim, para se certificar de que ninguém se sentara

nesse cadeirão) era Opus Fluke. Este parecia estar estendido e não sentado naquilo que era conhecido entre o pessoal como o «Berço do Fluke». De facto, ele desgastara essa peça de mobiliário — ou símbolo de preguiça — alterando-lhe de tal modo as formas que qualquer outro corpo que não o seu teria dificuldade em encaixar-se nessa cratera de ondulante crina de cavalo.

Essas indulgências diárias, antes do intervalo da manhã e antes da sinetta ter tocado para o almoço, eram muito apreciadas pelo Sr. Opus Fluke que, durante esses períodos, aumentava o sudário de fumo de tabaco, que já obscurecia o tecto da Sala Comum com tantas baforadas suas, para provar não apenas que as tábuas do sobrado estavam a arder, mas que o centro desse incêndio era o próprio Sr. Fluke, estendido, por assim dizer, num ângulo a cinco centímetros do chão, numa posição que, em qualquer outro caso, poderia provocar asfixia. Mas não havia nenhum fogo, excepto no tabaco do seu cachimbo, quando ele repousava indolentemente estendido de barriga para cima, com as volutas de fumo branco a saírem-lhe como vagas alterosas da boca larga, muscular e sem lábios (como a boca de um enorme lagarto ao sol). Demonstrava assim uma tão grande indiferença pelas suas vias respiratórias e pelas dos outros, que dava que pensar de que modo esse homem poderia compartilhar o mesmo mundo dos jacintos e das donzelas.

Opus tinha a cabeça muito inclinada para trás. O seu longo e volumoso queixo apontava para o tecto como um pedaço de pão. Os seus olhos seguiam de uma forma lúgubre a subida do mais recente anel de fumo, até este ter sido absorvido pelas densidades superiores. Havia uma espécie de maturidade na sua indolência e na sua horrível uniformidade.

Apenas dois companheiros de Opus Fluke se encontravam na Sala Comum. O mais novo, Perch-Prism, estava sentado descontraidamente junto de uma longa mesa manchada de tinta. Essa antiga peça de mobiliário estava cheia de manuais escolares; lápis azuis; cachimbos onde se viam várias quantidades de tabaco, alguns com cinzas brancas e restos ainda por fumar; pedaços de giz; uma meia; vários frascos de tinta; uma bengala de bambu; um charco de cola branca; uma carta do sistema solar, já meio queimada devido a um velho acidente com uma garrafa de ácido; um corvo-marinho embalsamado, com pioneses nas patas que não conseguiam manter o pássaro direito; um globo terrestre já muito apagado, com as palavras «*Cane Slypate Quinta-feira*» escritas com giz amarelo, mesmo por debaixo do Linha do Equador até ao Círculo Polar Ártico; toda uma série de listas, avisos e instruções; um romance intitulado *As Aventuras Mirabolantes do Cupid Catt*; e, pelo menos uma dúzia de altos pagodes constituídos por cadernos de cor beije.

Perch-Prism tinha desimpedido uma das pontas dessa mesa, e aí estava ele, meio estendido com os braços cruzados. Era um homem pequeno e gordo, com uma sugestiva assertividade em cada movimento feito, em cada palavra pronunciada. O nariz era como o de um porco, os olhos como botões negros e pequeninos sempre alerta, com suficientes rugas para laçar e estrangular qualquer ideia de que ele pudesse ter menos de cinquenta anos. Porém, o nariz, que parecia ter apenas algumas horas de vida, contribuía muito, no seu modo porcino, para desviar a atenção das rugas em volta dos olhos e para dar a Perch-Prism, de uma maneira geral, uma aparência de juventude.

Opus Fluke estava no seu cadeirão preferido; Perch-Prism debruçado na mesa. Contudo, o terceiro cavalheiro nessa Sala Comum, em contraste com os seus colegas, parecia ter algo que fazer. De olhos fixos num pequeno espelho de barbear sobre a pedra da lareira, com a cabeça de lado a fim de se expor ao máximo de luz que ainda pudesse aí surgir através do fumo, Bellgrove examinava os dentes.

Tratava-se, até certo ponto, de um homem bem-parecido. Com uma cabeça grande, a testa descia-lhe numa linha recta com a cana do nariz, o que lhe dava um ar de inegável nobreza. Tinha o maxilar tão longo como a testa juntamente com o nariz e exactamente paralelo a esses mesmos traços. Com a sua felina cabeleira branca como a neve, havia nele algo de profeta. Porém, os seus olhos eram uma desilusão. Não prometiam de qualquer modo realçar as componentes que teriam constituído o contexto ideal para um tipo de olhar que brilha com um fogo visionário. De facto, os olhos do Sr. Bellgrove não tinham qualquer brilho, eram pequenos, de um verde acinzentado, e não havia neles qualquer expressão. Depois de os vermos, era quase impossível não encararmos o seu perfil como algo de fraudulento. Tinha os dentes tortos e cariados, e essa era a sua pior característica.

Com uma grande rapidez, Perch-Prism esticou os braços e as pernas e depois encolheu-os. Ao mesmo tempo, fechou os olhos negros e brilhantes e abriu os lábios num bocejo, tanto quanto a sua boca pequena e presumida o permitiam. Em seguida, bateu com as mãos no tampo da mesa, observando: «Não podemos estar aqui a sonhar o dia todo!» Franzindo o sobrolho, retirou um cachimbo pequeno e elegante, ainda em bom estado (há muito descobrira que era essa a única defesa contra o fumo dos outros) e encheu-o com dedos rápidos e ágeis.

Semicerrou os olhos quando o acendeu, com o seu nariz de porco mesmo em frente da pequena chama que se elevava. Com os olhos pretos e cerebrais a esconderem-se momentaneamente por detrás das pálpebras, parecia mais um leitão desolado do que com um homem.

Deu rapidamente três ou quatro cachimbadas. Depois, após tê-lo retirado da boca pequena e bem desenhada, e com uma sobrancelha um pouco subida, perguntou:

«E será que *tens que* o fazer?»

Opus Fluke, estendido no cadeirão quase como se estivesse numa maca, não mexeu mais nada para além dos olhos preguiçosos, que rodaram vagorosamente até ficarem meio focados, com uma certa ironia, no rosto intrigado de Perch-Prism. Mas viu logo que este se estaria talvez a referir a outra pessoa e o Sr. Fluke, voltando a revirar os olhos de um modo lânguido, poderia obter uma perspectiva um pouco indistinta de Bellgrove, por detrás do outro colega. O augusto cavalheiro que estivera a examinar os dentes com uma grande minúcia, enrugou o sobrolho magnificamente e voltou a cabeça.

«Tenho que fazer *o quê?* Explica-te melhor, meu rapaz. Se há coisas que abomino são meias palavras. Não dizes coisa com coisa, meu rapaz.»

«Não passas de um velho pedante, Bellgrove, que já está a dever muitos anos à cova» comentou Perch-Prism. «És tão despachado como uma tartaruga preta. Por amor de Deus, pára-me de brincar com esses dentes!»

Opus Fluke, na sua velha cadeira, baixou os olhos e, ao entreabrir os longos lábios de couro, com uma curva pronunciada, poder-se-ia dizer que líamos nela um certo divertimento sardónico, se não fosse uma formidável quantidade de fumo que lhe saía dos pulmões se ter levantado no ar como um ulmeiro de neve branca.

Bellgrove voltou-se de costas para o espelho, deixando de avistar o seu rosto e os dentes incomodativos.

«Perch-Prism» disse ele, «não és mais do que um abominável ser que pensa que é importante. Que têm os meus dentes a ver contigo? Deixa que seja eu a encarregar-me deles, meu caro.»

«De boa vontade» disse Perch-Prism.

«É que estou cheio de dores, estimado colega.» O tom de voz de Bellgrove parecia ter fraquejado.

«Não abres mão de nada, pois não?» comentou Perch-Prism. «Estás sempre agarrado a essas coisas que já morreram e que não te ficam nada bem... Por que não os arrancas?»

Bellgrove regressou então à sua pose de antigo profeta. «Nunca!» gritou. Mas sabotou a majestade da sua frase ao agarrar-se aos maxilares e ao começar a gemer de um modo desesperado.

«Não tens pena de ninguém» disse Perch-Prism balançando as pernas. «És um velho estúpido e, se estivesses na minha aula, dar-te-ia vergastadas

duas vezes por dia até teres dominado: 1) a tua negligência crassa; 2) o teu apego mórbido à putrefacção. Também não tenho pena nenhuma de ti.»

Dessa vez, quando Opus Fluke lançou a sua acre nuvem de fumo, todos lhes viram um declarado sorriso irónico.

«Coitado do velho Bellgrove» disse ele. «Coitado desse pobre dentuças!» Em seguida começou a rir-se de uma forma estranha e apenas sua, que era simultaneamente violenta e silenciosa. O seu corpo pesado e reclinado, coberto pela beca, parecia tremer e saltitar. Os joelhos quase lhe tocavam no queixo. Tinha os braços pendurados ao lado do cadeirão. A cabeça rolava-lhe de um lado para o outro. Era como se estivesse na fase final de um ataque provocado por estricnina. Mas não se ouvia nenhum som nem a sua boca sequer se abria. Gradualmente, esses espasmos acalmaram e, quando a cor beije natural lhe regressou às faces (pois o seu riso reprimido enchera-as de um vermelho escuro), começou novamente a fumar desalmadamente.

Bellgrove deu um paço digno e pensativo até ao centro da sala.

«Então para ti sou o “coitado do Bellgrove”, não é verdade Fluke? É isso que pensas de mim, não é? É assim que os teus pensamentos cruéis tomam forma. Ah!... Ah!...» (A sua tentativa para parecer como se estivesse a reflectir filosoficamente sobre o carácter de Fluke foi um completo fracasso. Este abanou a cabeça vulnerável). «Que pessoa tão rude acabas por ser, meu amigo. És como um animal... ou até mesmo um vegetal... Talvez te estejas a esquecer de que há quinze anos me consideraram para reitor desta escola. Sim, caro Fluke, *consideraram-me*. Foi nessa altura que cometeram o trágico erro de te contratar para que te viesses juntar ao pessoal. Pois... desde então tens sido uma desgraça, meu caro, uma desgraça que já dura há quinze anos e uma verdadeira vergonha para a nossa profissão. Eu, se bem que possa parecer uma pessoa insignificante, tenho mais experiência do que possas pensar. Tu não passas de uma pessoa medíocre, uma espécie de erro humano! E, essa tua falta de respeito por um académico mais velho apenas...»

Mas uma dor aguda fez com que Bellgrove levasse a mão ao maxilar.

«Oh, *os meus dentes!*» gemeu ele.

Durante essa arenga, o Sr. Opus divagara. Se lhe pedissem, teria sido incapaz de repetir uma única palavra que lhe fora dirigida.

Mas a voz de Perch-Prism abriu caminho através desse devaneio.

«Meu caro Fluke, será que terias dito a um grupo de alunos, os Gama Cinco, por exemplo, (numa dessas ocasiões em que achaste digno aparecer numa sala de aula) que eu era um “espantalho que tinha a bexiga no cérebro”? Disseram-me que te tinhas referido a mim exactamente com essas palavras. Diz-me a verdade. Soa-me mesmo a coisa tua...»



Opus Fluke acariciou o seu longo queixo proeminente.

«Quem sabe» disse ele, por fim. «Mas também não iria saber. Não ligo a essas coisas.» O extraordinário paroxismo iniciou-se novamente, esse riso silencioso em que todo o seu corpo se contorcia e parecia mesmo saltitar.

«Uma qualidade bastante conveniente» disse Perch-Prism, com um tom de irritação na sua voz incisiva. «Mas que se passa?»

Ele ouvira qualquer coisa lá fora no corredor. Era como o guincho estridente de uma gaiivota. Opus Fluke ergueu-se, apoiando-se num cotovelo. Esse guincho tornou-se cada vez mais estridente. De repente, a porta que dava para esse corredor escancarou-se e, recortada pelo caixilho da porta, viu-se a silhueta do reitor.

## ONZE

SE ALGUMA vez existiu uma primogénita figura de proa, ainda que aparentemente, esse arquétipo fora ressuscitado em Deadyawn. Era tão-só um símbolo. Por comparação, até o próprio Sr. Fluke era um homem ocupado. Pensava-se que fosse um génio, sobretudo porque conseguia delegar as suas tarefas por métodos tão intrincados, de modo a não haver necessidade para que ele fizesse o que quer que fosse. A sua assinatura, que era necessária uma vez por outra na parte final de longos editais que ninguém lia, era sempre feita por outros, e mesmo esse engenhoso sistema de delegação, onde assentava toda a sua grandeza, estava a cargo de uma outra pessoa.

Entrando na sala, mesmo por detrás do reitor, via-se um homem pequeno e com sardas, a empurrar Deadyawn numa cadeira periclitante, com rodas pregadas às pernas. Essa peça de mobiliário, que tinha um pouco as proporções de uma cadeira alta de criança e que, do mesmo modo, tinha um tampo de mesa, acima do qual a cabeça de Deadyawn se via parcialmente, avisava os outros professores e restante pessoal da sua aproximação, uma vez que necessitava urgentemente de ser lubrificada. As suas rodas emitiam guinchos agudos.

Deadyawn e o indivíduo sardento formavam um óbvio contraste. Não havia qualquer razão para que *ambos* fossem humanos, pois não existia entre eles um denominador comum. Era verdade que tinham duas pernas, que cada um tinha dois olhos e uma boca, e assim sucessivamente, mas isso não lhes conferia qualquer semelhança de *tipo*, ou, se o fizesse, seria apenas do modo como girafas e arminhos são classificados, por uma questão de conveniência, sob o rótulo de «fauna».

Coberto como um embrulho mal feito, com uma bata cinzento-aço bordado com os signos do Zodíaco em duas tonalidades de verde, mesmo que nenhum deles se pudesse ver muito bem devido às dobras e pregas (excepto Câncer, o caranguejo no seu ombro esquerdo), estava o próprio Deadyawn, para mais a dormir. Tinha os pés recolhidos por baixo dele. No colo via-se-lhe um saco de água quente.

O seu rosto tinha a expressão resignada de alguém que sabia que a única diferença entre um e outro dia tem apenas que ver com as páginas do calendário.

As mãos repousavam-se sem vida na mesinha em frente dele, que lhe ficava à altura do queixo. Ao entrar na sala, abriu um olho e começou a olhar distraidamente para o fumo. Não apressou a visão e ficou muito contente quando, após alguns minutos, conseguiu aperceber-se das três figuras indistintas em frente dele. Essas três formas — Opus Fluke, Perch-Prism e Bellgrove — estavam de pé e em fila, tendo Opus Fluke conseguido libertar-se do seu «berço» após se ter debatido com um forte efeito de sucção. Os três olharam para Deadyawn sentado no alto da sua cadeira.

O seu rosto era macio e redondo como um pastel. Parecia até não ter estrutura nem qualquer indício da existência de uma caveira por debaixo da pele.

Essa impressão desagradável poderia ter anunciado um temperamento igualmente desagradável. Felizmente, não era esse o caso. Mas exemplificava também uma ausência de ossos. Não se encontrava nele sinal de nervos ou de ligamentos e, contudo, não aparentava fraqueza, apenas uma ausência de carácter, pois essa flacidez não era uma coisa positiva, a não ser que as alforrecas tivessem consciência da sua preguiça.

Esse ar de extrema abstracção, de vazia e vulgar indiferença, era quase aterrador. Seria essa espécie de desprendimento que fazia com que os mais entusiasmados hesitassem, os mais apaixonados por natureza, fazendo-os pensar por que razão estariam a despender tanta energia física e espiritual quando cada dia os conduzia para mais perto da morte. Deadyawn, por temperamento ou falta dele, conseguia, sem o saber, o que os homens inteligentes desejavam: equilíbrio. Nesse caso, equilíbrio entre dois pólos que não existiam. Mas apesar de tudo aí estava ele, equilibrado sobre um fulcro imaginário.

O homem sardento empurrara a cadeira para o centro da sala. Tinha a pele do rosto ossudo e semelhante ao de um insecto de tal modo esticada, que as sardas teriam bem o dobro do seu tamanho normal. Era muito pequeno e, ao olhar irrequietamente por detrás das pernas dessa cadeira alta, o seu cabelo cor de cenoura reluzia cheio de brilhantina. Este estava penteado muito para trás da sua ossuda cabecinha de insecto. Por todos

os lados, as paredes forradas a couro de cavalo se rodeavam de fumo e adquiriam um cheiro intenso. Apenas alguns pioneses brilhavam sobre essa massa espessa e acastanhada.

Deadyawn deixou cair um braço ao lado da cadeira alta e pôs-se a tremer com o dedo indicador. «O Mosca» (era assim que chamavam a esse anão sardento) retirou do bolso um pedaço de papel, mas em vez de o passar ao reitor, trepou por essa cadeira com uma admirável agilidade para gritar ao ouvido de Deadyawn: «Ainda não! Ainda não! Só cá estão três!»

«Que dizes tu?» perguntou Deadyawn, com uma voz sem qualquer expressão.

«Que só cá estão três!»

«Quais?» voltou a perguntar Deadyawn, após um longo silêncio.

«Bellgrove, Perch-Prism e Fluke» disse o Mosca, com a sua penetrante vozinha de insecto. Depois piscou o olho, através do fumo, a esses três cavalheiros.

«E *eles* não chegam?» murmurou Deadyawn, de olhos fechados. «Fazem parte do corpo docente, não é... verdade?»

«Pois fazem, de facto fazem» disse o Mosca. «Fazem mesmo. Mas o vosso decreto dirige-se a todo o pessoal docente.»

«Já me esqueci de quantas pessoas estaremos a falar. Lembra-me...»

«Mas está tudo registado» disse o Mosca. «Tenho tudo aqui, Sr. Reitor. Apenas terá que o ler.» E mais uma vez esse homenzinho ruivo saudou os três professores com um íntimo e exagerado piscar de olho. Havia algo de lúbrico no modo como a sua pálpebra, semelhante a uma pétala cor de cera, se lhe fechava sugestivamente sobre o olho brilhante, para voltar a abrir-se sem nunca tremer.

«Podes dá-lo a Bellgrove. Ele poderá lê-lo, logo que seja apropriado» observou Deadyawn, levantando a mão pendurada e colocando-a na mesinha diante dele, antes de se pôr a acariciar languidamente o saco de água quente... «Vê o que os está a atrasar».

O Mosca voltou a descer pelas travessas da cadeira e a emergir da sua sombra. Atravessou a sala com passos rápidos e descarados, com a cabeça e o traseiro muito empertigados. Mas antes de chegar à porta, esta abriu-se e dois professores entraram: um deles, Flannelcat, com as mãos cheias de cadernos de exercícios e a boca ainda a mastigar bolo de sementes; e o seu companheiro Shred, sem nada nas mãos, mas com a cabeça repleta de teorias acerca do subconsciente de todos, excepto do seu. Este tinha um amigo chamado Shrivel, que deveria estar a chegar a qualquer momento, o qual, em contraste com Shred, era muito dedicado a teorias acerca do seu subconsciente sem se interessar pelo dos outros.

Flannelcat levava o seu trabalho a sério e estava sempre preocupado. Era maltratado pelos alunos e pelos colegas de trabalho. Ninguém reparava na maior parte do trabalho que ele fazia, contudo, teria que o fazer. Tinha um sentido de dever que estava rapidamente a transformá-lo num homem doente. Um piedoso ar de reprovação, que nunca lhe abandonava o rosto, era testemunho do seu zelo. Chegava sempre demasiado tarde para encontrar uma cadeira vazia na Sala Comum, e saía muito cedo para encontrar já os seus alunos reunidos. Estava sempre a reparar que lhe tinham feito nós nas mangas da beca, quando ele estava com pressa, e que as fatias de queijo, na mesa do reitor, eram por vezes substituídas por pedaços de sabão. Não fazia a mínima ideia sobre quem pudesse ter planeado essas coisas, nem tinha qualquer modo de as evitar. Nesse dia, ao entrar na Sala Comum com as mãos cheias de livros e com o bolo na boca, estava tão apressado como de costume. O seu estado de espírito em nada melhorou ao reparar no reitor, sentado no alto da sua cadeira, como Júpiter entre as nuvens. Desorientado, o bolo foi-lhe para o goto, a concertina de cadernos que ele trazia começou a escorregar e, com um grande estrondo, caiu em cascata no chão. No silêncio que se seguiu apenas se escutou um gemido de dor, mas era apenas Bellgrove, com as mãos no maxilar. A sua nobre cabeça balançava de um lado para o outro.

Shred avançou desde a porta, fazendo uma discreta vénia na direcção de Deadyawn, em seguida, aproximou-se de Bellgrove.

«Estás com dores, meu caro Bellgrove? Estás mesmo com dores?» perguntou ele, com uma voz ríspida e irritante — com a mesma comisseração que poderíamos encontrar no coração de um vampiro.

Bellgrove ergueu um pouco a sua nobre cabeça, mas não se dignou responder-lhe.

«Imaginemos que estás mesmo com dores» continuou Shred. «Trabalhemos nessa hipótese como base: que Bellgrove, um homem algures entre os sessenta e os oitenta anos de idade está a sentir dores. Ou antes, que *pensa estar* a senti-las. Teremos que ser precisos. Como homem de ciência insisto na exactidão. Bem, e depois? Ora, teremos que levar em consideração que Bellgrove, que se supõe estar a sentir dores, também julga que as mesmas têm que ver com os seus dentes. Isto, como é óbvio, é um absurdo, mas deverá, digo eu, ser tomado em conta. Por que motivo? Porque essas dores são simbólicas. Tudo é simbólico. Não existe nada como uma “coisa” *per se*. Tudo é apenas o símbolo de uma outra coisa e assim sucessivamente... De acordo com a minha opinião, os seus dentes, embora aparentemente podres, são apenas o símbolo de uma mente doentia.»

Bellgrove pareceu rosar.

«E por que razão a sua mente adoeceu?» Pegou então na beca de Bell-

grove, mesmo por baixo do ombro esquerdo desse cavalheiro e, com o rosto levantado, pôs-se a escrutinar a grande cabeça do outro.

«A tua boca está a tremer» observou ele. «Interessante... muito... interessante. Talvez não o saibas, mas a tua mãe tinha mau sangue... mesmo muito mau. Ou como alternativa, sonhas com arminhos. Mas isso não tem qualquer importância. Onde íamos nós? Sim, sim, nos teus dentes... os símbolos, tal como dissemos não é verdade, de uma mente doente... Mas de que *tipo* de doença estaremos a falar? É essa a questão. Que *tipo* de doença mental te poderia afectar os dentes dessa maneira? Abre a boca, meu caro.»

Mas Bellgrove, com uma certa revolta a transparecer-lhe sob a sua paciência e decoro, ergueu a sua enorme bota, quase do tamanho de um tabuleiro, e pisou com um prazer cego os pés do Sr. Shred. Pisou-os a ambos, o que deveria ter provocado neste uma dor excruciante, pois a testa do referido Sr. Shred corou e contraiu-se, mas ele não fez qualquer som, excepto para comentar: «Interessante... muito interessante... talvez a tua mãe.»

O riso corporal de Opus Fluke fez tudo excepto parti-lo ao meio ou fazê-lo libertar qualquer som.

Por essa altura, vários professores se tinham infiltrado no fumo dessa sala. Havia Shrivel, o amigo de Shred, ou seu seguidor, pois reverenciava todas as opiniões deste. Porém, no que se prendia com uma estrita disciplina, o Sr. Shrivel era um rebelde quando comparado com os três cavalheiros que, movendo-se todos ao mesmo tempo, com os chapéus de topo quadrado formando entre eles uma superfície quase homogénea, se tinham sentado num canto, como se fossem conspiradores. Esses três não prestavam homenagens a qualquer membro do pessoal ou a qualquer outra abstracção como o próprio «pessoal», mas a um velho sábio, um sujeito barbudo sem ocupação específica, cuja visão da Morte, da Eternidade, da Dor (e da sua inexistência), da Verdade, ou, de facto, de qualquer coisa de uma natureza filosófica, era um verdadeiro encanto para os ouvidos deles.

Ao abraçarem o ponto de vista desse mestre acerca de temas tão importantes, tinham desenvolvido um certo medo dos colegas e uma disposição irritável que, tal como Perch-Prism apontara sem rodeios mais do que uma vez, era inconsistente com a teoria que defendiam da inexistência. «Por que nos irritamos nós tanto...» costumava ele dizer, «quando não existe a dor nem a irritação?» Pergunta perante qual os três, Spiregrain, Splint e Throd, se transformavam numa tenda negra, tal era a velocidade com que começavam a conferenciar. Como eles gostariam, por vezes, que o seu líder de barbas estivesse com eles! Esse sabia sempre responder às perguntas mais impertinentes.

Esses três eram homens infelizes. Não devido a uma melancolia con-

génita, mas por causa das suas teorias. E aí se sentavam, com grinaldas de fumo em volta deles, com os olhos a repararem, cheios de suspeita, nos vários rostos dos seus irmãos heréticos, com um pavor irracional de que as suas crenças pudessem ser postas em causa.

Quem mais entrara? Apenas Cutflower, o galã; Crust, o parasita; e o colérico Mulefire.

Entretanto, o Mosca tinha estado no corredor com os nós dos dedos entre os dentes, a emitir agudos assobios. Se causaram o aparecimento de alguns retardatários ao fundo dessa passagem, ou se essas personagens já estariam a caminho da Sala Comum, não haveria dúvida de que a aguda música do Mosca lhes apressara os passos.

O fumo rodeou-os ao aproximarem-se da porta. Eles não desejavam entrar no que designavam como o quarto abafado do Fluke, para aí exporem a virgindade dos seus pulmões.

«Temos aqui o Yawner<sup>1</sup>» disse o Mosca quando os professores entraram com as becas a flutuar. Uma dezena de sobranceiras levantou-se, pois raramente viam o reitor.

Quando a porta se fechou, depois do último ter entrado, repararam que essa sala forrada a couro não era de facto lugar para asmáticos. Nenhuma flor aí poderia desabrochar, a não ser que fosse muito resistente e espinhosa, algum cacto há muito habituado ao pó e à sede. Nenhuma ave canoras aí poderiam viver, nem mesmo um corvo, pois o fumo depressa invadiria as suas finas vias respiratórias. Essa atmosfera nada sabia de fragrantes pastagens — nem da alvorada sobre os bosques orvalhados e cor de avelã — nem dos ribeiros nem da luz das estrelas. Era uma cave de couro imersa num nevoeiro de cor sépia.

O Mosca, com a sua cara de insecto que mal se via no meio do fumo, trepou à cadeira alta, com uma mão atrás da outra, para encontrar Deadyawn a dormir com o seu saco de água quente já frio. Tocou nas costelas do reitor com um curto dedo ossudo, no local onde o Touro e o Escorpião se sobrepunham um ao outro. A cabeça de Deadyawn mergulhara ainda mais durante o sono e quase tocava a mesinha. Ainda tinha os pés recolhidos. Era como uma criatura que perdera a sua carapaça, pois o seu rosto parecia distintamente nu. Nu não apenas fisicamente, mas devido ao seu vazio.

Depois dessa manobra do Mosca ele não acordou, como seria de esperar, pois isso poderia revelar-se indicativo de um certo interesse pela vida. Apenas abriu um olho e, desviando-o do Mosca, deixou-o vaguear sobre essa miscelânea de homens de beca.

Voltou depois a fechar os olhos. «Para... que... servem... todos... es-

---

<sup>1</sup> Yawner: o que boceja. (N. do T.)

tes... indivíduos?» A voz flutuava-lhe a partir da cabeça mole como uma serpentina de papel. «E por que razão estarei...» acrescentou.

«É tudo bastante necessário» respondeu o Mosca. «Será que vos deve-  
rei lembrar mais uma vez, senhor reitor, do Aviso de Barquentine?»

«Porque não?» observou Deadyawn. «Mas não o leias muito alto.»

«Ou será que Bellgrove o deveria ler, senhor reitor?»

«Porque não» disse este. «Mas antes volta a encher o meu saco de água quente.»

O Mosca desceu através das travessas da cadeira com o saco frio e caminhou muito cheio de energia, passando pelos professores e dirigindo-se à porta. Antes de lá chegar, porém, ajudado pela fraca visibilidade da sala, mas sobretudo pela agilidade dos seus pequenos dedos finos, aliviou Flannelcat de um relógio de bolso e da corrente, o Sr. Shred de algumas moedas e Cutflower de um lenço bordado.

Quando voltou com o saco de água quente, Deadyawn já estava outra vez a dormir, mas o Mosca deu a Bellgrove um rolo de papel, antes de trepar pela cadeira com rodas para acordar o reitor.

«Leia-o» disse o Mosca. «É de Barquentine.»

«Porquê *eu?*» perguntou Bellgrove, com a mão na face. «Para o diabo com Barquentine e com os seus avisos! Ele que vá para o inferno!»

Desenrolou esse papel e aproximou-se da janela, onde tentou aproximá-lo da luz que ainda havia.

Os professores já se tinham sentado no chão, isolados ou em grupos, como Flannelcat junto das cinzas frias da lareira. Se não fosse a ausência de tendas, de peles vermelhas, machados e penas na cabeça, poderia tratar-se de uma tribo acampada por baixo de um fumo pesado.

«Vamos lá, Bellgrove! Vamos lá, meu rapaz!» disse Perch-Prism. «Ferra-lhe bem esses dentes!»

«Para um académico no sentido clássico do termo» observou o irritante Shred. «Para um académico no sentido clássico, sempre senti que Bellgrove deverá ser um atrasado mental, alguém seriamente atrasado. Primeiro dada a dificuldade que ele tem em perceber frases com mais do que sete palavras e, em segundo lugar, devido ao efeito estupidificante que o seu complexo de superioridade provoca na sua mente.»

Ouviu-se algo semelhante a uma rosnadela por entre o fumo.

«Então é isso? *Então é isso?* Valha-me Deus!»

Esta era voz de Cutflower. Veio do fundo da longa mesa sobre a qual se sentava, balançando as suas magras e elegantes pernas. Tinha os sapatos de tal modo bem engraxados que as biqueiras luziam como tochas por entre o nevoeiro. Nenhum outro sinal da existência de pés fora visto nessa sala há pelo menos meia hora.

«Bellgrove» continuou ele, onde Perch-Prism interrompera o seu discurso, «ataca isso, homem! Ataca isso! Trata desse aviso. Dá-nos pelo menos um resumo do mesmo, valha-me Deus! Será que não consegues ler, valha-me Deus, essa velha fraude?»

«És tu, Cutflower?» ouviu-se uma outra voz perguntar. «Tenho estado à tua procura a manhã toda. Valha-me Deus, que brilho tão intenso tens nesses sapatos, Cutflower! Já me tinha perguntado que diabo eram essas luzes! Mas, a sério, estou muito embaraçado, Cutflower. Olha que estou mesmo. É que tenho a minha mulher no exílio, como sabes, muito doente. Mas que posso eu fazer se sou um indivíduo gastador, que como uma tablete de chocolate uma vez por semana? Não sei se estás a ver como é, meu caro colega: é o fim! Ou quase... A não ser que... Estava eu aqui a pensar... será que *podias*...? Qualquer coisa até terça-feira... confidencialmente, é claro... oh, como é difícil pedir... a humilhação e coisas quejandas... mas a sério, Cutflower (que espectacular par de cascos, meu amigo!) mas a sério, se não te importasses de...»

«Silêncio» gritou o Mosca, interrompendo Crust que não se dera conta de que estava sentado mesmo junto do colega, até ter ouvido as palavras afectadas deste, mesmo a seu lado. Todos sabiam que Crust não tinha qualquer mulher no exílio, doente ou saudável. Também todos tinham conhecimento de que esses constantes pedidos não se deviam ao facto de ele estar na pobreza, mas por gostar de fazer boa figura. Ter uma mulher no exílio e a morrer com dores inimagináveis dava a Crust a sensação de alcançar um certo estatuto romântico. Não estava à procura de comiseração, mas de se sentir invejado. Sem uma mulher no exílio e a morrer, que seria ele? Apenas Crust, era tudo. Crust para os colegas e para si mesmo. Qualquer coisa com cinco letras que caminhava em cima de duas pernas.

Cutflower, porém, aproveitando-se do fumo, desviara-se dessa mesa. Dera uns quantos passos delicados para a esquerda e tropeçara na perna estendida de Mulefire.

«Que Satã acabe contigo!» rugiu uma voz feia quase junto ao chão. «Malditos sejam os teus pés malcheirosos, seja lá quem tu fores!»

«Pobre velho Mulefire, pobre porco!» Tratava-se ainda de uma outra voz bem mais familiar. Depois todos tiveram a impressão de algo que se balançava incontrolavelmente, se bem que tal não se traduzisse em termos de som.

Flannelcat estava a morder o lábio inferior. Já estava atrasado para ir dar aula. Mas ninguém, excepto ele, estava preocupado com isso. Flannel sabia que, por essa altura, já o tecto da sala de aula deveria estar cheio de tinta azul: que o rapazito de pernas arqueadas, Smattering, se estaria a rebolar



por debaixo da carteira numa convulsão de excitado mau comportamento; que fisgas estariam a vibrar livremente ou qualquer engenho de madeira, e que garrafinhas de mau cheiro teriam feito dessa sala um nauseante inferno. Sabia de tudo isso, mas nada poderia fazer. O resto do pessoal também saberia disso, mas não tinha já vontade de fazer nada.

Uma voz, por baixo desse sudário de fumo, gritou: «Silêncio, meus senhores, pois o Sr. Bellgrove!...» E outra voz comentou: «Oh, que seca, os meus dentes! Os meus dentes!»... e outra: «Onde está o meu relógio de ouro?» E em seguida a voz do Mosca uma vez mais: «Silêncio, meus senhores! Silêncio, pois Bellgrove irá falar! Está pronto, senhor professor?» O Mosca olhou então para o rosto inexpressivo de Deadyawn.

Como resposta, o reitor comentou: «Porque... não?» com um intervalo particularmente longo entre o «porque» e o «não».

Bellgrove leu:

Decreto n.º 1597577361544329621707193

*Para Deadyawn, Reitor, e para os Cavalheiros que constituem o pessoal docente: para todos os porteiros, curadores e outras pessoas em situação de autoridade...*

Neste \_\_\_ dia do \_\_\_ mês, no oitavo ano do septuagésimo sétimo Conde, a saber: Titus, Lorde de Gormenghast, sugestões e avisos são dados em relação às atitudes, métodos de falar e comportamentos no que diz respeito ao Conde acima mencionado, o qual, estando agora no limiar da idade da razão, poderá impressionar o reitor, os cavalheiros do pessoal docente, os porteiros, os curadores e outras pessoas afins, com o significado da sua linhagem, com o fim de distrair estas referidas pessoas das suas tarefas no que se prende com a lei imemorial que governa a atitude que Deadyawn, etc., deverão mostrar, sempre que tratem o septuagésimo sétimo Conde em todas as ocasiões públicas e particulares como tratariam qualquer outro menor a seu cargo, sem deferências nem favoritismos, esperando-se assim que um sentido de costume, tradição e observância — e acima de tudo, um sentido dos deveres que estão ligados a cada ramo da vida neste Castelo — seja instilado, juntamente com uma indelével noção das responsabilidades que serão suas, logo que ele atinja a maioridade, ocasião na qual, com os seus anos de formação passados entre a juventude popular do Castelo, se assume que o 77º Conde não só terá desenvolvido uma rectidão mental, um conhecimento da natureza humana e uma certa coragem, mas também um grau de conhecimento, dependente do esforço com

o qual vós, Senhor Reitor, e restantes cavalheiros do pessoal docente se tenham empenhado, mas que não será mais do que o vosso dever, já para não se mencionar o privilégio e a honra que tal possa representar. Tudo isto, meus senhores, deverá ser do conhecimento comum de todos, porém, como o 77º Conde se encontra agora no seu oitavo ano, acreditei ser necessário voltar a alertar-vos para as vossas responsabilidades, na minha capacidade de Mestre de Rituais, etc., e, nesta mesma capacidade, outorgo-me o direito de poder aparecer a qualquer momento em qualquer sala de aula que escolher, para me informar do modo em que os vossos diversos conhecimentos estão a ser inculcados, verificando também a este respeito o progresso do jovem Conde. Reitor Deadyawn, espero que esclareça o seu Pessoal Docente acerca da magnitude de tal responsabilidade e, em particular...

Mas Bellgrove, com o maxilar a latejar como se este estivesse a ser martelado numa bigorna, atirou para o chão esse pergaminho e ajoelhou-se com um grito de dor, que acordou Deadyawn de tal modo que este abriu *os dois* olhos.

«Que aconteceu?» perguntou Deadyawn ao Mosca.

«Bellgrove está cheio de dores» disse o anão. «Será que deverei acabar de ler o aviso?»

«Porque não?» disse o reitor.

Foi Flannelcat quem passou o documento ao Mosca que continuou a leitura, após um assobio, feito com os lábios e os dedos, para chamar a atenção de todos. Tão estridente foi o referido assobio que todo o pessoal se ergueu ao mesmo tempo, como se todos estivessem em sentido.

O Mosca leu rapidamente, com cada palavra a misturar-se com a seguinte, e acabou por percorrer o decreto de Barquentine quase com um só fôlego.

... esclareça o seu Pessoal Docente acerca da magnitude de tal responsabilidade, e em particular os membros do mesmo que possam confundir o ritual das suas profissões com um mero hábito, tornando-se assim horríveis lapas sobre uma rocha viva; ou uma vil erva daninha em volta de um caule, asfixiando a respiração do Castelo.

Assinado (em nome de Barquentine), Mestre de Rituais, Guardião das Observâncias e hereditário senhor dos manuscritos, por

Steerpike (*Amanuensis*)

Alguém acendera um candeeiro, mas sem grandes resultados, pois mantiveram-no em cima da mesa, onde iluminava apenas o peito do corvo-ma-

rinho embalsamado. Havia qualquer coisa de quase trágico na necessidade de o acenderem ao meio-dia durante o Verão.

«Se alguma vez existiu uma horrível lapa coberta de ervas daninhas, tu és essa lapa, meu amigo» disse Perch-Prism para Bellgrove. «Será que te deste conta de que todo esse discurso era dirigido a ti? Para um velho, creio que já foste longe de mais. Mesmo bastante. Que irás fazer quanto te afastarem, caro amigo? Para onde irás? Será que ainda existe alguém que goste de ti?»

«Vai para o diabo!» exclamou Bellgrove, com uma voz tão alta e descontrolada que até Deadyawn sorriu. Teria sido talvez o sorriso mais discreto e vago que alguma vez agitara a parte inferior de um rosto humano. Os olhos não participaram nessa operação. Estavam tão inexpressivos como pires cheios de leite, mas um canto dos lábios levantou-se-lhe ligeiramente, tal como a boca de uma truta o poderia fazer.

«Senhor... Mosca...» disse o reitor com uma voz tão distante quanto o fantasma do seu perdido sorriso. «Senhor... Mosca... seu... vírus... onde... se... meteu...?»

«Sr. Reitor?» disse o Mosca.

«Foi... o... Bellgrove... quem... falou?»

«Pois foi, Sr. Reitor» respondeu o Mosca.

«E... como... é... que... ele... está... nos... dias... que... vão... passando?»

«Está cheio de dores» esclareceu o Mosca.

«Dores... muito... agudas?»

«Quereis que lhe pergunte?»

«Porque... não...?»

«Bellgrove!» gritou o Mosca.

«Que se passa, meu espantalho?» disse Bellgrove.

«O Sr. Reitor está a perguntar acerca da sua saúde.»

«Da minha saúde?» perguntou Bellgrove.

«Sim, *da sua*» observou o Mosca.

«Sr. Reitor» disse Bellgrove, tentando olhar na direcção dessa voz.

«Aproxime-se...» disse Deadyawn. «Não... o... consigo... ver... caro... amigo...»

«Eu também não o consigo ver, Sr. Reitor.»

«Estenda... a... sua... mão... Bellgrove... está... a... sentir... alguma... coisa?»

«Isto é o seu pé, Sr. Reitor?»

«De... facto... é... o... meu... pé... meu... pobre... amigo»

«Pois é, Sr. Reitor» disse Bellgrove.

«Bem... então... diga-me... Bellgrove...»

«O quê, Sr. Reitor?»

«Será... que... não... se... encontra... bem... de... saúde... meu... pobre... amigo...»

«Trata-se de uma dor localizada, Sr. Reitor.»

«Estará... a... falar... de... uma... dor... nas... mandíbulas?»

«É isso mesmo, Sr. Reitor.»

«Como... nos... velhos... tempos... em... que... era... ambicioso... Quando... tinha... ideais... Bellgrove... Todos... nós... tínhamos... uma... grande... esperança... em... si... ainda... me... lembro... (Ouvu-se então uma espécie de riso espapaçado).

«Efectivamente, Sr. Reitor.»

«Será... que... alguém... ainda... acredita... em... si... meu... pobre... pobre... amigo?»

Não houve resposta.

«Ora... ora. Não deverá encher-se de ressentimento em relação ao seu destino. Nem... meditar... constantemente... na... folha... seca... e... amarelada. Oh... não... meu... pobre... Bellgrove... Sei... que... amadureceu... Talvez... tivesse... amadurecido... de... mais. Quem... sabe...? Todos... nós... acabamos... por... piorar... com... o... tempo. Estará... a... sentir... o... que... eu... sinto... meu... amigo?»

«Não sei» disse Bellgrove.

«Eu... estou... muito... cansado» disse Deadyawn. «Que... estarei... afinal... a... fazer... aqui? Onde... está... esse... vírus... o... senhor... Mosca?»

«Sr. Reitor» respondeu este, como um tiro.

«Tira-me... desta... sala... Leva... a... minha... cadeira... daqui... para... fora. Quero... sossego... senhor... Mosca. Leva-me... para... a... suave... escuridão... (A sua voz tornou-se demasiado trémula, o que, embora ainda fosse vazia e sem tom, relevasse ainda alguns traços de vida). «Empurra... a... minha... cadeira... para... esse... vazio... dourado.»

«É para já, Sr. Reitor» disse o Mosca.

De repente era como se a Sala Comum dos professores se tivesse enchido de gaivotas desesperadas. Mas esses guinchos provinham da falta de óleo nas rodas dessa cadeira alta que se estava a mover muito lentamente. O puxador da porta foi finalmente rodado por Flannelcat, após algumas apalpadelas, e a porta escancarou-se. Podia ver-se um brilho de luz lá fora no corredor. Contra essa luz, as grinaldas de fumo de tabaco pareciam enrolar-se mais e, um pouco mais tarde, a silhueta alta e fantástica de Deadyawn, como um saco no topo de uma cadeira periclitante, partiu com uns quantos estalidos dessa sala, como uma espécie de altos e negros andaimes com vida própria.

O guincho das rodas tornou-se cada vez mais distante.

Demorou algum tempo até alguém quebrar o silêncio. Nenhum dos presentes ouvira alguma vez comentários desse género vindos do reitor. Tinha-lhes gelado o sangue. Nem nunca o tinham escutado durante tanto tempo com uma veia tão mística. Seria horrível pensar que ele poderia ser mais do que a nulidade a que se tinham conformado há já tanto tempo. Contudo, uma voz quebrou por fim esse pensativo silêncio.

«Uma voz de facto muito seca» observou Crust.

«Tragam uma luz, por amor de Deus!» gritou Perch-Prism.

«Que horas poderão ser?» gemeu Flannelcat.

Alguém tinha acendido a lareira, usando para tal efeito alguns dos cadernos de Flannelcat, que ele não conseguira levantar do chão. O globo terrestre fora posto por cima dos mesmos e sendo de uma madeira leve, facilitou-lhes, dentro de minutos, uma luz excelente, com os grandes continentes a descolarem-se e os oceanos a ferverem. O memorando de que Slypate iria ser expulso, que fora escrito com giz nessa superfície colorida, acabou por desaparecer e, com ele, o castigo desse rapaz, pois Mulefire nunca mais se lembrou e Slypate também não mencionou mais esse assunto.

«Meu Deus!» exclamou Cutflower, «Se o subconsciente do reitor não se tornou autoconsciente chamem-me míope, valha-me Deus! As coisas que acontecem... valha-me Deus!»

«Que horas são, cavalheiros, que horas poderão ser, se não se importam?» perguntou Flannelcat, apanhando os cadernos do chão. Essa cena enervara-o e os poucos cadernos que conseguira levantar não paravam de lhe cair das mãos.

O Sr. Shrivel retirou um deles do lume e, segurando-o por um canto que estava a arder, aproximou-o por momentos do relógio.

«Ainda faltam quarenta minutos para nos irmos embora» disse ele. «Creio que não vale a pena esperar... que pensam? Pessoalmente, estou com vontade de...»

«E eu também, valha-me Deus» gritou Cutflower. «Se a minha sala de aula a esta hora não estiver a arder ou inundada, chamem-me tolo, valha-me Deus!»

A mesma ideia deveria ter estado na mente de todos eles, pois observou-se um movimento geral em direcção à porta. Apenas Opus Fluke permaneceu na sua decrépita poltrona, com o queixo semelhante a um pão apontado para o tecto, os olhos fechados e a boca de lábios de couro descrevendo uma linha tão fátua quanto indolente. Alguns minutos mais tarde, o som do roçar de uma série de becas ao longo do corredor pressagiava o rodar de uns quantos puxadores e a entrada nas respectivas salas de aula dos professores de Gormenghast.

## DOZE

UM TECTO de nuvens estendido de horizonte a horizonte mantinha o ar imóvel, como se céu e terra, comprimindo-se um ao outro, tivessem asfixiado toda e qualquer respiração. Por baixo, a superfície crua desse contínuo tecto de nuvens e o ar (que através de um curioso jogo de luz revelava uma espécie de realidade submersa), reflectiam o imponente dorso de Gormenghast, fazendo com que as garças parecessem imóveis, de pé e a tremerem numa longa açoteia abandonada, metade da qual se encontrava oculta pelas nuvens.

A escada de pedra que conduzia a essa açoteia parecia perdida sob centenas de anos de crescimento de hera obliterante, de trepadeiras e resistentes ervas daninhas. Nenhum ser vivo pousara os pés sobre as gigantescas almofadas de musgo verde que cobriam o pavimento, ou vagueara junto às suas altas arestas, onde permaneciam as garças e as gralhas lutavam, tal como os raios solares, a chuva, a geada, a neve e os ventos, todos disputando a sua vez.

Em tempos existira uma enorme janela que dava para esse terraço, mas há muito desaparecera. De facto, não se via aí vidros partidos nem ferro nem madeira podre. Talvez que por baixo do musgo e das plantas rasteiras houvesse outras camadas, há muito apodrecidas. Todavia, onde esse longo janelão em tempos estivera, havia tão-só a escuridão vazia de uma sala que abria a sua boca desprotegida a meio desse mesmo pavimento de ambos os lados dessa abertura cavernosa, largamente separados, estavam os buracos que há muito tinham desempenhado a função de janelas laterais. A própria sala parecia solene cheia de garças. Era aí que se reproduziam e cuidavam das suas crias. Não obstante, num lugar de criação de garças-reais, havia ainda outros recessos em que diferentes pássaros se abrigavam.

Essa sala, onde os amantes dos tempos de antanho costumavam passear, parar e voltarem-se um para o outro com medidas esquecidas, e ao som de músicas que já se tinham perdido, encontrava-se atapetada de galhos brancos como a cal. Por vezes o sol poente, ao aproximar-se do horizonte, deixava que os seus raios atravessassem esse espaço e, como se em busca dos rudes ninhos, essa rede de galhos brancos acendia-se pelo chão como corais leprosos e, aqui e ali (como se fosse Primavera) um ovo de um ténue azul esverdeado brilhava, como uma pedra preciosa, ou, um ninho de crias, inclinando os pescoços longos na direcção da janela, com os magros corpos cobertos de uma penugem branca, parecia iluminado, como se num palco, por esse sol oblíquo.

Os últimos raios de sol espalhavam-se pelo chão e iluminavam as longas penas lustrosas que pendiam do pescoço de uma garça junto a uma prateleira de lareira já apodrecida. Depois, uma vez mais, via-se a brancura de uma cabeça de pássaro a cintilar pelas sombras... e, em seguida, à medida que a luz ia atravessando essa sala, uma alcova dançava de súbito, cheia de riscas e manchas e do amarelo avermelhado das gralhas.

Quando a noite descia, essa luz esverdeada sobre a alvenaria tornava-se mais intensa. Muito ao longe, por cima dos telhados, por cima da muralha exterior de Gormenghast, por sobre os pântanos, os terrenos baldios, o rio e as colinas, com os seus bosques e florestas, por sobre as distantes brumas de terrenos indeterminados, erguia-se o topo da Montanha de Gormenghast, semelhante a uma garra. Esta montanha brilhava como uma escultura de jade. No ar verde, as pequenas garças acordavam do seu sono e, nessa sala, ouvia-se o seu pipilar quando chegava a escuridão e as crias sabiam que em breve seria tempo para que os pais fossem caçar.

Se bem que estivessem muito apertadas nesse recinto de criação (com o seu tecto abobadado, em tempos pintado de verde e dourado, mas agora uma superfície escura e a desintegra-se, onde escamas de tinta pendiam como asas de traças), cada ave parecia uma figura solitária ao sair desse abrigo para o terraço: cada garça e cada gralha era uma reclusa, caminhando calmamente nas suas longas e finas pernas.

De súbito, no escuro, ouvia-se o som surdo das suas asas. As garças estavam a voar com os pescoços esticados e arqueados, com as suas amplas asas arredondadas a bater ou a planar num voo repousado... e depois outra e mais outra. Em seguida, uma garça nocturna, com o seu mórbido e arrepiante grasnar — mais terrível do que o som fantasmagórico de um par de gralhas que voava em espiral até às nuvens muito acima, muito por cima de Gormenghast —, levantou voo como um touro que se projectasse para o céu.

O pavimento estendia-se pelo interior de escuridão esverdeada. As janelas pareciam olhos vazados, mas nada aí se mexia que não tivesse penas. De facto, nada aí se movera, excepto os ventos, as tempestades de granizo, as nuvens, a água das chuvas e os pássaros, nos últimos cem anos.

Sob os picos verdes da Montanha de Gormenghast, as grandes superfícies pantanosas tinham-se tornado locais de grande tensão e alerta.

Cada pássaro, no seu hereditário pedaço de terreno inundado, estava imóvel, com olhos brilhantes e cabeças inclinadas para trás, prontas para o golpe fatal dos seus bicos cortantes como navalhas. De súbito, num breve instante, um desses bicos mergulhou e emergiu dessa água escura e, na sua ponta letal, debatia-se um peixe. Em outras alturas, a garça elevava-se no ar, num voo augusto e solene.

De tempos a tempos, durante as noites longas, esses pássaros regressavam por vezes com rãs ou musaranhos no bico, ou lagartixas ou rebentos de flores de nenúfares.

Mas, de momento, o terraço estava vazio. Nos paus todas as garças estavam no seu lugar, imóveis, prontas para mergulharem os seus bicos aguçados como facas. Na sala abandonada, as crias estavam, por momentos, estranhamente quietas.

A morta natureza do ar, entre as nuvens e a terra, era inusitadamente agoirenta. Essa luz verde e penumbrosa espalhava-se sobre as coisas. Entrara na boca aberta dessa sala, onde residia o silêncio.

Foi então que apareceu uma criança. Não houve tempo para se poder afirmar se era menino ou menina, ou até mesmo um elfo. Mas as proporções delicadas eram as de uma criança, tal como a sua vitalidade. Por um breve momento, estivera no topo de um torreão no lado mais afastado do terraço. Em seguida desaparecera, deixando apenas a impressão de algo a transbordar de vida, algo leve e delicado como o ondular de uma avelaneira. Saltitara (esse movimento tinha mais de um saltinho do que um punho ou um passo) do torreão para a escuro espaço e desaparecera quase no mesmo momento em que tinha chegado, mas, no mesmo instante em que criança fantasma surgira, um zéfiro irrompera através da muralha de ar moribundo, correndo como um alegre e indomado ser por sobre a portentosa e áspera espinha do corpo de Gormenghast. Essa criança brincou com bandeiras ressequidas, escapuliu-se sob arcos, espiralando com travessos assobios por torres ocas e chaminés, até que, mergulhando por uma fissura de margens dentadas, num telhado pentagonal, se viu rodeada de retratos severos — cem rostos de cor de sépia cobertos de teias de aranha. Então Titus viu-se atraído por uma grelha no chão empedrado e, entregando-se a si mesmo, à lei da gravidade e ao encanto azulado de uma corrente de ar vinda dos andares inferiores, deslizou pelo corrimão de sete andares, para se encontrar, quase de repente, na sala de luz acinzentada que o capta com um laço esvoaçante.

## TREZE

ESSE HOMEM velho, muito velho, em cuja rede metafísica os três discípulos, Spiregrain, Throd e Splint se encontravam tão irremediavelmente presos, debruçou-se, como se estivessem a apoiar-se no castão fantasmagórico de uma bengala invisível. Até admirava que não tivesse caído logo para a frente.



«Há sempre uma corrente de ar nesta zona do corredor» disse ele, com o cabelo branco caído sobre os ombros. Bateu nas coxas com as mãos, antes de as colocar num ponto onde uma bengala deveria estar. «Isto dá cabo de um homem... Acaba com ele... Faz do indivíduo uma sombra... Atira-o aos lobos e põe-lhe pregos no caixão...»

Estendendo os longos braços, puxou as meias grossas de modo a que estas ficassem por cima das calças, depois pôs-se a bater com os pés, endireitou muito as costas, inclinou-se mais um vez e olhou com desagrado pelo corredor.

«Há sempre aqui esta maldita corrente de ar, se bem que não haja qualquer razão para isso. Isto é capaz de dar cabo de um homem...» disse ele. «E contudo» disse abanando os caracóis brancos, «não acredito em correntes de ar. Não acredito no frio. Não acredito em nada! Ah! Ah! Ah! Ah! Ah! Por exemplo, não posso concordar contigo.»

O companheiro, um homem mais novo, com longas faces cavadas, inclinou a cabeça como se estivesse a apontar uma espingarda. Depois, ergueu uma sobranceira para dizer: «Continue...» Todavia, o idoso permanecia calado. Em seguida, esse homem mais novo ergueu a voz como se estivesse a acordar os mortos, pois esta pareceu monocórdica e sem qualquer expressão...

«Que quer dizer, caro senhor, quando diz que não pode concordar comigo?»

«De facto não posso» disse o velho, inclinando-se para a frente com as mãos esticadas. «Não posso mesmo.»

O jovem endireitou a cabeça e baixou a sobranceira.

«Mas eu ainda não disse nada. Não sei se sabe, mas acabámos de nos conhecer.»

«Talvez tenhas razão» respondeu-lhe o idoso, acariciando a barba. «Talvez tenhas razão, não sei...»

«Mas já lhe disse que ainda não tinha dito nada!» Essa voz sem expressão subiu de tom e os olhos do jovem fizeram um tremendo esforço para se acenderem, porém, ou a madeira estava molhada ou o ar era insuficiente, pois não adquiriram qualquer brilho.

«Ainda não falei» repetiu ele

«Ah, isso!» disse o idoso. «Não preciso disso.» Pôs-se então a rir baixinho como se soubesse muito bem o que estava a dizer. «Não concordo, é tudo. Com a tua cara, por exemplo. É errada, como tudo o resto. A vida é tão simples quando é vista deste modo. Ah! Ah! Ah! Ah!» O prazer íntimo que ele retirava da sua atitude perante a vida parecia assustar o jovem que, ignorando a sua própria natureza, a melancolia, o rosto sem expressão, a voz sem tonalidade e os seus olhos baços, começou a ficar muito zangado.

«E *eu* também não concordo consigo» vozeou ele. «Não concordo com o modo como inclina esse seu horrível corpo de sucata num ângulo tão absurdo. Não concordo com a maneira como a sua barba branca lhe pende do queixo, como algas sujas... Não concordo com os seus dentes partidos... eu...»

O idoso estava deliciado, o riso que lhe vinha do estômago não parecia ter fim à vista... «Mas *eu* também não, meu rapaz» disse ele, quase sem fôlego... «Eu também não, também não concordo com isso. Não sei se estás a ver, mas até nem concordo com o facto de aqui estar; e mesmo que concordasse, não concordaria que aqui devesse estar. A coisa é toda ela ridiculamente simples.»

«Creio que está a ser cínico!» gritou o jovem. «Creio que está mesmo...»

«Oh, não» disse esse idoso de pernas curtas. «Não acredito em sermos o que quer que seja. Se ao menos as pessoas parassem de *ser* coisas! Que poderão ser, apesar de tudo, que não sejam já, ou seriam, se eu acreditasse que fossem alguma coisa?»

«Torpe, torpe, extremamente TORPE!» gritou o jovem de faces encovadas. As suas paixões reprimidas tinham encontrado forma de se exprimir após trinta anos de indecisão. «É certo que teremos muito tempo na tumba, seu velho animal, para sermos *nada*; para estarmos frios e acabados! Terá a vida que ser também assim? Não, não! Que o nosso sangue se acenda! Que nós nos acendamos!» gritou ele. «Que o nosso sangue se acenda na grande fogueira da vida!»

Mas o velho filósofo argumentou: «A tumba, meu rapaz, não é aquilo que tu imaginas. Estás a insultar os mortos... Com palavras ditas de qualquer modo conspurcas uma tumba, destróis um sepulcro, perturbas com botas desleixadas a terra de uma campa. Pois a morte é a vida. É apenas viver que é algo sem vida. Será que nunca os viste voar sobre as colinas ao anoitecer, os anjos da eternidade? Será que não?»

«Não» disse o jovem, «não vi nada disso!»

Essa personagem barbada debruçou-se ainda mais e olhou intensamente para o jovem.

«O quê? Então tu nunca viste os anjos da eternidade, com asas tão largas como cobertores?»

«Não» disse o jovem. «E também não estou interessado.»

«Nada é profundo para um ignorante» disse o idoso de barbas. «Chamaste-me cínico, mas como poderei sê-lo? Eu nada sou. O maior contém o mais pequeno. Mas isto poderei dizer-te: embora o castelo seja uma imagem estéril — embora árvores cheias de vida, estejam, na realidade, repletas da sua falta —, quando nos consciencializamos de que o cordeiro de Abril

não é mais do que um cordeiro em Abril... Quando estas coisas forem sabidas e aceites, então será a altura em que...» Nesse momento, começou a cofiar a barba, apressadamente, «... te dês conta de que estás na fronteira do espantoso reino da Morte, onde tudo se move duas vezes mais depressa, as cores têm o dobro da intensidade, o amor é duas vezes mais belo e o pecado cada vez mais interessante. Quem, para além dos totalmente cegos, poderá ignorar que é apenas do Outro Lado que poderemos começar a Concordar? Mas diz-me...» Mexia as mãos como se para fazer desaparecer o mundo terrestre. «Que existe aqui com que possamos concordar? Aqui não há sensações, não há quaisquer sensações!»

«Há alegria e dor» disse o jovem.

«Não, não, não! Tudo isso não passa de ilusões» disse o idoso. «Mas no maravilhoso reino da Morte, a alegria já não se encontra confinada. Não será uma coisa que nos faça dançar durante um mês nas pastagens celestiais... não será nada disso. Ou cantarmos como se fôssemos uma água acesa e a voar... cantar devido à alegria no nosso peito.»

«E a dor?» perguntou o jovem.

«Inventámos a ideia de dor para que nos pudéssemos entregar a uma certa autocomiseração» respondeu o idoso. «Mas a Verdadeira Dor, aquela que sentiremos do Outro Lado, *essa* valerá a pena. Será uma experiência agradável queimar um dedo nesse Reino.»

«E se *eu* atear fogo à sua barba, sua velha fraude?» disse o jovem em voz alta, pois tinha magoado os dedos dos pés durante o dia e conhecia bem os desconfortos terrestres.

«E se o fizesses, meu rapaz?»

«Queimar-lhe-ia a cara e logo se daria conta!» exclamou o jovem.

O sorriso de superioridade exposto nos lábios desse idoso teórico era insuportável e o seu companheiro não conseguiu conter-se quando esticou um braço para a vela mais próxima, acendendo assim a barba que aí estava como um desafio. Esta ateou-se muito depressa, dando à expressão horrorizada e estupefacta do idoso um ar irreal e histriónico que revelava uma dor bem verdadeira, embora terrestre, que ele sentiu, em primeiro lugar, no maxilar e nos lados da cabeça.

Um guincho ou grito terrível saiu-lhe da garganta e o corredor encheu-se logo de gente, como se as pessoas estivessem à espera de vez para entrarem em cena. Atiraram-lhe casacos para cima da cabeça e dos ombros e as chamas morreram, mas não antes que o jovem empolgado de faces encovadas tivesse fugido para não mais se ouvir falar dele.

SPIREGRAIN, THROD E SPLINT

O idoso foi levado para o seu quarto, um local em forma de uma caixa de um vermelho-escuro, sem tapetes no chão, mas com uma pintura sobre a prateleira da lareira, onde se via uma fada, sentada sobre um rainúnculo amarelo, contra um céu muito azul. Três dias mais tarde, o idoso recobrou os sentidos para acabar de morrer de choque momentos depois, ao lembrar-se do que lhe acontecera.

Entre os que se juntaram em volta do seu leito, quando ele estava a morrer, encontravam-se os três amigos desse pedagogo chamuscado.

Estes estavam em fila, ligeiramente encurvados, pois esse quarto tinha um tecto muito baixo. Estavam de pé muito chegados uns aos outros, se bem que não tivessem necessidade disso, com os seus chapéus de topos quadrados de professores colados uns aos outros e inclinados indecorosamente.

E contudo, tratava-se de um momento comovente. Todos eles podiam sentir o êxodo de uma grande fonte de inspiração. Aí estava o mestre já moribundo. Discípulos das suas teorias até ao fim, acreditavam na ausência de emoção física, assim, quando o mestre morreu que mais poderiam eles ter feito senão chorar, devido ao facto da fé os ter abandonado?

Por baixo dos seus chapéus de couro preto, os rostos revelavam uma expressão inocente e sem remorsos, como se os sobrolhos, narizes e maxilares, semelhantes aos traços de uma figura de proa, estivessem a abrir caminho através de um oceano. Apenas nas duas becas, nesses chapéus quadrados de couro e nas fitinhas com borlas que daí caíam como o monco de um peru, teriam eles algo de parecido.

Junto a esse leito de morte estava uma mesinha baixa. Sobre esta via-se um pequeno prisma e uma garrafa de *brandy*, no gargalo da qual tinham espetado uma vela. Esta era a única coisa que iluminava esse quarto, contudo, as paredes vermelhas pareciam acesas com um fulgir sombrio. As três cabeças desses professores, que estavam todas à mesma distância do chão, eram tão diferentes que se poderia julgar que eles não pertenceriam à mesma espécie. Ao corrermos o olhar de um rosto para o outro, poderíamos obter a mesma sensação de quando passamos a mão por vidro e depois por lixa, e da lixa para papas de aveia. O rosto de papel de lixa não era mais nem menos interessante do que o de vidro, mas os olhos tinham que se mover devagar por essa rude superfície onde os pêlos pareciam tufos de arbustos, pelo perigo das crateras das bexigas e de certas saliências ossudas, golfos inclinados e águas espinhosas, que até dava que pensar que os olhos pudessem alguma vez observar esse rosto de um lado ao outro.

Do mesmo modo, com o rosto de vidro, havia poucas coisas que os nossos olhos pudessem fazer senão escorregarem dele.

Quanto ao terceiro rosto, não era desesperantemente escorregadio, nem acidentado com abruptas ravinas ou rasteiras ervas daninhas. Atra-

vessá-lo com um breve olhar era tão impossível como movermo-nos lentamente por esse rosto vidrado.

Tratava-se de um caso de lenta passagem a vau. O rosto estava húmido. Estava sempre húmido. Era um rosto visto por debaixo de água. De modo que, para um olhar percorrer inocentemente esses *três*, teria que se deparar com o complicado problema de atravessar rochedos e arbustos, através de gelo escorregadio e de um paciente remar.

Por detrás deles, na parede avermelhada estendiam-se as suas sombras, duas vezes maiores do que os próprios professores.

O que parecia ser de vidro (o professor Spiregrain) inclinou a cabeça sobre o corpo do falecido mestre. O seu rosto parecia ter sido aceso por dentro por uma espécie de luz turva. Nada havia de espiritual na sua cintilação. O nariz de vidro rijo era longo e excepcionalmente afiado. Dizer que ele estaria bem escanhado não nos daria a ideia de uma superfície de que nenhum pêlo poderia surgir, do mesmo modo que a relva não poderia irromper de um glaciar.

Seguindo o seu exemplo, o professor Throd também baixou *sua* a cabeça do mesmo modo, com as feições desfocadas pelo grande volume da cabeça. Olhos, nariz e boca não passavam de irregularidades por baixo da humidade.

Quanto ao terceiro professor, Splint, quando seguiu o exemplo dos seus colegas e descaiu a cabeça sobre o cadáver iluminado pela vela, foi como se uma paisagem rochosa e bárbara mudasse de ângulo. Se uma nuvem de cobras e papagaios tivesse razado os lençóis claros da luz da vela do leito de morte, ninguém estranharia.

Não demorou muito até que Spiregrain, Throd e o hirsuto Sr. Splint se tivessem cansado de estar em silêncio, inclinados sobre o seu mestre, o que, em todo o caso, não seria uma visão muito agradável mesmo para o mais zeloso dos discípulos. Estes acabaram finalmente por se endireitarem.

Esse quartinho vermelho tornara-se opressivo. A vela, encaixada no gargalo da garrafa de *brandy*, estava praticamente derretida. A fada, sentada sobre o rainúnculo amarelo, sobre a prateleira da lareira, parecia sorrir com ironia por dentro dessa luz bruxuleante e era já tempo de se irem embora.

Nada havia que eles pudessem fazer. O mestre estava morto.

Disse Throd, o do rosto húmido: «É mesmo um espesso e grosso pensar, Spiregrain»

Disse Spiregrain, o da cabeça escorregadia: «És demasiado rude, meu amigo. Será que já não tens qualquer poesia dentro de ti? São os pingentes gelados da Morte que agora o empalam.»

«Mas que estupidez» murmurou Splint, com uma voz agressiva e arrastada. Ele era na verdade muito afável, apesar do seu rosto tropical, mas

ficou muito zangado quando reparou que os seus brilhantes colegas se estavam a entregar a essa tristeza. «Que disparate! Nem pingentes gelados nem espessas grossuras. Tratou-se simplesmente do lume, suficientemente cruel apesar de tudo. Mas...» e os seus olhos ficaram muito brilhantes, com uma espécie de súbito entusiasmo e mais a condizer com o rosto como há anos não acontecia... «Mas reparem. Ele era a pessoa que não acreditava na dor, como sabem, que não *reconhecia* a existência do fogo. E agora que está morto vou dizer-vos qualquer coisa... (ele está morto, não é verdade?) ...»

Splint voltou logo os olhos para a figura inteiriçada que aí estava. Teria sido uma coisa horrível se esse idoso os tivesse ouvido. Os outros dois também se inclinaram. Mas sobre a sua morte não poderia haver qualquer dúvida, embora o tremeluzir da vela sobre esse rosto queimado emprestasse uma estranha noção de movimento às suas feições. O professor Splint cobriu a cabeça do morto com um lençol antes de se voltar para os companheiros.

«Que *foi?!*» exclamou Spiregrain. «Não percas tempo!» O seu nariz de vidro cortou esse ar pesado, quando ele se voltou rapidamente para o rude Splint.

«É *isto*, Spiregrain. É *isto*» disse Splint, com olhos ainda muito acesos. Coçou a face com um som grave e desviou-se um passo da cama. Depois levantou os braços. «Ouçam, meu amigos. Quando caí e escorreguei por nove degraus, há três semanas, e fingi não sentir nada, devo confessar-vos que a minha dor era excruciante. E agora! Agora que *ele* está morto, alegrá-me poder confessá-lo pois já não o temo. E digo-vos aos dois. Digo-vos a ambos, aberta e orgulhosamente, que estou já à espera do meu próximo acidente, não importa a sua seriedade, pois não tenho nada a esconder. Irei dizer em alto e bom som por Gormenghast: “Estou cheio de dores!” e quando os olhos se me encherem de lágrimas, serão lágrimas de alívio e de alegria, e não de dor. Oh, irmãos, colegas, será que não estão a perceber?»

O Sr. Splint deu um passo em frente no seu entusiasmo, baixando as mãos que ele mantivera levantadas (e de súbito agarrou-os a ambos). Oh, que amizade, que acesso de honesta amizade correu como electricidade por essas seis mãos.

Não havia necessidade de falar. Tinham voltado as costas à fé que os orientara. O professor Splint falara por eles três. A cobardia (pois nunca se tinham atrevido a expressar uma dúvida enquanto o idoso fora vivo) era algo que agora os unia mais do que qualquer valor comum.

«O “espesso e grosso pesar” era um exagero» disse Throd. «Apenas o disse porque, apesar de tudo, ele *está* morto e nós *admirávamo-lo*, até certo ponto. Para mais, gosto de dizer a coisa certa na altura certa. Sempre o fiz. Mas admito que era excessivo...»

«Suponho que também o fosse “os pingentes gelados da Morte”» disse Spiregrain, já mais bem disposto, «mas era uma expressão bonita».

«Não quando ele acabou por *morrer queimado*» observou Throd, que não via razão para que Spiregrain não se autocriticasse tal como ele.

«No entanto» disse Splint, que se via agora no centro do palco geralmente monopolizado por Spiregrain, «estamos livres. Abandonámos os nossos ideais. Acreditamos na dor. Na vida. Em todas as coisas que ele nos disse que não existiam.»

Spiregrain, com a vela a pingar e reflectida no seu nariz de vidro, ergueu os ombros e, com um tom ligeiramente arrogante, perguntou se os outros não achariam mais apropriado discutir a renúncia às Crenças do seu velho mestre um pouco mais desviados dos seus restos mortais pois, embora ele não os pudesse ouvir, ainda não estavam ainda bem certos do seu falecimento.

Saíram logo e, assim que a porta se fechou, a chama da vela, após um breve salto falhado no ar vermelho, tremeu por momentos na sua cama de cera líquida e apagou-se. Esse quarto semelhante a uma caixa vermelha tornara-se, dependendo da fantasia de cada um, numa pequena caixa preta ou numa extensão de espaço, tremenda e imponderável.

Uma vez longe dessa câmara mortuária, uma leveza peculiar parecia cantar-lhes nos ossos.

«Tens razão, Splint, meu caro amigo... tens toda a razão. Não há dúvida de que estamos livres.» A voz de Spiregrain, fininha, nítida e académica, adquiriu uma tal vivacidade, que fez com que os seus confederados se voltassem para ele.

«Sabia que, por baixo disso tudo, ainda tinhas um coração» observou Throd, quase sem fôlego. «Eu sinto o mesmo.»

«Já não temos que estar à coca dos anjos!» gritou Splint a plenos pulmões.

«Já não teremos que ansiar pelo Fim da Vida» observou Throd, com um vozeirão.

«Venham, meus amigos» gritou Spiregrain, o do rosto de vidro, esquecendo-se da sua dignidade, «começemos a viver outra vez!» e, pondo-lhes os braços por cima dos ombros, empurrou-os rapidamente ao longo do corredor, com a cabeça muito direita e o seu chapéu académico muito inclinado para trás. As três becas ondulavam-lhes nas costas, tal como os cordões de borlas que tinham nos chapéus, à medida que começavam a acelerar o passo. Voltando-se para aqui e para ali, quase observando o chão enquanto andavam, percorreram essas artérias de pedra fria, até que de súbito, penetrando na luz do dia, no lado sul de Gormenghast, viram diante deles os vastos espaços ensolarados, as árvores altas debruando o sopé das colinas e a própria montanha a brilhar contra

um céu de um profundo azul. Por instantes, recordaram-se da pintura no quarto do mestre.

«Oh, a vida vai ser exuberante!» exclamaram em voz alta. «Irá ser exuberante para sempre!» E, começando a correr e depois quase a galopar, os três professores libertos, de mão na mão, com as becas a adejarem ao vento, percorreram uma paisagem dourada, com as suas sombras a saltitarem-lhes ao lado.

## CATORZE

FOI NA aula de Bellgrove, num dia ao fim da tarde, que Titus reflectiu pela primeira vez acerca da ideia de cor, acerca das coisas terem cores, de tudo ter a sua cor *específica* e acerca do modo como cada cor continuava a mudar, de acordo com o local onde estava inserida, com a gradação da luz ou com o que se encontrava junto da mesma.

Bellgrove estava meio adormecido, tal como o resto dos rapazes. Havia muito calor na sala e pedaços brilhantes de poeira a flutuar no ar. Um enorme relógio tiquetaqueava monotonamente. Uma varejeira zumbia contra a superfície das quentes vidraças da janela ou, de vez em quando, voava languidamente de carteira em carteira. Cada vez que por aí passava, havia mãos sujas de tinta que a tentavam agarrar, réguas que se elevavam pelo ar pesado para a atingirem. Por vezes, pousava por instantes nas margens de um tinteiro ou na parte de trás do colarinho da camisa de um dos rapazes, esfregando as patas dianteiras, e em seguida as traseiras, distendendo-as, limpando-as, afinando-as, como se fosse uma senhora a preparar-se para um baile e a calçar um par de longas luvas invisíveis.

Oh, varejeira, não irias gostar nada do baile! Não haveria aí ninguém que pudesse dançar melhor do que tu. Serias desprezada por pareceres demasiado original, como se estivesse muito adiantada para a tua época. As outras senhoras não saberiam executar os teus passos. Nenhuma delas conseguiria lançar essa luz índigo da testa aos flancos, mas, varejeira, também não iriam *querer* fazê-lo. É aí que reside a tristeza. O zumbir das suas frases não é o mesmo que o teu, varejeira. Tu não conheces escândalos, conversa fiada, adulação ou gírias. Não terias quaisquer hipóteses, mesmo que pudesses calçar as longas luvas. Apesar de tudo, o teu esplendor é, a um tempo, belo e horrível. Mantém-te junto dos teus tinteiros e das vidraças aquecidas das salas de aula, e vai zumbindo através dos longos trimestres de Verão. Que o grande tiquetaque do relógio funcione como um contraponto. Deixa



que o ondular de um vidoeiro, a detonação de um projectil de papel e as conSPIrações murmuradas sejam os teus eternos parceiros.

Através das várias gerações de rapazes, zumbe, varejeira, zumbe nas prisões de Verão, pois todos estão aborrecidos. Marca as horas, relógio, marca! O jovem Scrabee está em pulgas para lutar com o *Pugilista* — o pequeno Dogseye tira os seus bichos-da-seda de um novelo — o menino Júpiter sabe onde se encontra um ninho de tarambola. Marca as horas. Relógio, marca!

Sessenta segundos num minuto; sessenta minutos numa hora; sessenta vezes sessenta.

Multiplicar os seis e juntar quantos zeros? Dois, creio eu. Seis vezes seis são trinta e seis. Trinta e seis e dois zeros é 3600. Três mil e seiscentos segundos numa hora. Ainda falta um quarto de hora para os bichos-da-seda, para o *Pugilista*, para o ninho de tarambola... Zumbe, voa, zumbe! Marca as horas, relógio, marca! Dividir 3600 por quatro e depois subtrair um pouco devido ao tempo que leva a fazer a conta.

$$4 \begin{array}{r} | 3600 \\ \hline 900 \end{array}$$

Novacentos segundos! Oh, maravilhoso! Maravilhoso! Os segundos são tão pequenos. Um... dois... três... quatro... os segundos são tão longos.

Os dedos sujos de tinta brincam com o caracol que cai sobre a testa. O quadro é uma mancha cinzenta e desfocada. As últimas três lições podem ser vistas umas por detrás das outras... como se através de uma perspectiva aérea. Um nevoeiro de números esquecidos... de mapas esquecidos... de línguas esquecidas.

Mas enquanto Bellgrove dormitava, enquanto Dogseye ia gravando qualquer coisa num pedaço de madeira, enquanto o relógio marcava as horas, enquanto a varejeira zumbia, enquanto a sala nadava numa via láctea de pedaços de poeira cor de mel, o pequeno Titus (tão sujo de tinta como os outros, tão ensonado como os outros, encostando a cabeça contra a parede, pois a sua carteira fora colocada contra o forro de couro) começara a seguir um raciocínio. Primeiro de uma forma preguiçosa, distraída, sem grande interesse — pois era o primeiro raciocínio que ele se atrevera a seguir tão afincadamente. Com que morosidade as imagens se separavam uma das outras, ou aderiam por momentos ao tecido da sua mente!

Titus tornou-se sonhadoramente interessado, não devido à sua se-

quência, mas ao facto de que pensamentos e imagens se pudessem suceder tão naturalmente. E fora a cor da tinta, esse azul peculiar e bafiento que esta adquiria dentro do tinteiro a um canto da sua carteira, que levava o seu olhar a vagar sobre uns quantos objectos agrupados mais abaixo. A tinta era azul, escura, a cheirar a mofo, suja, como águas profundas e cruéis à noite: que eram as outras cores? Titus estava surpreendido com essa riqueza e variedade. Ele olhara apenas para os seus livros com dedadas, como coisas para serem lidas ou para ele evitar ler, como coisas que se perdem, coisas cheias de números e de mapas. Via-os agora como rectângulos coloridos de um azul claro e desbotado, ou verdes como o louro, com pequenas janelas cortadas na capa, onde na nudez branca da primeira página ele escreve o seu nome.

A própria tampa da carteira tinha um tom sépia, com castanhos dourados e até pontos amarelos onde a superfície fora cortada ou se encontrava partida. A sua caneta de aparo, com a ponta roída formando uma cauda que se subdividia em frondes húmidas, cintilava como um peixe, com a tinta azul a subir do aparo até à pega, esse tom verde, em tempos tão impecável, esborratado pelo azul da tinta e, por fim, a sua cauda mutilada.

Chegou mesmo a olhar para a sua mão como uma coisa colorida, antes de se ter dado conta de que esta fazia parte do seu corpo, na cor ocre do pulso, no negro da manga... Depois... depois viu o berlinde, o abafador ao lado do tinteiro, com as suas alegres espirais interiores das cores do arco-íris, torcidas por dentro do vidro esbranquiçado e frio. Eram uma riqueza... Titus pegou nele e contou as linhas que se enrolavam em espiral lá dentro: vermelho, amarelo, verde, roxo, azul... e esse mundo de vidro branco tão perfeito em torno delas, claro, frio e liso, pesado e escorregadio. Como esse objecto poderia estalar como um tiro sempre que tocava num outro berlinde! Quando deslizava pelo chão antes de o atingir! Estalar como um tiro na testa brilhante e redonda do seu inimigo! Oh, belos berlindes! Oh, áleas de sangue! Oh, áleas nubladas a nadar em sangue e em leite! Oh, mundos cristalinos que faziam tinir os bolsos, que tornavam pesadas as algibeiras!

Como era agradável pegar nesse cacho de uvas, frio e cintilante, numa quente tarde de Verão, com o professor a dormir na sua secretária de madeira trabalhada! Como era agradável sentir essa coisa fria e escorregadia na palma quente da sua mão pegajosa! Titus pegou no abafador e em seguida levantou-o contra a luz. Ao rolá-lo, entre o polegar e o indicador, as linhas coloridas também rolavam em torno umas das outras, a descreverem espirais cada vez mais apertadas, para dentro e para fora em convulsões sem fim. Vermelho, amarelo, verde, roxo, azul... Vermelho... amarelo... verde... vermelho... amarelo... vermelho... *vermelho*. A sós na sua cabeça, o vermelho transformou-se num pensamento — num pensamento-colorido

— e Titus regressou a uma tarde anterior. O tecto, as paredes, o chão do seu pensamento era vermelho: Essa cor envolvia-o, mas em breve as paredes se contraíam, até que todas as superfícies se fundissem para convergirem num único foco. O esbatido e a abstracção tinham desaparecido e, em seu lugar, estava uma pequena gota de sangue húmida e quente. A luz captava-a no seu brilho. Via-a no nó de um dedo, pois lutara com um rapaz nessa mesma sala de aula há já um ano, nesse começo de tarde. Essa memória invadiu Titus de uma irada melancolia. Essa imagem, que brilhava tão avermelhadamente pronta, essa pequena e brilhante gota de sangue, juntamente com outras sensações, voava através dessa ira subjacente para lhe trazer um sentido de satisfação, de auto-confiança, e também o medo de ter perdido esse líquido vermelho, essa corrente de lendário carmesim, contudo tão real. Mas ele já não focava os seus pensamentos nessa gota de sangue que se esbatera e que, depois, mudando os vagos contornos, se transformou num coração... num coração. Titus pôs as mãos contra o seu peito de criança. A princípio nada conseguia sentir, mas ao mover as pontas dos dedos, deu-se conta desse batimento duplo e esse bater compassado invadiu-o, vindo de outra região do seu pensamento: o som do rio numa noite em que ele estivera sozinho junto aos altos foguetes castanhos que despontavam por entre a folhagem verde e vira, por entre as suas colunas escuras e semelhantes a cordas esticadas, um céu como uma batalha.

Todas essas nuvens guerreiras mudavam momentaneamente de forma, ora rastejando pelo firmamento da sua imaginação como peles-vermelhas ora alastrando como peixes vermelhos sobre as montanhas, com cabeças iguais às da carpa no fosso do castelo, mas com os corpos arrastados por detrás delas, como festões, como trapos ou a folhagem de Outono. E o céu, através do qual nadava infinitamente tal multidão de criaturas, transformava-se no oceano, e as montanhas mais abaixo em corais marinhos, e o sol vermelho tornava-se o olho de um deus subaquático, brilhando através do fundo do mar. Porém, esse olho enorme perdeu a sua ameaça, pois não era maior do que o abafador que Titus tinha na mão: de facto, crescendo na sua direcção à altura das ancas já submersas, dilatando-se ao aproximar-se, até se imporem de modo a quebrarem o enquadramento dessa fantasia, havia um bando de piratas.

Eram todos altos como torres, com cerrados sobrolhos que se sobrepunham aos olhos encovados, como plataformas criadas por rochedos planos e sobressaídos. Nas orelhas tinham argolas de ouro vermelho e entre os dentes alfanges afiados como gadanhas a pingar sangue. Emergiam da escuridão vermelha, com os olhos semicerrados contra o sol, com a água pela cintura rodeando-os e borbulhando devido à luz que os seus corpos reflectiam, se bem que as suas dimensões apagassem tudo o resto. E no en-

tanto vinham, até que os seus peitos que reluziam como arames e as cabeças como rochedos tivessem enchido a mente desse menino. E ainda continuavam a chegar, apesar de tudo, até só haver espaço suficiente para a esbraseada cabeça do corsário mais importante, um grande senhor das águas salgadas, com cada centímetro do rosto esfolado ou marcado como os joelhos de um rapaz, cujos dentes tinham sido esculpido com a forma das caveiras, cuja garganta estava rodeada pela tatuagem de uma serpente escamosa. E, à medida que a cabeça ia ficando maior, um olho tornou-se visível na escuridão das suas órbitas e momentos depois apenas esse órgão sinistro se conseguia ver. Por instantes ficou aí, sem se mexer. Não havia mais nada nesse mundo enorme a não ser esse globo ocular. *Era* o mundo e, de súbito, rolou como o mundo. E ao fazê-lo cresceu ainda mais, até não haver mais nada senão a pupila a preencher a consciência, e foi nessa escura pupila que Titus se viu reflectido a olhar para qualquer coisa diante de si. Mas alguém se aproximou dele, saído da escuridão dessa pupila de pirata e, um ponto de luz cor de ferrugem, sobre a fronte dessa figura, tornou-se na abundância de caracóis na cabeça de sua mãe. Todavia, antes que ela o pudesse alcançar, o seu rosto e o seu corpo tinham-se esfumado e em lugar desse cabelo, estava o rubi de Fuchsia, e este dançava na escuridão, como se estivesse a ser sacudido na ponta de um cordel. E depois também tinha desaparecido, e o abafador brilhava-lhe na mão com todas as cores desenhando espirais: amarelo, verde, roxo, azul, vermelho... amarelo... verde... roxo... azul... amarelo...verde... roxo... amarelo... verde... amarelo... *amarelo*.

E Titus viu nitidamente não apenas esse grande girassol com o seu cansado caule cheio de picos verdes, que ele observara Fuchsia a transportar durante os últimos dois dias, mas também uma mão que o agarrava, uma mão que não era a de Fuchsia. Segurava nessa planta pesada e bem erguida, com o indicador e o polegar, como se essa fosse a coisa mais delicada deste mundo. Cada dedo dessa mão estava aceso de anéis de ouro, de modo a parecer um guante de metal em chamas, uma peça que pertencesse a uma armadura.

Em seguida, de súbito, apagando todas essas imagens, um enxame de folhas rodopiava em torno dele, uma série de folhas amarelas, encurvadas, mergulhando e ascendendo, à medida que eram varridas através de uma zona deserta e sem árvores, enquanto mais à frente o sol ia brilhando, como uma fogueira no céu, por sobre essas folhas rodopiantes. Tratava-se de um mundo amarelo: de um mundo amarelo e sem descanso, e Titus estava a afundar-se numa tonalidade ainda mais viva dessa cor quando Bellgrove acordou com um sobressalto, aconchegou a beca contra o corpo, como

Deus teria aconchegado um remoinho de vento, e deixou cair a mão, com um som oco e impotente sobre a tampa da sua secretária. A sua absurda cabeça de nobre ergueu-se. O seu olhar vazio e cheio de orgulho pousou por fim no jovem Dogseye.

«Seria demasiado perguntar-te» disse ele, por fim, com um bocejo que expôs os seus dentes cariados, «se um rapaz — um daqueles que até nem estuda muito — chamado Dogseye, se encontra por detrás dessa máscara de sujidade e de tinta? Se existe um corpo humano por dentro desse sórdido molho de farrapos e se esse corpo também pertence a Dogseye?» Voltou a bocejar. Um dos seus olhos estava atento ao relógio, o outro pousava ironicamente sobre o jovem aluno. «Irei simplificar mais as coisas: és mesmo *tu*, Dogseye? Estás sentado na segunda fila a contar da frente? Ocupas neste momento a terceira carteira a contar da esquerda? E estavas — se de facto és tu por detrás desse focinho azul-escuro —, estavas a gravar com um canivete qualquer coisa indescritivelmente fascinante no tampo da tua carteira? Será que acordei para te apanhar em flagrante, meu rapaz?»

O rapaz, uma figura pequena e insignificante, contorceu-se.

«Responde-me, Dogseye. Será que estavas a gravar com um canivete qualquer coisa nesse tampo, enquanto pensavas que o teu mestre estava a dormir?»

«Sim, senhor professor» disse Dogseye, com uma voz surpreendentemente alta; tão alta que ele próprio se assustou e olhou em volta, como se estivesse à procura da sua origem.

«E que estavas aí a gravar, meu rapaz?»

«O meu nome, senhor professor.»

«O teu nome todo?»

«Só consegui gravar as primeiras três letras, senhor professor.»

Bellgrove levantou-se, envolto na sua beca, movendo a sua benigna e augusta figura pelo espaço poeirento entre as carteiras, até chegar junto de Dogseye.

«Não acabaste o “G”» observou ele, com uma voz distante e lúgubre. «Acaba o “G” e não graves mais nada. Deixa o “EYE” para outras coisas...» — um sorriso inane começou a aparecer-lhe na parte inferior do rosto — «como o teu livro de gramática...» acrescentou com uma espécie de voz falsa. Começou a rir-se de tal modo que quase perdeu o controlo de si mesmo, mas em breve foi despertado por uma guinada de dor, levando a mão ao maxilar, onde o seu dente podre lhe estava mesmo a pedir para ser arrancado.

Após uns momentos disse ao rapaz: «Levanta-te». Sentou-se então na carteira de Dogseye, pegou no canivete que estava diante dele e pôs-se a acabar o «G» de «DOG», até a campainha tocar e essa sala se encher com

a corrida desenfreada dos rapazes, a caminho da porta, como se do outro lado estivesse a realização de todos os seus sonhos, as garras da aventura, as antenas das relações românticas.

#### IRMA QUER UMA FESTA

«Pois muito bem! *Irás tê-la!*» gritou Alfred Prunesquallor. «*Irás mesmo tê-la.*»

Havia uma espécie de desespero louco e feliz na sua voz. Feliz por ter chegado a uma decisão, se bem que não se tratasse da melhor. Desespero porque viver com Irma era em todo o caso uma constante doença de nervos, especialmente no que dizia respeito à sua obsessão por uma festa.

«Alfred! Alfred! Estás a falar a sério? *Irás envidar esforços para isso? Irás mesmo envidar esforços?*»

«Todos os esforços que envidar serão sem dúvida por ti, Irma.»

«Então estás resolvido, Alfred. Quero dizer: estás então *resolvido...*» observou ela quase sem fôlego.

«És tu quem estás resolvida, doce Perturbação. Fui eu que me submeti. Mas é assim mesmo. Sou fácil, sou flexível. *Irás* levar a tua avante — um avante talvez eivado de repercussões monstruosas — mas a decisão é tua Irma, só tua. De modo que vamos dar uma festa. Ah, ah, ah, ah, ah, ah, ah!»

Havia qualquer coisa que não soava muito sincera nessa gargalhada. Será que se albergava aí alguma pontinha de amargura?

«Vistas bem as coisas» continuou ele, debruçando-se nas costas de uma cadeira (com os pés no assento e o queixo junto aos joelhos parecia mesmo um gafanhoto) ... «Vistas bem as coisas, já esperaste muito tempo, muito tempo. Mas como sabes, eu nunca sugeriria uma coisa dessas. Não és o género de pessoa para dares festas. Não tens nada de vivo em ti capaz de *animar* uma festa, querida irmã, mas como estás determinada...»

«Definitivamente» disse Irma.

«E achas que eu me irei comportar como um bom anfitrião?»

«*Poderia* achar, Alfred!» murmurou ela com tristeza. «Acharia, se não tentasses que tudo fosse um trocadilho. Cansam-me tanto os teus jogos de palavras. De facto não gosto nada deles.»

«Nem eu, Irma» disse o irmão. «Nem eu. Parecem-me sempre ultrapassados sempre que os ouço. O cérebro e a língua estão tão distantes um do outro.»

«Isso é precisamente o tipo de absurdo que eu *odeio!*» gritou Irma, de um modo muito emotivo. «Vamos falar da festa ou escutar mais alguns

dos teus estúpidos *soufflés*? Responde-me, Alfred. Responde-me imediatamente.»

«Poderei falar com a simplicidade do pão e da água. Que deverei dizer?»

Desceu então da cadeira e sentou-se normalmente. Em seguida, inclinou-se um pouco e, com as mãos cruzadas sobre os joelhos, olhou ansiosamente para Irma, através das lentes grossíssimas dos seus óculos. Olhando para ele, através das lentes escuras dos seus, ela mal se deu conta de que os olhos dele pareciam muito maiores.

Nesse momento, Irma sentiu que tinha um certo poder moral sobre o irmão. O ar de submissão que ele revelava dava-lhe coragem para lhe comunicar a verdadeira razão de ela insistir tanto nessa festa em que há muito vinha a pensar... pois necessitava do auxílio do irmão.

«Sabias, Alfred» disse ela, «que estou a pensar em casar-me?»

«Não acredito, Irma» gritou ele.

«Estou sim» confirmou Irma. «Olha que estou mesmo.»

Prunesquallor estava quase a perguntar-lhe quem era o sortudo, quando um pequeno acesso de comiseração, ao vê-la tão branca e sentada tão direita na cadeira diante dele, se apossou dele. Sabia quão poucas oportunidades ela tivera no passado para encontrar possíveis pretendentes. Sabia também que ela desconhecia totalmente as jogadas do amor, excepto as que lera em livros. Sabia que ela iria perder a cabeça e também sabia que ela não estava a pensar em ninguém em particular. De modo que se limitou a dizer-lhe:

«Haveremos de arranjar o homem *certo* para ti. Tu mereces alguém de estirpe: alguém que saiba levantar as orelhas e abanar a cauda. Por tudo o que não pode ser impedido, mereces mesmo. Ora...»

O médico parou, já se estava a entusiasmar com as palavras quando se lembrou da sua promessa, de modo que voltou a debruçar-se da cadeira para ouvir o que a irmã tinha a dizer.

«Nada sei acerca de levantar as orelhas e de abanar a cauda» disse Irma, com um certo tremer no canto da boca de lábios finos. «Mas gostaria que soubesses, Alfred, disse que gostaria que soubesses que estou contente por compreenderes a minha posição. Estou a desperdiçar-me, Alfred. Dás-te conta disso, não é verdade?»

«Pois dou.»

«A minha pele é a mais branca de Gormenghast.»

«E os teus pés são os mais chatos» pensou o irmão, mas apenas lhe disse:

«Sim, sim, mas que deveremos nós *fazer*, minha doce caçadora? — (Oh virgem à espreita através das sebes do sexo)» Não pôde resistir a usar

essa imagem com a irmã. «O que deveremos *fazer* é decidir quem haveremos de convidar. Para a festa, é claro. Isso é fundamental.»

«Sim, sim!» exclamou Irma.

«E quando os deveremos convidar?»

«Isso é fácil» disse a irmã.

«E a que horas?»

«Ao serão, é claro» disse Irma.

«E como se deverão vestir?»

«Com as suas roupas de cerimónia, é óbvio.»

«Depende de quem convidarmos, não achas? Que senhoras, minha querida, terão vestidos tão resplandecentes como os teus, só para dar um exemplo. Creio que haverá uma certa crueldade se insistirmos em trajos de cerimónia.»

«Oh, isso não terá qualquer importância.»

«Queres mesmo dizer que é absolutamente secundário?»

«Sim, sim» esclareceu Irma.

«Mas que coisa mais embaraçosa! Não achas que se irão sentir diminuídas. Ou será que te irás vestir com roupas velhas, num esforço de amor e compaixão?»

«Mas não iremos convidar nenhuma mulher.»

«Nenhuma mulher!» gritou o irmão, genuinamente surpreso.

«Tenho que estar sozinha...» murmurou a irmã, empurrando mais os seus óculos escuros para o alto do nariz longo e fino, «com *elas*, com os homens...»

«E como irás entreter os nossos convidados?»

«Estarei presente» disse Irma.

«Sim, sim, e sem dúvida serás ubíqua e encantadora, mas, minha querida, minha querida, pensa melhor...»

«Alfred» disse Irma, subindo e baixando um dos seus ossos ilíacos de modo a que o outro ficasse tão elevado que a sua pélvis tomou um aspecto perigoso. «Alfred» disse ela, «como podes ser tão perverso? De que me iriam aqui servir as mulheres? Não te esqueceste das minhas intenções, pois não?»

O irmão começava já a admirá-la. Será que sob a sua neurose, vaidade e modos infantis, ela estivera a esconder uma vontade de ferro?

Ele levantou-se e, pondo-lhe as mãos nas ancas, corrigiu-lhe o ângulo com uma manobra rápida de endireita. Depois, voltando a sentar-se e após ter cruzado fastidiosamente as pernas longas e elegantes de cegonha, fez o gesto de quem estaria a lavar as mãos e disse: «Irma, minha revelação, diz-me apenas isto...» Levantou então os olhos intrigados. «Quem são esses homens, esses ganhões, esses possantes carneiros, esses gatos selvagens? E como os irás tu seduzir?»



«Sabes muito bem, Alfred, que não temos escolha. Entre a aristocracia, quem poderemos convidar? Pergunto-te. Quem poderemos convidar?»

«De facto quem?» observou o médico com um tom irónico, pois não conseguia pensar em ninguém. A ideia de uma festa em sua casa era de tal modo uma novidade que o esforço de ter que convidar pessoas era de mais para ele. Era como se estivesse a reunir uma trupe de actores para uma peça de teatro que ainda não tivesse sido escrita.

«Quanto ao número de convidados, Alfred, estás a ouvir-me? Tenho estado a pensar em cerca de quarenta homens.»

«Não, não!» gritou o Dr. Prunesquallor, agarrando-se aos braços da cadeira. «Nunca caberiam nesta sala, não achas? Seria pior do que os gatos brancos, seria uma luta de cães.»

Será que as faces da irmã teriam corado?

«Alfred» disse ela, após alguns momentos, «trata-se da minha última oportunidade. Se esperar mais um ano, perderei os meus encantos. Será que achas ser esta a altura apropriada para pensares nas tuas conveniências?»

«Ouve-me bem» disse o médico, muito lentamente. A sua voz tinha um estranho tom meditativo. «Irei ser tão conciso quanto possível. Mas terás que me ouvir, Irma.»

Esta acenou-lhe afirmativamente.

«Terás muito mais sucesso se não convidares tanta gente. Numa sala cheia, a anfitriã terá que andar a saltitar de convidado em convidado e nunca poderá ter uma verdadeira conversa com alguém em particular. Para mais, os convidados estão sempre à procura dessa mesma anfitriã, num modo calculado para lhe dar a entender quanto se estão a divertir. Porém, numa festa mais pequena, onde todos possam ser facilmente vistos e apresentados sem que isso demore muito tempo, terás a oportunidade para avaliares as pessoas presentes e para decidires quais as mais merecedoras da tua atenção.»

«Estou a ver» disse Irma. «Vou também pôr lanternas acesas no jardim. Assim poderei atrair os que eu achar mais interessantes até ao pomar de macieiras.»

«Meu Deus!» exclamou Prunesquallor, um pouco para si mesmo. «Espero que não esteja a chover.»

«Não irá estar» observou Irma.

Ele nunca a vira desse modo. Havia qualquer coisa que o assustava quando via na irmã uma segunda faceta, após ter sempre assumido que só existia uma.

«Bem, então haverá alguns que não poderão ser convidados.»

«Mas quais? Quais?» gritava ele. «Já não consigo aguentar tanta tensão.»

Quem são esses homens que tu estás a pensar convidar *en bloc*? Essa espécie de horda de cães que, a um simples assobio, estará pronta a desfilar pelo pátio e a entrar por essa porta, para esta sala, onde eles assumirão uma série de poses masculinas? Por tudo o que é sagrado, Irma, diz-me quem são eles.»

«Os professores»

Quando Irma disse essas palavras, apertou as mãos que tinha atrás das costas uma na outra. O seu peito liso elevou-se um pouco. O seu nariz agudo tremeu e um sorriso irrompeu-lhe no rosto.

«Trata-se de cavalheiros!» observou ela em voz alta. «De cavalheiros dignos do meu amor!»

«O quê? E irias convidar os quarenta?». O irmão levantou-se uma vez mais. Estava chocado.

Todavia, ao mesmo tempo, conseguia ver a lógica da escolha de Irma. Quem mais poderia estar interessado numa festa que tivesse tal fito secreto? Quanto a serem «cavalheiros» talvez o fossem, mas não muito. Se o sangue deles era azul, também o seriam os seus maxilares e as unhas. Se os seus passados poderiam ser escrutinados, o mesmo não se poderia dizer do presente.

«Que oportunidade nos vem bater à porta! Que idade tens, Irma?»

«Sabe-lo muito bem, Alfred.»

«Para isso terei que pensar no assunto» admitiu o médico. «Mas deixa estar. O importante será o teu aspecto. Deus sabe que és impecável! É um bom princípio. Estou a tentar pôr-me no teu lugar. Isso pressupõe um certo esforço da minha parte... ah, ah, ah!... que eu não consigo fazer.»

«Alfred.»

«Meu amor?»

«Quantos pensas que deveríamos convidar?»

«Se escolhermos bem, Irma, talvez uns doze.»

«Não, não, Alfred! Trata-se de uma festa! De uma *festa*! Há coisas que *acontecem* em festas, não numa reunião de amigos. Tenho lido acerca do assunto. Iremos precisar de pelo menos vinte, para tornar a atmosfera mais interessante.»

«Pois bem, minha querida, *pois bem*. É óbvio que não iremos incluir um animal doente e asmático de hastes partidas, só porque é o número vinte na lista, quando os outros dezanove são veados de sangue, viris e elegíveis. Mas vejamos a coisa com mais atenção. Digamos, só por uma questão de argumento, que fizemos uma escolha e que temos cerca de quinze. Ora, destes quinze, minha doce co-estratega, não mais do que seis te poderão interessar como possíveis maridos... Não pestanejes. Sejamos honestos embora nos custe bastante. A coisa é bem mais subtil, pois os seis que tu escolheres não serão necessariamente aqueles que irão querer passar o resto

das suas vidas contigo... Oh, não... Até podem ser outros seis totalmente diferentes que nada te interessem. E, por baixo e por cima de tais trocas, teremos que ter o pano de fundo flutuante daqueles que eu não duvido que possas repelir com os teus elegantes cascos bifurcados, caso se atrevessem a fazer-te quaisquer avanços. Pôr-lhe-ias logo o freio na boca, tenho a certeza disso, Irma. Mas, no entanto, são-nos precisos esses intocáveis, pois teremos de ter uns quantos de reserva. São estes que irão dar cor à festa, ao potencial da atmosfera.»

«Achas que lhe poderíamos chamar uma *soirée*, Alfred?»

«Não conheço nenhuma lei que no-lo possa impedir» respondeu Prunesquallor, talvez um pouco irritado, pois era óbvio que ela não o tinha escutado com atenção. «Mas os professores não são nada o tipo de pessoas que eu associaria com esse termo. Quem, a propósito, forma o pessoal docente nestes dias? Há já muito tempo que não vejo o esvoaçar de uma beca.»

«Sei bem que és um cínico, Alfred, MAS quero que saibas que eles são a minha escolha. Sempre desejei casar-me com um homem de saber. Compreendê-lo-ia, poderia satisfazê-lo, protegê-lo-ia e remendar-lhe-ia as meias.»

«Estou certo que não haveria melhor remendeira para lhe proteger com uma pele dupla o tendão de Aquiles.»

«Alfred!»

«Desculpa-me, minha querida. Por tudo o que é imprevisível, já começo a gostar da ideia. Pela minha parte, Irma, encarregar-me-ei dos vinhos e licores, dos barris e da taça do ponche. Tu tomarás conta da comida, dos convites, de dares instruções ao pessoal, ao nosso, não a esses iluminados cientistas. E então, para *quando*?»

«O meu vestido de mil folhos, com o corpete cheio de papagaios pintados à mão, estará pronto dentro de dez dias e...»

«Papagaios!» gritou o médico, consternado.

«Porque não?» retorquiu Irma, bruscamente.

«Mas» perguntou o irmão com um gesto suspenso no ar. «Quantos são eles?»

«E isso a ti que te importa, Alfred? São pássaros muito coloridos.»

«Mas será que irão condizer com os folhos, meu torrãozinho doce?... Eu teria pensado — se é que terás que ter criaturas pintadas à mão nesse corpete, como lhe chamas —, que deveria ser qualquer coisa que atraísse o pensamento dos professores para a tua feminilidade, para o teu lado mais desejável... Creio que qualquer coisa menos agressiva do que papagaios seria mais apropriada... Repara, Irma, estou só a...»

«Alfred!» A voz dela fez com que ele se endireitasse melhor na cadeira.

«*Creio* que isso me diz respeito» disse ela, cheia de sarcasmo. «Acho que quando se trata de papagaios eu me poderei encarregar deles...»

«Pois podes...» admitiu o irmão.

«Será que dez dias seriam o suficiente, Alfred?» perguntou ela, levantando-se da cadeira e aproximando-se do irmão, passando os dedos longos e pálidos pelo cabelo cinzento-aço. Estava agora mais calma e, para horror do médico, sentara-se no braço do seu cadeirão.

Depois, com uma espécie de abandono felino, atirou a cabeça para trás, de modo que o seu pescoço, demasiado longo e cor de pérola, ficou esticado numa aguda curva e o seu carrapito tocava-lhe entre as omoplatas de um modo tão peremptório a ponto de a fazer tossir. Porém, assim que se deu conta de que o irmão não estava a ser condescendente, a mesma expressão extática e felina regressou-lhe ao rosto empoadado, e ela bateu com as mãos no peito.

Prunesquallor, levantando os olhos para olhar melhor para ela, horrorizado com mais uma faceta desconhecida da sua irmã que assim se revelava, reparou que um dos molares de Irma precisava de ser chumbado, mas decidiu que esse não seria o momento apropriado para o mencionar.

«Oh, Alfred! Alfred!» gritava ela. «*Sou realmente* uma mulher, não achas?» As mãos tremiam-lhe de emoção quando as cruzou. «Irei *mostrar-lhes* que realmente o sou» voltou ela a dizer com a voz gritada de quem perdera o controlo. Em seguida, acalmando-se com um esforço bem visível, voltou-se para o irmão e, sorrindo para ele com um recato pior do que qualquer grito, murmurou: «Irei enviar-lhes os convites amanhã mesmo, Alfred.»

## QUINZE

TRÊS GROSSAS colunas de sol nascente, divididos pela penumbra, pareciam incendiar a terra onde incidiam. O impacto brilhante da coluna mais próxima expunha um emaranhado de ramos que se retorcia numa louca e cintilante radiância, microscopicamente perfeita e à deriva na escuridão.

A segunda dessas ilhas inundadas de luz parecia flutuar logo *por cima* da primeira, pois o céu e a terra eram uma única cortina de trevas. Na realidade, estava uma vez mais distante, porém, suspensa como estava, não nos dava qualquer impressão de distância.

Na extremidade norte, irrompendo de uma terra cor dourada de vespa, havia certas formas como irrupções de alvenaria, em vez de torres e contrafortes de pedra natural. A coluna de sol incidira num mero segmen-

to de habitação que, alargando-se mais a norte ao penetrar na escuridão circundante, se transformara num punho fechado de pedra que, por sua vez, passando do pulso ao braço até atingir um cotovelo como um favo esmagado, se elevava pelas trevas para um ombro poderoso e roído pelo tempo, para se expandir mais uma vez num corpo acidentado de torres imemoriais.

Mas de tudo isso nada era visível, excepto a brilhante ponta partida de um dedo de pedra.

A terceira «ilha» tinha a forma de um coração. Um coração coruscante de alcatrão a arder.

Um cavalo movia-se para a margem sombria desse terceiro foco luminoso. Não parecia ser maior do que uma mosca. Montado nele estava Titus.

Ao entrar nessa cortina de trevas, que o separava desse lar em forma de cidade, franziu o sobrolho. Com uma das mãos agarrou-se à crina da montada. O coração batia-lhe alta e descompassadamente no silêncio, mas o cavalo prosseguia sem qualquer hesitação. Titus acabou por se acalmar devido ao movimento regular que sentia por baixo dele.

De súbito, uma nova «ilha» de luz, que ondulava correndo de leste, alargando sempre as suas margens mercuriais como se para empurrar a escuridão, criou nessa penumbra um caleidoscópio fantástico de rochedos em fuga e de árvores, vales e cumeeiras — uma «costa» flutuante que se apresentava em todos os seus nítidos detalhes. Essa corrente de luz foi seguida por outra e por outra ainda. Grandes buracos cor de açafrão tinham surgido no céu. Depois, de horizonte a horizonte, o mundo era essa luz nua.

Titus gritava. O cavalo abanou a cabeça e, em seguida, percorrendo a terra dos seus antepassados, o pequeno Conde dirigiu-se a casa.

Porém, na excitação do galope, Titus desviou o olhar das torres do castelo, que se erguiam momentaneamente acima do horizonte; desviou-o de onde, lá longe na fria neblina do nascer do dia, a Montanha de Gormenghast, com o seu pico semelhante a uma garra, lançava o seu desafio através do ar suspenso. «*Será que te atreves?*» parecia querer dizer. «*Será que te atreves?*»

Titus inclinou-se para trás nos estribos e tentou travar o galope do corcel, pois uma rara confusão de vozes e imagens tinham transformado numa carlinga o seu corpo ofegante. Florestas, tão húmidas e verdes como uma verdadeira história de amor, levantavam os ramos espinhosos por cima da sua cabeça, no momento em que ele aí se sentara meio a tremer, quase a cair da sela. Ondas de folhagem húmida ondulavam-lhe sob as costelas. Na boca, poderia sentir o amargo das folhas. O odor do chão da floresta, negro de fetos apodrecidos e pungente de fermentações, ardeu-lhe por instantes nas narinas.

Os seus olhos tinham descido desde os altos e calvos píncaros da Montanha de Gormenghast até aos bosques sombrios, antes de se voltarem uma vez mais para o céu. Olhou então para o sol, à medida que este ia nascendo. Sentia o dia a despontar. Mudou o cavalo de direcção. Agora estava de costas para Gormenghast.

O topo da montanha brilhava nesse luminoso vazio. Reunia nele os seus feios contornos, ou tudo ou nada, e despertava-lhe a imaginação devido ao seu vazio peculiar.

Daí chegou-lhe mais uma vez a voz:

*«Será que te atreves? Será que te atreves?»*

E uma série de outras vozes se juntaram a essa. Vozes das planícies encharcadas em sol. Dos pântanos e dos caminhos de gravilha. Dos pássaros dos confins do rio verde. De onde os esquilos estão e as raposas se movem e os pica-paus tornam mais espessa a entontecida imobilidade do dia, com o seu distante e arqueado martelar: de onde uma árvore oca e apodrecida, suave e exuberante, brilha como se estivesse acesa por dentro, devido ao doce e secreto esconderijo das abelhas selvagens.

Titus levantara-se uma hora antes do toque do sino. Vestira-se apressadamente no maior silêncio e percorrera em bicos de pés os corredores silenciosos até um portal mais a sul. Em seguida, após ter atravessado um pátio murado, chegara aos estábulos do castelo. A manhã estava escura e turva, mas ele mal podia esperar por um mundo finalmente sem paredes nem muralhas. Parara à porta de Fuchsia antes de sair e batera na mesma.

«Quem está aí?» A voz dela soara-lhe estranhamente áspera do lado de dentro.

«Sou eu» disse Titus.

«Que é que tu queres?»

«Nada. Vou dar um passeio.»

«O tempo não está nada bom» observou Fuchsia. «Adeus.»

«Adeus» disse Titus, e já tinha recomeçado a sua caminhada em bicos de pés ao longo do corredor, quando ouviu o som de uma maçaneta a rodar. Voltou-se e viu, não apenas Fuchsia a desaparecer no interior do seu quarto, mas, ao mesmo tempo, algo que viajava muito rapidamente pelo ar na direcção da sua cabeça. Para proteger o rosto, levantou o braço e, mais por acidente do que por habilidade própria, reparou que apanhara uma enorme e pegajosa fatia de bolo.

Titus sabia que não tinha autorização para sair do castelo antes do pequeno-almoço. Sabia que se tratava de uma dupla desobediência aven-

turar-se para lá das Muralhas Exteriores. Como único sobrevivente de uma linhagem famosa, todos os cuidados que o rodeassem eram poucos. Assim tinha que informar alguém sempre que decidia sair, e informar para onde se dirigia, para que, caso ele se atrasasse no regresso, todos pudessem saber. Todavia, o facto do dia estar escuro não conseguiu dissuadi-lo do desejo que albergava há já algumas semanas, o desejo de cavalgar enquanto os outros ainda estivessem deitados: de beber o ar da Primavera em grandes haustos, enquanto ele trotasse no cavalo pelos campos de Abril, para lá das Residências Exteriores, pretendendo ao fazê-lo que era livre.

Livre...!

Que poderia tal concepção significar para Titus, que mal sabia o que era mover-se de uma para outra parte de sua casa sem ser observado, guiado ou seguido e que nunca conhecera a privacidade ímpar do obscuro? Existir sem um nome famoso? Sem uma linhagem? Ser uma pessoa sem interesse para os olhos velados do mundo dos adultos? Ser uma criatura que crescera do mesmo modo que um pele-vermelha rasteja: através da infância para a meninez, de um ano para o outro, como se de denso em denso arbusto, de emboscada em emboscada, olhando para tudo desde a árvore mais alta da Juventude?

Devido às paisagens selvagens que rodeavam Gormenghast e se estendiam de horizonte a horizonte, como se o castelo fosse uma ilha de naufragos perdida em águas desoladas para lá de quaisquer rotas; devido a esse aspecto do espaço, como poderia Titus saber que a vaga insatisfação de que se começara a aperceber de vez em quando, resultava do facto de se sentir enjaulado?

Ele não conhecia outra realidade e aí, todas as matérias-primas pareciam arder em torno dele: as propriedades e os cenários românticos. De um romantismo que era apaixonado, obscuro e sem sexo, que era perigoso e arrogante.

O futuro apresentava-se diante dele cheio de rituais infinitos e pedantes, mas sentia que algo lhe pulsava na garganta quando se rebelava.

Ser um vadio! Um Cábula! Seria como ser um Conquistador... ou um Demónio.

De modo que selara o seu cavalo cinzento e partira à desfilada nessa escura manhã de Abril. Porém, logo que atravessara um dos arcos da Muralha Exterior e começara a galopar na direcção da floresta de Gormenghast, sentiu-se de súbito e irremediavelmente perdido. Em breves instantes, as nuvens pareciam ter coarctado toda a possível luz do céu e ele encontrou-se entre ramarias que se balançavam e lhe batiam no corpo na escuridão. Numa outra altura, o cavalo ficara enterrado até aos joelhos num frio e ávido pântano. Tremera por baixo dele ao recuar com dificuldade, a fim de

encontrar terreno mais sólido onde firmar os cascos. À medida que o sol ia nascendo, Titus ia conseguindo ver onde se encontrava. Em seguida, esses longos focos de luz tinham trespassado a atmosfera sombria e ele conseguira ver à distância — muito mais longe do que julgara possível — a ponta brilhante de uma das extremidades do Castelo.

Mais tarde o sol inundou tudo, até já não haver um único farrapo de nuvem no céu e o prazer do medo transformou-se no gozo da antecipação, da aventura.

Titus sabia que já deveriam estar a sentir a sua falta. O pequeno-almoço seria servido mas, muito antes disso, já deveriam ter ficado alarmados ao entrarem no dormitório. Titus já imaginava a sobancelha levantada do professor na sala de aula, ao reparar na carteira vazia, e também as conversas e a especulação dos condiscípulos. Depois, sentiu algo ainda mais fascinante do que o ósculo quente do sol, na parte detrás do pescoço: uma brisa de ar fresco de Abril que lhe passou pelo rosto — algo que lhe parecia perigoso e tremendamente excitante — algo estrídulo que lhe percorria com um assobio o estômago nauseado e as coxas. Era como se fosse o próprio arauto da aventura quem lhe assobiasse, para que voltasse a cabeça do cavalo, enquanto a dourada e suave luz do sol murmurava a mesma coisa, mas de um modo mais arrastado.

Por instantes, um sentido de si mesmo apoderou-se dele de tal modo que as personagens do castelo não passavam de simples marionetas na sua imaginação. Iria pegar nelas com uma mão, para as atirar para o fosso logo que regressasse — *se é que iria regressar...* Não, não seria mais escravo delas! Quem pensavam que eram para o obrigarem a ir à escola, para o mandarem fazer isto e aquilo? Ele não era apenas o septuagésimo sétimo Conde de Gormenghast, mas Titus Groan de pleno direito.

«Pois muito bem!» disse ele para si em voz alta. «Hei-de mostrar-lhes!» E, esporeando o cavalo, dirigiu-se para a Montanha.

Mas essa corrente de ar primaveril e frio que ele sentira no rosto não era apenas um sinal de ter faltado às aulas. Anunciava também uma mudança no tempo, tão rápida e inesperada como o aparecimento do sol. Pois embora não se vissem quaisquer nuvens, o sol parecia cobrir-se de neblina e o calor que sentia no pescoço era agora mais fraco.

Não fora antes de ele ter percorrido seis quilómetros na sua expedição de rebeldia e ter entrado nos bosques cor de avelã que conduziam ao sopé da Montanha de Gormenghast que se deu conta de um certo nevoeiro na atmosfera. De então em diante, era como se um lençol branco se tivesse abatido sobre ele, elevando-se da própria terra e rodeando-o por todos os lados. O sol já não era senão um disco pálido, antes de desaparecer por completo.



Então, ele já não poderia voltar para trás. Titus sabia que se perderia num ápice se começasse a cavalgar à toa. No lugar onde estava, não conseguia ver mais do que uma fulgência incendiada, que se tornava cada vez mais fraca, um brilho que estava atrás e por cima dele. Tratava-se do topo da Montanha de Gormenghast a cintilar através de brumas que se ia tornando cada vez mais espessas.

Conseguir sair desse vapor branco era a sua única esperança e, incitando o cavalo a um trote perigoso, pois a visibilidade diante dele era de um metro ou dois, começou a trepar, com esse brilho pálido a guiá-lo para terrenos mais altos, onde por fim as brumas rareavam. Quando o sol voltou a brilhar desimpedido e as altas plumas do nevoeiro se começavam a enrolar umas sobre as outras a uma distância bem mais abaixo, Titus deu-se plenamente conta do que seria estar sozinho. Essa solidão tinha uma qualidade que ele nunca antes experimentara e o silêncio de uma imóvel altitude com um mundo de vapor fantástico espalhado um pouco mais abaixo.

Para oeste, os telhados da sua imponente casa pareciam flutuar, como se cada pesada pedra fosse uma pétala. Numa fieira, ao longo dos seus poderosos maxilares, centenas de janelas do tamanho de dentes reflectiam o nascer do dia. Assemelhavam-se mais a osso do que a vidro, ou mesmo as pedras que as enquadravam. Em contraste com o torpor desses brilhos, pontuando a remota alvenaria com frias correntes, enormes extensões de hera alastravam como água escura por sobre os telhados, parecendo inquietas, com milhares de pálpebras em forma de coração a piscarem humildemente.

O topo da montanha brilhava por cima dele. Será que nada mais haveria nessas encostas senão a criança que faltara às aulas? Era como se o coração do mundo tivesse parado de bater.

As folhas de hera tremeram um pouco e, aqui e ali, um estandarte flutuava na sua haste. Porém, não havia qualquer vitalidade nesses movimentos, nenhum propósito específico. Tudo se assemelhava à longa cabeleira de um cadáver, que ondulava no vento, numa tentativa de negar a morte do corpo que embelezava.

Nem uma cabeça apareceu nas janelas mais altas, semelhantes a dentes, que se continuavam ao longo da frente do castelo. Se alguém aí estivesse, poderia ter visto o sol a percorrer as margens do nevoeiro que se agarrava ao chão.

De horizonte a horizonte espalhava-se esse mesmo nevoeiro, suportando essas montanhas maciças na espuma das suas costas, como uma carga flutuante de feias escarpas e de agrestes pedaços de xisto. Espalhava o seu fumo pelos flancos da montanha. Alinhava-o ao longo das muralhas

do castelo, dobra após dobra, ou como uma lenta maré. Todavia, sem som nem movimento, sob um exorcismo mais potente que o das luas, não tinha poder para refluir.

Nem uma respiração se ouvia na montanha. Nem um suspiro do envolto castelo nem do oco volume das brumas. Será que não haveria pulsação por baixo desse vapor? Um único coração que pudesse bater? Pois decerto mesmo o coração mais fraco iria reverberar nesse silêncio branco e ecoar o seu batimento pelas distantes ravinas.

O sol não manchava sequer essa mortalha de giz. Era um sol branco que parecia reflectir o nevoeiro por baixo dele, quebradiço como um disco de vidro.

Será que a Natureza estava inquieta e queria fazer experiências com os seus vários elementos? De facto, assim que esse nevoeiro branco assentou, como se para sempre, cobrindo o estreito vale como um rio de fumo frio — espalhando-se pelos terrenos mais baixos como uma manta de retalhos, e penetrando em cada toca de coelho com os seus dedos gélidos —, logo um forte e inquieto vento chegou de Norte e, voltando a despir toda a terra, parou tão depressa quanto se levantara, como se tivesse sido enviado apenas para limpar toda essa névoa. Então, o sol tornou-se outra vez um globo de ouro. O vento cessara e também o nevoeiro. As nuvens tinham desaparecido, o dia era jovem e quente, e Titus passeava-se pelas encostas da Montanha de Gormenghast.

## DEZASSEIS

MUITO ABAIXO de Titus, como gente reunida, havia uma dúzia de pequenos bosques. Entre eles, a terra nua brilhava, aqui e ali, sempre que fios de água espelhavam o céu.

Por entre essa confusão de regatos cintilantes, giestas e tojos atarracados erguiam-se, como se possuíssem uma autoridade especial.

Para Titus, essa vegetação rasteira parecia estranhamente viva. Pois cada mancha desses arbustos lhe surgia *totalmente diferente* das outras, embora tivessem as mesmas dimensões e consistissem numa mistura de freixos e sicómoros.

Mas para Titus era claro observar que, se bem que a mais próxima dessas manchas vegetais se encontrasse num estado de irritação, sem que nenhuma das árvores se quisesse relacionar com a sua vizinha, e as suas cabeças se desviassem, os seus ombros roçavam uns nos outros. Contudo,

não a cem metros de distância, outro bosque se encontrava num estado de animação suspensa, como se as cabeças das suas árvores se tivessem inclinado sobre um segredo verde e secreto. Apenas uma das árvores levantara a cabeça ligeiramente. Estava inclinada para um lado como se detestasse perder uma dessas conversas passageiras, junto aos seus ombros. Titus desviou o olhar e viu um renque de árvores onde, equilibradas sobre as ancas, doze delas olhavam de esguelha para uma outra que se encontrava isolada. Esta estava de costas para as outras. Não poderia haver dúvida de que, com o seu olhar desviado, decerto as detestaria.

Havia árvores que se abraçavam como se tivessem frio ou medo. Havia outras que gesticulavam. Havia aquelas que pareciam apoiar uma outra que se encontrava ferida. Havia os grupos arrogantes, os que estavam de luto com as cabeças inclinadas para o solo, os bosques exaltados e aqueles em que cada árvore parecia estar a dormir.

A paisagem estava viva, do mesmo modo que Titus. Apesar de tudo eram apenas árvores: ramos, raízes e folhas. Mas esse era o seu dia e não havia tempo a perder.

Ele já se despedira dessa linha cinzenta de torres. Aí, em volta dele, via as pedras e os fetos da montanha, com os raios do sol nascente a dançarem sobre eles em tonalidades de luz.

Uma libelinha passou por cima de superfície rochosa na direcção do seu cotovelo e, ao mesmo tempo, ele deu-se conta de uma grande gritaria de pássaros para lá desses bosques mais próximos.

A norte desses mesmos bosques espalhavam-se as planícies brilhantes, mas era mais a oeste e mais próximo do sopé da montanha onde ele se encontrava, que flutuavam as vozes dessas aves, tão finas e tão claras; era aí que a larga floresta se abria para o céu. Prega após prega de tom verde, mão-cheia após mão-cheia de folhagem ondulava contra um horizonte recortado.

Os seus desejos centraram-se mais. O facto de ter faltado à aula já não o incomodava. Ardia de curiosidade.

Que permaneceria no interior dessas muralhas altas e cobertas de folhas? Por detrás desses muros verdes e ensolarados? E que se passaria com as sombras interiores? Com as altas açoteias e com as áleas vazias de folhas? A sua consciência de culpa estava anestesiada sob os martelos do seu empolgamento.

Queria galopar, mas essas encostas de xisto e de pedras soltas eram demasiado perigosas. Todavia, ao atingir níveis mais baixos, o chão tornava-se menos acidentado e mais liso, e ele poderia mover-se mais rapidamente ao longo de extensões consideráveis.

A parede verde da floresta elevou-se mais pelo céu cheio de sol quan-

do ele se aproximou, o que o iria obrigar a ter que levantar a cabeça para ver os ramos mais altos.

Gormenghast escondia-se por detrás de uma elevação de terreno a oeste. Para leste e por detrás dele, as encostas da montanha trepavam, formando feios socalcos. Titus segurou as rédeas e deslizou do alto do cavalo.

O chão em torno dele estava coberto por uma erva sedosa e acinzentada que brilhava com uma peculiar luz branca. Havia pedras por aí espalhadas, nas sombras de cujas frentes e maxilares saídos crescia uma variedade de fetos luxuriantes.

Os lagartos corriam pelas superfícies de pedra mais quentes e, logo que Titus deu um passo para esse muro de floresta, uma cobra deslizou para uma lura como se fosse uma corrente de água, abanando o chocalho que tinha na cauda.

Qual seria então esse choque de amor? Uma cobra-cascavel; um pequeno vale de ervas sedosas; alguns rochedos grandes com lagartos e fetos, e esse alto muro verde da floresta. Por que razão todas essas coisas contribuiriam para formar uma totalidade fascinante?

Amarrou as rédeas em volta do pescoço do pónei e deu-lhe um empurrão na direcção de Gormenghast. «Vai para casa» disse-lhe ele. O pónei olhou logo para Titus e depois começou a afastar-se. Dentro de momentos desapareceu, por detrás de uma elevação de terreno, e o pequeno Conde ficou verdadeiramente sozinho.

## DEZASSETE

AS AULAS da manhã já tinham começado. Nas salas, mil coisas estavam a acontecer ao mesmo tempo. Mas por detrás das suas portas havia um drama de um outro género: o drama do silêncio escolástico, pois pelos átrios e pelos corredores vazios que separavam essas salas, este surgia como algo palpável, batendo como ondas mansas contra as portas dessas mesmas salas.

Dentro de uma hora, o contínuo iria tocar a sineta de latão no Corredor Central e o silêncio seria desfeito quando, irrompendo das suas várias prisões, uma multidão de rapazes por aí se dispersasse como uma nuvem de gafanhotos.

Nas salas de aula de Gormenghast, tal como na Sala Comum dos Professores, as paredes estavam forradas de pele de cavalo. Mas isso era a única

coisa que tinham em comum, pois o ambiente das mesmas, tal como as suas formas, não poderia ser mais variado.

A sala de Fluke, por exemplo, era longa, estreita e mal iluminada por uma janela na parede do fundo junto ao tecto. Opus Fluke sentava-se numa cadeira de braços, coberta com um tapete vermelho. Estava quase inteiramente na sombra. Embora tivesse dificuldade em ver os rapazes diante dele, encontrava-se numa posição muito melhor do que a deles, pois estes não o conseguiam vislumbrar. Fluke não tinha nenhuma secretária em frente dele, limitava-se a sentar-se aí rodeado de trevas. Um ou dois manuais escolares estavam espalhados pelo chão por baixo da sua cadeira, para não destoar muito, mas o pó cobria-os de tal modo que pareciam apenas inchaços acinzentados. O Sr. Fluke ainda não se dera conta de que há quase um ano os tinham pregado ao soalho.

A sala de Perch-Prism era enfadonhamente quadrada e muito bem iluminada para agradar aos neófitos. Apenas as paredes forradas a couro eram antigas e cheiravam a mofo, embora fossem esfregadas e oleadas uma vez por outra. As carteiras, os bancos e as tábuas do chão eram lavados com água quente e bicarbonato de soda todas as manhãs, de modo que, à excepção das paredes, havia aí uma nudez branca que tornava essa sala pouco popular, pois era quase impossível usar cábulas sob essa luz cruel.

A sala de Flannelcat era um pequeno túnel com uma janela semicircular que quase ocupava toda a parte do fundo. Em contraste com Fluke, que gostava de se sentar na penumbra, o Sr. Flannelcat debruçado sobre uma secretária muito alta, apresentava uma imagem inteiramente diferente. Como a luz o iluminava por detrás, para os alunos era como se ele não passasse de um recorte em cartolina preta. Aí se sentava ele, de costas para a janela semicircular ao fundo desse túnel, com os gestos em silhueta a tremem diante da luz. Através dessa janela poder-se-ia ver o topo da Montanha de Gormenghast e, nessa manhã, flutuando preguiçosamente sobre a calva brilhante do professor, viam-se três nuvens semelhantes a sementes de dente-de-leão.

Mas de todas as salas de aula do castelo, cada uma com as suas características próprias, havia nessa manhã uma em particular. Situava-se num dos andares superiores e era uma grande sala sonhadora, com mais carteiras do que seria necessário, e muito mais espaço do que aquele que seria (academicamente) preciso. Grandes tiras de pele de cavalo pendiam das paredes.

A janela dessa sala de aula dava para sul, de modo que o chão, que nunca fora tingido, estava branco. A tinta que fora entornada, trimestre após trimestre, tinha desbotado até atingir uma tonalidade tão bela e suave de azul, que as tábuas do soalho quase tinham adquirido uma cor mágica.

Mas que seria, por exemplo, esse monstro semelhante a um saco, esse volume que ressonava, esse peso morto de desconjuntado horror? Tinha um aspecto vil e embrutecido, enrolado como um cão preto sobre a mesa do professor. Mas que era afinal? Dir-se-ia estar morto, pois era tão pesado como a morte e igualmente imóvel; porém havia uma profunda respiração que se emanava desse volume, que tinha um som ocasional de vento através de vidros partidos.

Fosse o que fosse, não metia medo, nem sequer interessava o grupo de rapazes que nessa sala sonhadora e intemporal, nas regiões quase esquecidas dos últimos andares da escola, parecia ter algo muito diferente em que pensar. O sol jorrava da janela alta. Toda a sala estava cheia de partículas de pó em movimento. Mas os alunos não tinham nada de sonhador.

Que estava a acontecer? Mal se ouvia um barulho, mas a tensão no ar tinha um ruído muito específico.

Desenrolava-se um jogo de altas e perigosas apostas. Este era já característico dessa sala. O ar era irrespirável. Os que não faziam parte dessa batalha em particular estavam acorados sobre carteiras e armários. Uma nova fase estava a começar. Os seus rostos engenhosos estavam voltados para a janela. Pareciam criaturas experientes, essas magras crianças de ocasião. Os veteranos tomaram então as suas posições.

Tudo estava pronto. As duas tábuas soltas do chão tinham sido levantadas e a primeira fora posta contra o parapeito da janela, de modo a formar um ângulo reduzido. A sua secreta parte debaixo fora encerada com cotos de vela desde tempos imemoriais e era essa parte que estava voltada para cima. A segunda tábua do chão, igualmente polida, estava alinhada diante da primeira, de modo que uma extensão de madeira estreita e escorregadia se estendia ao longo de nove metros pela sala, desde a janela até à parede oposta.

A equipa que estava reunida junto da janela aberta foi a primeira a fazer a sua jogada e um dos seus membros — um rapaz de cabelo preto com uma marca de nascença na testa — saltou para o parapeito, aparentemente sem se importar com a altura de trinta metros que o separava do solo.

Perante essa manobra, membros da equipa inimiga que se acocoravam nesse momento por detrás de uma fileira de carteiras, na parte detrás da sala de aula, começaram a atirar bolas de papel tão rijas como nozes, utilizando as pequenas fisgas que exibiam muito polidas pelo uso. Houve tempos em que pedaços de barro e até berlindes eram usados, porém, após a terceira morte e alguma confusão causada pelas tentativas de esconder os corpos, contentavam-se em usar balas de papel. Estas não eram substitutos mais inofensivos, pois essa polpa fora mastigada, amassada, misturada com cola branca e depois comprimida entre as dobradiças das carteiras. Irrom-

pendo assim, com uma velocidade mortal, atingiam quem quer que fosse com a força de uma chicotada.

Mas a que eram elas atiradas? Os seus oponentes estavam junto à janela e não estavam à espera que tais balas os pudessem atingir. Os que as disparavam nem sequer olhavam para eles — olhavam fixamente em frente, mas ao mesmo tempo começavam a fechar o olho esquerdo e a esticar as fitas de terrível elástico. Foi então que, de súbito, o significado desse jogo se desenrolou com um rápido redemoinhar rítmico. Demasiado vivo, demasiado rápido e perigoso para qualquer dança *ballet*. Contudo tão tradicional e igualmente pleno de subtilezas. Que estava a acontecer?

O rapaz de cabelo preto e com um sinal de nascença tinha flexionado os joelhos, encurvado as costas, esfregado as mãos ainda sujas de tinta e saltado do parapeito para o sol da manhã, onde os ramos de uma árvore gigantesca, abertos contra a luz, eram como filigrana. Por momentos ele transformou-se numa criatura do ar, com a cabeça inclinada para trás, os dentes à mostra, os dedos esticados e os olhos fixos num ramo branco dessa árvore. Trinta metros abaixo, abria-se o pátio poeirento que brilhava na luminosidade da manhã. Para quem estivesse nessa sala de aula, era como se o rapaz tivesse desaparecido para sempre. Mas os seus parceiros junto à janela, tinham-se espalmado contra a parede e os seus oponentes, ainda acorados por detrás das carteiras, mantinham os olhos postos nas tábuas escorregadias que atravessavam a sala como uma pista de gelo.

O rapaz em pleno voo agarrara-se ao ramo, segurando-lhe na ponta, e estava já a balançar-se numa curva perigosa através do ar cheio de folhagem. Na extremidade desse arco, contorcia-se de um modo particular o que deu um balanço extra a esse ramo que disparou para cima, de onde viera, para bem alto já fora da zona da folhagem, de modo que, por momentos, o aluno estava muito acima do nível da janela por onde saltara. Foi então que ele teve de recorrer a uns nervos de aço, agora que só dispunha de uma fracção de segundo antes que a sua vontade lhe falhasse, que acabou por largar o ramo. Estava outra vez em pleno espaço, a cair a uma grande velocidade. Com uma inclinação específica, atravessou o lintel da janela e, desviando-se do parapeito, de modo a aterrar sobre as nádegas tensas, como um raio caído do céu sobre essas tábuas de soalho inclinadas, conseguiu, uma fracção de segundo depois, ir de encontro à parede de couro oposta à janela, tendo deslizado por essas tábuas com a velocidade de uma pedra de funda.

Todavia, apesar da velocidade do seu voo e do modo súbito como reaparecera, não atingira a parede absolutamente ileso. O seu ouvido ardia-lhe e zumbia como um ninho de vespas. Através do fogo cruzado resultante das seis físgas tinham-lhe acertado em cheio três vezes no corpo, se bem que tivessem falhado duas vezes. Mas o jogo não acabara ainda, pois, na

altura em que ele atingiu a parede forrada a couro e já cheia de mossas, outro rapaz da sua equipa já se encontrava no ar, com as mãos esticadas para agarrar no ramo e os olhos a brilharem de entusiasmo, enquanto o grupo responsável pelos disparos, não cessara de se movimentar nem de voltar a carregar as armas com a devida munição. Assim, voltavam já a fechar o olho esquerdo e a esticar os elásticos.

Na altura em que o rapaz da marca de nascença atravessara a janela com um ouvido a arder, outra aparição caíra do céu ensolarado e deslizara pelas tábuas e pelo chão da sala de aula, para ir embater na mesma parede em que o couro estava já gasto e esfolado após tantos anos de colisão. Um silêncio magistral apoderou-se de tudo, um silêncio cheio de sol pálido. No chão desenhavam-se as sombras douradas das carteiras, dos brancos e do enorme quadro partido. Era a imobilidade de um trimestre de Verão, entretido consigo mesmo, sonhador, pontuado apenas pelo esfregar rápido das mãos sujas de tinta de cada rapaz, antes de estes se evadirem pelo espaço. Era a respiração suspensa da vítima, o ruído de um corpo a embater contra a parede forrada de couro e, em seguida, um som de fisgas a serem recarregadas. E, mais uma vez, o esfregar das mãos do aluno à janela e um rumorejar de folhas enquanto este voava sobre um arco verde por cima do pátio. As equipas mudaram depois de posição. Era a vez dos rapazes voadores pegarem nas fisgas. O grupo dos que disparavam foi até à janela. Tinha um ritmo próprio esse jogo bárbaro de sorte, contudo um quê de cerimonial — um ritual tão inquestionável e sacrossanto como só o poderia ser na alma de um rapaz.

O atrevimento e o estoicismo unia-os. Os segredos deles eram mais negros, mais profundos, mais terríveis e mais hilariantes através do conhecimento que lhes trazia esse rapidíssimo deslizar ao longo de uma sala de aula sossegada; através do conhecimento mútuo desses longos voos pelo espaço cobertos de folhagem; através da familiaridade que tinham com o som uivante das balas, que lhes passava diante da cabeça, ou da dor que estas poderiam provocar sempre que lhes acertavam.

Mas que dizer de tudo isso? Desse ritmo de rapazes atingidos? Ou rapazes tão cheios de vida como peixes ou pássaros. Apenas que se estava a desenrolar nessa manhã.

Que dizer desse horrível volume negro em cima da secretária do professor? O sol, ao atravessar as folhas dessa árvore muito alta, tinha começado a mosqueá-la de cintilantes losangos de luz. Essa coisa ressonava: era um som horrível de se ouvir durante o começo de uma aula numa manhã de Verão.

Contudo, esses momentos de indulgência tinham os minutos contados, pois ouviu-se de repente um grito junto ao tecto, por cima da porta da



sala. Tratava-se da voz de um diabrete, um rapaz magrinho e cheio de sardas que estava encarrapitado num armário. O vidro da bandeira por cima da porta batia-lhe no ombro. Estava escuro de sujidade, mas um pequeno círculo do tamanho de uma moeda era mantido em toda a sua transparência e, através desse ralo, ele poderia ver o que se passava no corredor lá fora. Assim, era capaz de avisar não apenas a turma toda, mas o professor, ao primeiro sinal de perigo.

Seria muito raro que Barquentine ou Deadyawn fossem visitar as salas de aula, mas não se perdia nada em ter esse rapaz de sardas no topo de um armário logo desde manhã, pois não havia nada mais irritante do que qualquer interrupção dessa paz.

Nessa manhã, estendido como um boneco em cima desse armário, tinha ficado tão fascinado pelo andamento do «jogo» que ia vendo, que há pelo menos um minuto que não espreitava pelo ralo. Quando o fez foi para ver, não a três metros da porta, uma falange compacta de professores, com Deadyawn à cabeça, mais alto do que os outros no topo da sua elevada cadeira de rodas.

Deadyawn, que comandava essa falange, tinha a cabeça e os ombros acima do resto do pessoal, embora nem por sombras se tivesse sentado direito nessa cadeira alta e estreita. Com as rodinhas a chiarem nos pés das quatro pernas, essa cadeira abananava para cá e para lá enquanto era empurrada rapidamente por um contínuo, que ainda permanecia invisível para o rapaz que espreitava pelo ralo, dado que estava por detrás dessa alta e feia peça de mobiliário — monstruosa para além do imaginável — com o seu tabuleiro desproporcionado para as refeições, que ficava à altura do coração de Deadyawn, e a pequenina e rude prateleira para ele colocar os pés.

O que era visível do rosto de Deadyawn, por cima dessa mesinha, parecia estar acordado — sem dúvida um sinal óbvio de que algo tremendamente urgente estava a acontecer.

Por detrás dele, havia um restolhar escuro de professores. Mas não se conseguia adivinhar o que teria acontecido nas suas salas ou que poderiam eles querer, para mais logo de manhã, nesse lento e quase esquecido andar do castelo. Contudo aí estavam, com as becas a esvoaçar contra ambos os lados do corredor. Havia uma específica determinação no modo como andavam, uma espécie de seriedade em massa que adquiria aspectos assustadores.

«O Yawner!» gritou ele. «Depressa! Depressa! Depressa! Vem aí o Yawner com eles todos! Deixem-me descer! Deixem-me descer!»

O ritmo desse jogo de acaso foi interrompido. Nem uma única bala de papel assobiou junto à cabeça do último rapaz a sair da luz do sol para

embater contra a parede forrada a couro. Num instante, essa sala ficou suspeitamente silenciosa. Em quatro filas os alunos sentavam-se meios virados nas carteiras, com as cabeças inclinadas à escuta dos guinchos da cadeira de Deadyawn sobre as suas pequenas rodas, à medida que esta se aproximava deles através do silêncio.

Esse miúdo franzino caíra nos braços de um jovem de cabelo cor de palha, depois de ter saltado do que decerto lhe parecera ser uma grande altura.

As duas tábuas tinham sido recolhidas e postas de novo nas cavidades longas e estreitas, mesmo por baixo da secretária do professor. Mas um erro fatal fora cometido e quando se deram conta do mesmo, era já tarde de mais para que o pudessem reparar. Uma das tábuas, devido a toda essa pressa, fora colocada *ao contrário*.

Sobre a própria secretária, esse peso semelhante a um cão negro ainda ressonava. Mesmo o agudo grito de alerta não lhe causara mais do que um breve tremor no corpo.

Qualquer rapaz que estivesse na fila da frente, se achasse ter sido possível chegar junto da secretária do professor e voltar a sentar-se, antes da entrada de Deadyawn e do restante pessoal, teria retirado as pregas da beca de Bellgrove da cabeça adormecida que ele mantinha suspensa nas mãos, apoiando os cotovelos no tampo da secretária e teria abanado esse professor para que ele readquirisse alguma espécie de consciência, pois, de facto, a coisa negra e sem formas era na verdade esse velho mestre, perdido por baixo do toldo da sua beca, que os alunos lhe tinham colocado na cabeça, como era já hábito sempre que ele adormecia.

Mas não houvera tempo. O chiar das rodas parara. Ouviu-se um restolhar de passadas logo que os professores se reuniram por detrás do seu chefe e a maçaneta da porta já começara a rodar.

Quando a porta se abriu, cerca de trinta rapazes poderiam ser vistos a escrever muito empenhadamente, com os sobrolhos franzidos de concentração.

Houve por instantes um silêncio duvidoso.

E depois a voz do contínuo, o Sr. Mosca, gritou por detrás da cadeira de Deadyawn:

«Eis aqui o Sr. Reitor!» E toda a turma se pôs de pé. Todos excepto Bellgrove.

As rodas começaram a chiar novamente à medida que a cadeira era empurrada por uma das áleas entre carteiras, com o chão cheio de manchas de tinta.

Por essa altura já os professores, com os seus chapéus de topos quadrados, tinham seguido o reitor até ao centro dessa sala de aula e, sob esses

mesmos chapéus, os rostos de Opus Fluke, Spiregrain, Perch-Prism, Throd, Flannelcat, Shred e Shimmer, Cutflower e dos outros professores eram facilmente reconhecíveis. Deadyawn, que fazia uma ronda pelas salas de aula, após ter inspeccionado cada uma delas, tinha mandado os rapazes para o recreio das pedras vermelhas e juntado a ele os professores, de modo que nessa altura todo o pessoal o seguia. Os rapazes, em breve seriam espalhados em leque e enviados em busca de Titus durante o dia. Efectivamente, fora o seu desaparecimento o que causara toda essa actividade sem precedentes.

Que tamanha bênção que alguém possa ignorar o seu futuro imediato! Como teria sido terrível e paralisante se todos os presentes pudessem ter conhecimento do que estava prestes a acontecer dentro de segundos! Pois nada para além de uma informação prévia teria evitado essa ocorrência com que tão rapidamente se depararam.

Os professores ainda estavam de pé e o Sr. Mosca, o contínuo que tinha chegado ao fundo dessa álea entre as carteiras, estava quase a virar a cadeira alta para a esquerda e a acomodá-la junto à secretária de Bellgrove, onde Deadyawn poderia falar com esse idoso docente, quando a calamidade ocorreu, fazendo com que todos se esquecessem do desaparecimento de Titus. Pois o Mosca escorregara! Os seus pés tinham-lhe deslizado por baixo do corpo ágil. A sua arrogante maneira de andar transformara-se subitamente numa espalhada confusão de pernas, que se debatiam como as de uma rã. Porém, apesar desse esforço, ele não conseguia encontrar nesse chão escorregadio um ponto de aderência, pois caminhara sobre a fatal tábuca que fora aí posta — ao contrário — sob a secretária de Bellgrove.

O Mosca não teve tempo de largar a cadeira alta. Esta oscilava por cima dele como uma torre. Depois, enquanto a fila de membros do pessoal docente olhava por cima dos ombros uns dos outros e os rapazes permaneciam imóveis nas suas carteiras, algo ainda mais chocante do que seria de esperar desenrolou-se diante deles.

De facto, no momento em que o Mosca caiu nessas tábuas, as rodas dessa cadeira rodaram doidamente num guincho final e essa periclitante peça de mobiliário inclinou-se doidamente. Do alto, algo fora atirado pelo ar! Era Deadyawn!

Este baixara de uma zona perto do tecto como um visitante de um outro planeta, ou da vastidão cósmica do espaço e, com todos os signos de Zodíaco a flutuarem em torno dele, caiu no chão.

Se ele ao menos tivesse uma longa trombeta de latão junto aos lábios e o poder de arquear as costas ao aproximar-se das tábuas do chão, deslizando pela sala e por cima das cabeças dos professores numa confusão de pedaços de pano; se pudesse flutuar através das folhas da árvore gigantesca

e por cima da espinha de Gormenghast para desaparecer para sempre do mundo racional — então, se ele tivesse tido o poder para o pôr em prática, esse horrível som, teria sido evitado: esse som por demais tremendo e doentio de que nenhum rapaz ou professor, que o ouviu nessa manhã, alguma vez se poderá esquecer. Esse som escurecia o coração e o cérebro. Escurecia a própria luz do sol de Verão nessa sala de aula.

Mas não fora suficiente que os ouvidos de todos se surpreendessem ao ouvirem o som de um crânio a estalar como se fosse um ovo, pois, como se tudo estivesse combinado para produzir um máximo de horror, o Destino quisera que o reitor, ao cair perfeitamente na vertical, batesse no chão com o topo da cabeça e ficasse de pernas para o ar, num horrendo equilíbrio, como se tivesse ficado inteiriçado devido a uma forma prematura de *rigor mortis*.

O macio, imponderável e flácido Deadyawn, esse super-símbolo de delegados deveres, de negação e apatia, parecia ter agora mais vida, de pernas para o ar, do que alguma vez parecera. Os seus membros, esticados num espasmo de morte, estavam extremamente musculados. O seu crânio fracturado parecia balançar um corpo que, de súbito, percebera a sua razão de viver.

O primeiro movimento, após a expressão de horror que percorreu toda essa ensolarada sala de aula, veio dos destroços do que em tempos fora essa cadeira alta.

O contínuo emergiu, com o cabelo ruivo em desalinho, os olhos muito abertos e os dentes a baterem de medo e de susto. Ao ver o seu amo de pernas para o ar, correu para a janela, já sem quaisquer traços de arrogância no modo de andar, tão ofendido no seu sentido de decoro que não haveria nada que ele desejasse mais fazer do que acabar depressa com a sua vida. Subindo ao parapeito da janela, o Mosca sentou-se nele com as pernas de fora e depois atirou-se para o pátio a cerca de trinta metros mais baixo.

Perch-Prism avançou por entre a fila de professores.

«Todos os rapazes se terão que dirigir imediatamente para o recreio das pedras vermelhas» disse ele com um voz fina e sincopada. «Todos os rapazes esperarão aí muito sossegados até lhes serem dadas instruções. Parsley!»

Um jovem professor, com a boca muito aberta e os olhos parados, deu um salto como se tivesse sido atingido por um raio. Desviou os olhos do invertido Deadyawn, mas não conseguia falar.

«Parsley!» voltou Perch-Prism a dizer, «irás encarregar-te de levar para aí a turma... e Chives, tu irás atrás. Depressa! Não percam tempo! Voltem-se para a porta, assim! Tu! Sim, tu, Sage Minor! E tu, Mint, ou lá como te chamas, mexam-me esse corpo! Rápido! Não há tempo a perder!»

Ainda embasbacados, os professores começaram a sair com as cabeças ainda voltadas por cima do ombro, olhando para o falecido reitor.

Três ou quatro docentes tinham-se restabelecido desse horrível choque inicial e estavam a ajudar Perch-Prism a evacuar a sala.

Por fim, já não havia rapazes nessa sala. O sol parecia brincar sobre as carteiras vazias, iluminava o rosto dos professores, mas parecia deixar as suas becas e os seus chapéus de topos quadrados tão negros como se apenas estes estivessem na sombra. Iluminava as solas das botas de Deadyawn que apontavam rigidamente para o tecto.

Perch-Prism, ao olhar para os professores, percebeu que lhe cabia agir. Os seus olhos negros como contas brilharam. Projectou em frente o seu pequeno maxilar. A sua cara redonda de bebé, semelhante a um leitão, estava pronta para intervir.

Perch-Prism abriu a pequena boca afectada, mas com um certo ar feroz e estava já pronto a chamar alguém que o viesse ajudar a retirar o cadáver dessa posição, quando uma voz abafada surgiu de um local que ninguém esperava. Parecia soar perto e longe ao mesmo tempo. Era difícil perceber as palavras, mas por momentos a voz tornou-se menos indistinta. «Não, não me parece, sou mesmo o...» dizia, «...o teu perdido amante, minha rainha, o Bellgrove que cuida de ti...» (essa voz arrastada continuou a ouvir-se no seu sonho) «... quando o leão investir... irei dar cabo da sua juba... rrr... ah... Quando as serpentes sibilarem na tua direcção, hei-de pisá-las... provavelmente... e enviar aves de rapina por toda a parte...»

Ouviu-se um longo assobio por debaixo de um amontoado de tecido e então, de repente, com uma breve tremura, essa massa invertebrada começou a desenrolar-se enquanto a cabeça lhe surgia lentamente de entre os braços. Antes de se ter libertado das últimas pregas da beca, Bellgrove voltou a sentar-se na sua cadeira professoral e, enquanto se debatia com as mãos para libertar a cabeça, a sua voz irrompeu da escuridão do tecido: «... Diz-me o nome de um istmo!» tonitroou. «Tinepott?... Quagfire?... Sparrowmarch?... Hagg?... Dankle?... O quê! Será que nenhum de vocês poderá nomear um istmo?»

Com um gesto brusco, desembaraçou a cabeça do último pedaço de tecido e aí estava o seu rosto fraco e nobre, tão nu e vulnerável como qualquer monstro das profundezas.

Demorou ainda algum tempo até os seus olhos de um azul-pálido se habituassem à luz. Levantou a sua testa escultural e pestanejou. «Digam-me o nome de um istmo» repetiu. Mas com uma voz menos interessada, pois começava a dar-se conta do profundo silêncio dessa sala.

«Nomeiem... um... istmo!»

Os seus olhos já se tinham acostumado suficientemente para ele poder ver, mesmo à sua frente, o corpo do reitor equilibrado na cabeça.

Nesse silêncio peculiar, a sua atenção fora de tal modo atraída por essa aparição diante dele, que nem sequer reparou na ausência dos alunos.

Levantou-se e mordeu os nós dos dedos, com a cabeça muito inclinada para a frente. Em seguida recolheu-a e abanou-a, como um cão, para depois se voltar a debruçar e a olhar em frente. Desejara então estar ainda a dormir. Mas não, aquilo não era um sonho. Não sabia que o reitor tinha morrido, de modo que (pensando que uma mudança fundamental ocorreria na psique de Deadyawn e que este estava a mostrar-lhe esse acto de equilíbrio num acesso de auto-revelação) ele (Bellgrove) começou a bater palmas com as suas mãos enormes e finamente esculpidas, um pouco aos solavancos, e mantendo no rosto uma expressão intrigada e surpreendida. Tinha agora os ombros recuados e a cabeça muito inclinada para trás, a testa altiva e o indicador da mão direita nos lábios. A linha da sua boca elevava-se de ambos os lados, mas essa curva poderia também ter sido para baixo, pois não conseguia disfarçar a sua consternação.

As palmas que ia batendo pareciam extremamente solitárias e ecoavam por toda a sala. Voltou a cabeça para a turma, como se em busca de apoio ou de uma explicação. Não encontrou nem uma coisa nem outra, apenas o vazio infinito das carteiras abandonadas, com grandes colunas de luz solar, incidindo obliquamente sobre elas.

Pôs as mãos na cabeça e sentou-se de súbito.

«Bellgrove» uma voz muito clara e directa, mesmo por detrás dele, fez com que se voltasse. Aí, em duas filas paralelas, silenciosos como Deadyawn ou as carteiras vazias, estavam os professores de Gormenghast, como um coro masculino ou uma farsa acerca do Dia do Juízo Final.

Bellgrove cambaleou e passou a mão pela testa.

«A própria vida é um istmo» disse uma voz a seu lado.

Bellgrove voltou a cabeça. Tinha a boca entreaberta e os dentes caridos expostos num sorriso nervoso.

«Que é aquilo?» perguntou ele, pegando na beca do interlocutor perto do ombro e puxando-a para a frente.

«Domina-te» disse a voz, a de Shred. «Trata-se de uma beca nova. Muito obrigado. A vida é um istmo, disse eu.»

«Mas porquê?» tartamudeou Bellgrove, com um olho ainda fixo em Deadyawn. De facto, não estava a ouvir ninguém.

«E ainda me perguntas *porquê?*» respondeu Shred. «Vamos, pensa! O Sr. Reitor ali» disse ele (fazendo um ligeira vénia na direcção do cadáver) «está neste momento no segundo continente. No continente da Morte. Mas muito antes de ele ter...»

O Sr. Shred foi interrompido por Perch-Prism. «Fluke» gritou ele, «não te importas de me dar uma mãozinha?» Mas apesar de todos os esforços, pouca coisa poderiam fazer a Deadyawn senão pô-lo de cabeça para cima. Sentá-lo no cadeirão de Bellgrove, antes de o levarem para a morgue dos professores, foi algo que fizeram, embora fosse mais um caso de encostarem o reitor *contra* a cadeira do que *sentá-lo nela*, pois Deadyawn estava tão rígido como uma estrela-do-mar.

Mas compuseram-lhe a bata cuidadosamente em torno do corpo. Cobriram-lhe o rosto com um trapo de apagar o quadro e, quando por fim encontraram o seu chapéu de topo quadrado entre os destroços da cadeira alta, puseram-lho com todo o decoro na cabeça.

«Meus senhores» disse Perch-Prism, quando já estavam na Sala Comum, depois de um membro mais novo do pessoal docente ter ido buscar o médico, o cangalheiro e se ter dirigido ao recreio das pedras vermelhas, para informar todos de que o resto do dia seria passado na busca organizada de Titus. «Meus senhores» disse Perch-Prism. «Há duas coisas extremamente importantes. A primeira é que a busca do jovem Conde terá que ser iniciada de imediato apesar desta interrupção; a segunda é que se faça já a votação para o futuro reitor, para evitarmos a anarquia. «Na minha opinião» disse Perch-Prism, com as mãos a roçarem-lhe pelos galões nos ombros da beca, enquanto se balançava ligeiramente nos pés. «Na minha opinião a escolha deverá recair, como sempre, no membro mais velho do pessoal, *não importa quais possam ser as suas qualificações.*»

Todos concordaram com isso, pois todos eles entreviam já um futuro ainda mais preguiçoso cheio de indolentes paisagens. Apenas Bellgrove estava irritado, dado que, depois de sentir o seu orgulho ofendido, se sentia ainda ressentido com o facto de ser Perch-Prism quem tomava conta dessa questão. Como provável reitor, deveria ter sido ele a tomar a iniciativa.

«Que queres tu dizer com “não importa quais possam ser as suas qualificações”? Raios te partam, Prism!» resmungou ele.

Uma tremenda convulsão, no centro da sala em que o Sr. Opus Fluke se refastelava num dos cadeirões, revelava o modo como esses cavalheiros estavam com dificuldade em respirar.

Ele estava a rir-se a bandeiras despregadas, em altas gargalhadas como cem cães, mas não conseguia fazer um único som. Balançava-se e abanava o corpo, com as lágrimas a escorrerem-lhe pelo rosto cru e masculino, o queixo era como um pedaço de pão que apontasse para o tecto.

Bellgrove, desviando o olhar de Perch-Prism, observou o Sr. Fluke. A sua nobre cabeça ficara mais corada, mas, de repente, ficou sem pinta de